

A Adaptação da Rádio Informativa à Pandemia: o caso da Antena 1

André Ribeiro Blayer Góis

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial para a
obtenção do grau de Mestre em Jornalismo

Orientadora:

Professora Doutora Fátima Lopes Cardoso, Professora Adjunta,
Escola Superior de Comunicação Social,
Instituto Politécnico de Lisboa

Outubro, 2021

Resumo

O presente relatório pretende expor as atividades desenvolvidas no âmbito de um estágio realizado na Antena 1 e compreender o modo como esta rádio, perante todos os desafios, se adaptou à situação de pandemia COVID-19.

Através da experiência do estágio, da aplicação de inquéritos aos profissionais da rádio e de entrevistas semiestruturadas, tentámos perceber que alterações é que as rotinas de produção jornalísticas sofreram, de que forma é que a tomada de decisão se viu afetada, se a qualidade do conteúdo noticioso teve algum decréscimo e o modo como os jornalistas da Antena 1 percecionaram todas estas mudanças.

Este relatório de estágio pretende, além de relatar as experiências vividas durante o seu decorrer, fazer uma análise à adaptação que as exigências da pandemia COVID-19 apresentaram a um meio que sempre mostrou resiliência e se superou em situações de catástrofes e desgraças, como aquela em que ainda hoje vivemos.

Palavras-Chave: Rádio; COVID-19; Adaptação; Antena 1; Jornalismo radiofónico.



Abstract

The following report intends to present the activities developed during an internship at Antena 1 as well as to understand how this Portuguese radio has adapted to all the challenges the COVID-19 pandemic has arisen.

Through the internship experience, inquiries and semistructured interviews made to radio professionals, we tried to understand what changes occurred in the journalistic production routines, how was the decision-making process affected, if the news content's quality decreased and how did the journalists from Antena 1 perceive all these changes.

This internship report aims not only to describe the activities developed, but also to analyze how this radio has adapted to the demands of the COVID-19 pandemic, knowing that radio itself has always shown resilience and overcome itself in catastrophic situations like the one we still live in.

Keywords: Radio; COVID-19; Adaptation; Antena 1; Radio journalism.



Declaração Anti Plágio

Declaro ser o autor do presente trabalho, que é uma parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo. Este Relatório de Estágio, constitui um trabalho original, que nunca foi submetido no seu todo ou em qualquer das partes a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou outra habilitação.

Certifico também que todas as citações estão devidamente identificadas e acrescento que tenho consciência de que o plágio poderá levar à anulação deste trabalho.

Outubro 2021

O candidato,

André Ribeiro Blayer Góis

(André Ribeiro Blayer Góis)



Agradecimentos

Aos meus pais, por me acompanharem, apoiarem e incentivarem em todos os caminhos que tenho escolhido seguir.

À minha família, por também estar sempre do meu lado. Em especial, ao meu avô materno, que não pode estar presente, mas sem o qual todo este caminho nunca teria sido possível.

À minha namorada, que passou esta fase da vida ao meu lado, a quem muito socorri e que tanto me apoiou.

Aos meus amigos, por terem sido pacientes e por me terem incentivado a concretizar mais uma etapa.

À minha orientadora, Professora Fátima Lopes Cardoso, pela paciência, pela disponibilidade e pela atenção que sempre teve.

A toda a equipa da Antena 1, com quem cresci pessoal e profissionalmente.



Índice

1. Introdução.....	9
2. Enquadramento Teórico	10
<u>2.1. A entidade acolhedora – A RTP</u>	<u>10</u>
2.1.1. Uma breve história	10
2.1.2. A Radiodifusão Portuguesa - RDP.....	11
2.1.3. A Radiotelevisão Portuguesa - RTP.....	12
<u>2.2. As características radiofónicas</u>	<u>12</u>
<u>2.3. A rádio em Portugal.....</u>	<u>16</u>
<u>2.4. O online na Rádio</u>	<u>20</u>
<u>2.5. A influência da pandemia no jornalismo.....</u>	<u>25</u>
3. Métodos e técnicas de investigação	32
4. O Estágio na Antena 1.....	33
<u>4.1. Breve introdução à experiência na rádio</u>	<u>33</u>
<u>4.2. Os primeiros passos</u>	<u>34</u>
<u>4.3. Os turnos e as tarefas desempenhadas.....</u>	<u>35</u>
4.3.1. Manhã 2.....	35
4.3.2. Tarde.....	36
4.3.3. Desporto	38
<u>4.4. Uma reflexão sobre o estágio</u>	<u>40</u>
5. A rádio e a pandemia na perspetiva dos jornalistas da Antena 1	42
6. Conclusões	73
<u>6.1. A experiência na Antena 1.....</u>	<u>73</u>
<u>6.2. A pandemia na Antena 1</u>	<u>74</u>
Bibliografia e Webgrafia	81
Anexos e Apêndices	86
<u>Anexo 1 – Declaração de Estágio.....</u>	<u>86</u>
<u>Apêndice 1 – Inquérito por questionário “Adaptação da Rádio Informativa à pandemia COVID-19: o caso da Antena 1”</u>	<u>87</u>
<u>Apêndice 2 – Guiões das Entrevistas</u>	<u>94</u>
<u>Apêndice 3 - Entrevista a José Carlos Lopes, jornalista da Antena 1</u>	<u>96</u>
<u>Apêndice 4 - Entrevista a Mário Galego, jornalista da Antena 1</u>	<u>105</u>
<u>Apêndice 5 - Entrevista a David Carvalho, jornalista da Antena 1</u>	<u>112</u>



_Apêndice 6 – Entrevista a Maria de São José, subdiretora de Informação da Rádio –
Antena 1, 2, 3, RDP Internacional e RDP África. 120

Índice de Figuras

Figura 1 - Representação do sexo dos inquiridos	42
Figura 2 - Representação da idade dos inquiridos	43
Figura 3 - Representação das habilitações literárias dos inquiridos	44
Figura 4 - Respostas à afirmação: “No geral, o jornalismo ficou mais fácil com a pandemia”	44
Figura 5 - Respostas à afirmação “A minha adaptação ao trabalho durante a pandemia foi fácil”	45
Figura 6 - Respostas à afirmação: “Vi-me obrigado a adaptar a minha forma de trabalhar por causa da pandemia”	46
Figura 7 - Respostas à afirmação: “No geral, a rádio adaptou-se bem à nova realidade imposta pela pandemia”	46
Figura 8 - Respostas à afirmação: “Com a pandemia, a rádio alterou o conteúdo que oferecia aos seus ouvintes”	47
Figura 9 - Respostas à afirmação: “Com a pandemia, a rádio ganhou novas formas de produzir conteúdo que não se vão alterar num futuro pós-pandemia”	47
Figura 10 - Respostas à afirmação: “O conteúdo noticioso empobreceu com a pandemia”	48
Figura 11 - Respostas à afirmação: “Houve uma monotonia nas temáticas abordadas no noticiário do órgão de comunicação social”	49
Figura 12 - Respostas à afirmação: “Houve uma monotonia nas temáticas abordadas no noticiário”	49
Figura 13 - Respostas à afirmação: “Houve uma redução significativa no número de idas ao terreno com a pandemia”	50
Figura 14 - Respostas à afirmação: “O contacto com as fontes ficou dificultado com a pandemia”	50
Figura 15 - Respostas à afirmação: “A pandemia tornou mais difícil assegurar a veracidade dos conteúdos com que me deparava”	51
Figura 16 - Respostas à afirmação: “A qualidade sonora piorou significativamente com os constrangimentos da pandemia”	52



Figura 17 - Respostas à afirmação: “Por vezes não utilizei um som de um entrevistado pela má qualidade que este apresentava”	52
Figura 18 - Respostas à afirmação: “A impossibilidade de observar a linguagem corporal do entrevistado prejudicou a informação”	53
Figura 19 - Respostas à afirmação: “A linguagem corporal do entrevistado era uma parte importante no dia-a-dia da rádio”	53
Figura 20 - Respostas à afirmação: “O uso do som ambiente perdeu-se durante a pandemia”	54
Figura 21 - Respostas à afirmação: “As ferramentas e aplicações online (whatsapp, facebook, etc) tornaram-se mais importantes para o trabalho jornalístico com a pandemia”	55
Figura 22 - Respostas à afirmação: “A pandemia reforçou a importância do online (<i>websites</i> e redes sociais)”	55
Figura 23 - Respostas às afirmações: “O online ganhou maior importância como ferramenta para retirar informações” e “O online tornou-se a principal ferramenta de onde retiro sons”	56
Figura 24 - Respostas à afirmação: “A introdução e maior ocorrência de conferências online ou <i>webinars</i> facilitou a profissão”	57
Figura 25 - Respostas à afirmação: “As conferências online e <i>webinars</i> vieram a desvalorizar a presença de figuras importantes”	58
Figura 26 - Respostas à afirmação: “Numa escala de 1 a 4, como avalia a adaptação da redação à pandemia COVID-19?”	58
Figura 27 - Respostas à pergunta: “Está satisfeito com a forma como a direção da empresa lidou com a COVID-19?”	59
Figura 28 - Respostas à afirmação: “Com a pandemia, a rádio desvirtuou-se do tradicional”	60
Figura 29 - Respostas à afirmação: “Considero que o jornalismo ganhou nova relevância com a pandemia”	60

1. Introdução

A pandemia global da Covid-19 resultou, em poucos meses, numa crise de saúde pública e numa calamidade económica sem precedentes, com mortes, empregos perdidos e medidas de confinamento e distanciamento social que vão ter efeitos e ameaçam persistir muito além de 2021 (Lewis, 2020, p. 1). Os meios de comunicação social não escaparam à crise e também tiveram de enfrentar dificuldades proporcionadas pela pandemia, ao que a rádio não é exceção.

Se é facto que este período que o mundo está a atravessar desde o começo de 2020 tem destacado o jornalismo perante uma renovada oportunidade de reconhecimento e de reconquista de públicos, por outro, também o coloca diante de constrangimentos financeiros graves (Camponez et al, 2020, p. 3).

A rádio pode ser um dos *media* que mais tende a perder indiretamente com o fenómeno do coronavírus, por ser fundamentalmente um meio utilizado nas deslocações para o local de trabalho (Quintanilha, Cardoso, Paisana, Pais e Baldi, 2020, p. 8). Com o decretar do Estado de Emergência, a 18 de março, e a respetiva obrigatoriedade de permanecer em casa, estas deslocações foram reduzidas consideravelmente, o que se poderia traduzir numa quebra de audiências na rádio em Portugal.

Para muitos jornalistas, as suas habitações substituíram as redações no desempenho das suas funções, além do aumento do número de profissionais que pararam de fazer reportagem e ainda da percentagem significativa que foi colocada em *lay-off*, vendo os seus rendimentos ou os do seu agregado a diminuir (Camponez et al, 2020, p. III). A situação generalizada de pandemia trouxe várias implicações para os profissionais e para os órgãos de comunicação social, numa nova realidade que se tem provado mais um teste aos *media* e, em particular, à rádio.

De um momento para o outro os jornalistas viram-se obrigados a adaptar o seu modo de trabalho, em alguns casos improvisando estúdios em casa, ou mesmo a encontrar novas formas de chegar às fontes, com as quais o contacto foi reduzido. Mediante todos os constrangimentos provocados pela pandemia, a capacidade de adaptação da rádio e dos seus trabalhadores voltou, uma vez mais, a ser posta à prova numa circunstância sem precedentes.

Para a prossecução da presente dissertação, foi realizado um estágio na rádio de serviço público, a Antena 1, entre o dia 3 de maio e 13 de agosto de 2021, onde se pretendeu compreender a forma como esta rádio, perante todos os desafios, se adaptou à situação de pandemia COVID-19. A resposta a esta pergunta passa por vários objetivos, como uma compreensão das alterações que o trabalho jornalístico na Antena 1 sofreu com a pandemia; perceber a forma como a tomada de decisão nesta rádio foi influenciada perante a COVID-19; aferir se a qualidade da informação jornalística da estação de serviço público ficou condicionada com a pandemia; compreender a forma como os jornalistas da Antena 1 percecionam as mudanças que se fizeram sentir.

2. Enquadramento Teórico

2.1. A entidade acolhedora – A RTP

2.1.1. Uma breve história

As emissões regulares de rádio, a cargo da Emissora Nacional, com início a partir de 1935, foram o ponto de partida para aquela que se viria a tornar na Radiodifusão Portuguesa (RDP), em dezembro de 1975, da qual faz parte a referida Emissora Nacional e o Rádio Clube Português. A televisão começou as suas emissões regulares em 1957, constituindo a RTP – Radiotelevisão Portuguesa. A RTP *online*, por sua vez, arrancou em 1997 e, mais tarde, em 2004, ocorreu uma reorganização dos serviços públicos de comunicação, que culminou na criação da Rádio e Televisão de Portugal, SA, que englobou a RDP, RTP e o *online*¹.

No seu conjunto, a RTP é uma empresa que está presente em várias delegações espalhadas um pouco por todo o país. Além da sede, localizada em Lisboa, na Avenida Marechal Gomes da Costa, acrescem ainda diversas instalações um pouco por todo o território nacional, destacando-se o Centro de Produção do Porto. Também existem centros de emissão regionais e delegações em outros pontos do país, como em Coimbra ou em Faro, por exemplo, e ainda os centros de emissão das regiões autónomas, a RTP Açores e a RTP Madeira. No que diz respeito à presença internacional, a televisão estatal tem correspondentes em cidades como Madrid, Bruxelas, Moscovo, Washington,

¹ RTP, disponível em: https://www.rtp.pt/antena1/historia/cronologia_11096, consultado a 14 de setembro de 2021.



entre outras². No final de 2020, a RTP empregava 1 786 trabalhadores, dos quais 1068 são do sexo masculino e 718 são do sexo feminino³. Deste total, 25,3% correspondem a jornalistas.

2.1.2. A Radiodifusão Portuguesa - RDP

No que diz respeito ao elemento principal deste estudo, podemos identificar a RDP como a responsável pela “prestação do serviço público de rádio”, tal como se pode ler nos Estatutos da Rádio e Televisão Portuguesa, S. A⁴.

Além disso, deve abranger conteúdos e serviços de programas que sejam generalistas e temáticos, e que permitam um acesso livre, incluindo as suas respetivas emissões online. Como tal, a quantidade oferecida pela rádio de serviço público é notória, dividindo-se, atualmente, em três principais: Antena 1; Antena 2 e Antena 3. De forma sucinta, estas duas últimas Antenas são as rádios de índole cultural e para o público mais jovem, respetivamente, conforme se estabelece no Guia Ético da RTP⁵. Quanto à Antena 1, o local de estágio e de avaliação principal, constitui-se como um “serviço de programas nacional de carácter generalista” (p. 8), concentrando em si uma forte componente informativa e de entretenimento para a generalidade da população. Deve, de igual modo, estar atenta à realidade das diversas regiões do país e divulgar música portuguesa, “manifestações culturais, desportivas e outras, de grande interesse do público” (p. 8).

Importa ainda referir a existência dos serviços de programas dedicados especificamente às Regiões Autónomas: da RDP Açores e a RDP Madeira. Esta última desdobra-se em Antena 1 Madeira e Antena 3 Madeira; há ainda a RDP África e RDP Internacional, que pretendem levar as emissões às comunidades portuguesas e de

² Relatório e Contas 2020, RTP, disponível em: <https://cdn-images.rtp.pt/mcm/pdf/12e/12edc25108e49f65954880d8cb6359401.pdf>, consultado a 14 de setembro de 2021.

³ Plano de Igualdade de Género 2021, RTP, disponível em: <https://media.rtp.pt/empresa/wp-content/uploads/sites/31/2021/01/Plano-Igualdade-de-Ge%CC%81nero-RTP-2021.pdf>, consultado a 14 de setembro de 2021.

⁴ Estatutos da Rádio e Televisão de Portugal, disponível em: <https://media.rtp.pt/empresa/wp-content/uploads/sites/31/2015/07/estatutosRTP-1.pdf>, consultado a 15 de outubro de 2021.

⁵ Guia Ético e Editorial da RTP, disponível em: <http://cdn-images.rtp.pt/mcm/pdf/e72/e72f275f3d2a2a813d953aa6abdd2da41.pdf>, consultado a 15 de outubro de 2021.

residentes no estrangeiro. No caso da RDP África, o objetivo é o de “promover a valorização da língua (...) assim como dos aspetos culturais específicos de cada país”⁶.

A este serviço radiofónico acrescentam-se outras complementaridades do *online*, como é o caso da Antena 1 Fado; Antena 1 Lusitânia; Antena 1 Memória; Antena 1 Vida; Antena 2 Jazz In; Antena 2 Ópera, entre outras, que valorizam o serviço da rádio *online*⁷.

2.1.3. A Radiotelevisão Portuguesa - RTP

A Rádio e Televisão de Portugal compromete-se, na sua missão de serviço público, a diversificar a sua oferta e a primar pela qualidade, não só na rádio, com as diferentes estações, mas também no *online* e na televisão⁸.

No que toca à televisão, é possível identificar vários canais com conteúdo diferente e para públicos diferentes, sendo eles: a RTP 1, RTP 2 e RTP 3. Destes três, destaque-se a RTP 1 como o “primeiro serviço de programas generalista de âmbito nacional dirigido ao grande público”⁹ e deve atribuir importância ao entretenimento, programas culturais e de sensibilização, de expressão portuguesa.

Além destes, adianta o Guia Ético da RTP, existem ainda, à semelhança do que acontece na rádio, os serviços de programas dedicados às Regiões Autónomas, a RTP Açores e RTP Madeira. Esta oferta televisiva complementa-se ainda com a RTP Memória, com o intuito de promover o conhecimento da história mundial e portuguesa, a RTP África e, a RTP Internacional, cujo propósito é o de ligação entre o território nacional e as comunidades que residem no estrangeiro, através de uma programação que promova a língua e a cultura portuguesa.

2.2. As características radiofónicas

Enquanto meio de comunicação, a rádio possui características que a diferenciam da imprensa e da televisão. Além das suas emissões tradicionais estarem baseadas única

⁶ Guia Ético e Editorial da RTP, disponível em: <http://cdn-images.rtp.pt/mcm/pdf/e72/e72f275f3d2a2a813d953aa6abdd2da41.pdf>, consultado a 15 de outubro de 2021.

⁷ RTP, disponível em: <https://www.rtp.pt/radio/>, consultado a 16 de setembro de 2021.

⁸ RTP, disponível em: <https://media.rtp.pt/empresa/rtp/missao/>, consultado a 16 de setembro de 2021.

⁹ Guia Ético e Editorial da RTP, disponível em: <http://cdn-images.rtp.pt/mcm/pdf/e72/e72f275f3d2a2a813d953aa6abdd2da41.pdf>, consultado a 15 de outubro de 2021



e exclusivamente no som, é também o meio predileto para o caso de catástrofes, uma vez que apresenta uma vantagem por comparação à concorrência: a rádio chega a locais a que os outros não conseguem, pela facilidade que tem em transmitir de e para as zonas mais remotas.

É um meio muito rico, com uma narrativa singular, onde o desafio do jornalista é o de transformar os acontecimentos em som, seja através da sua voz, da palavra de outras pessoas ou de diversos elementos que o integram. Para Marshall McLuhan (2000), a rádio consegue afetar os seus ouvintes a um nível pessoal, oferecendo uma experiência diferente para cada um deles (p. 336). É o meio que mais tem influência na mensagem, com particularidades próprias.

Um desses elementos distintivos é a acumulação, isto é, a possibilidade de se poder ouvir rádio enquanto se realiza outra atividade como uma delas. O ouvinte depende apenas de um sentido, a audição, para acompanhar qualquer emissão radiofónica, algo que, segundo Meneses (2016), torna a ligação aos conteúdos menos forte (p. 7). Isto porque o ouvinte, no carro ou a correr, provavelmente não vai retroceder na emissão para ouvir o que não conseguiu perceber, visto ser um meio tradicionalmente imediato e irrepetível (Cordeiro, 2005a, p. 443), mesmo que a tecnologia venha a banalizar essa funcionalidade.

Meneses (2016) aborda também a escrita na rádio, outro dos elementos diferenciadores, referindo que “um bom texto de imprensa será quase sempre um mau texto de rádio; e um bom texto escrito para ser lido na rádio dificilmente será para uma publicação na imprensa” (Meneses, 2016, p. 9).

Segundo o autor e também ex-jornalista da TSF, a rádio deve lutar contra os sinais de imprensa na escrita para as notícias, referindo como exemplo os números e o uso de citações em discurso direto no texto (p. 9). A estes acrescem ainda as palavras ou as expressões que podem ser evitadas: segundo; conforme; de registar que; entre outras, considerando-as como muletas e tiques da imprensa.

A escrita para rádio, para o ouvido, é, na perspetiva de João Paulo Meneses (2016), uma fórmula que concilia cinco conceitos, sendo eles a simplicidade, na medida em que deve evitar ter mais de duas ideias em cada frase, por exemplo; a clareza, isto é, ser claro no que se diz ao ouvinte mediante o tempo disponível e a informação que se tem para dar; o rigor, o que é dizer o mesmo que exatidão, precisão, evitando adjetivos e

não sacrificando a verdade dos factos a um título ou *lead* com força; a concisão, detalhe importante para a gestão de tempo, um dos maiores desafios de quem trabalha em rádio; e a variedade, no que diz respeito à linguagem, que não deve ser monótona, repetitiva ou desfasada (p. 14). A adoção destes cinco conceitos surge por forma a não criar ruído, conceito que também vai ser abordado neste capítulo.

Avançando para outra das características radiofónicas, McLuhan (2000) identifica a rádio como um sistema nervoso da informação, que está a acompanhar tudo o que se passa: a hora certa, as informações sobre o tráfego e sobre o tempo. Estas vêm enfatizar o poder que o meio tem em envolver as pessoas umas com as outras, que é o mesmo que acontece com a notícia (p. 335).

Este último conceito é abordado por João Paulo Meneses (2016), que o encara como o elemento nuclear do jornalismo radiofónico, aquele pelo qual passam todos os jornalistas e o ponto de partida para os restantes géneros jornalísticos (p. 21). A notícia de rádio segue, por norma, o esquema da pirâmide invertida, sendo o mais importante é agarrar a atenção do ouvinte.

O recurso a este esquema é ainda justificado pelo facto de suportar uma maior quantidade de dados em menos tempo, por permitir à rádio fazer face à concorrência e ser mais rápido a noticiar, por satisfazer a necessidade de avançar com uma informação acerca da qual ainda não se conhecem todos os detalhes e, por último, por respeitar a urgência do relato oral, já que no nosso quotidiano também não guardaríamos a informação mais importante para o fim (Meneses, 2016, p. 21).

Uma vez que toda a missão e, especificamente, os noticiários são construídos à base do som, pelo menos na rádio tradicional, o autor dedica-lhe um capítulo, na sua obra *Jornalismo Radiofónico*. Refere-se a som no sentido de informação produzida por quem trabalha na rádio, isto é, tudo o que se ouve, como os depoimentos e entrevistas, o som ambiente, os efeitos sonoros e a música. Ao som, o autor atribui três funções na informação radiofónica, sendo elas as de informar, dar credibilidade e introduzir ritmo ou emotividade, podendo estas três coexistir no mesmo segmento (p. 53). O som, por sua vez, pode ser perturbado por aquele que Meneses (2016) considera um dos maiores de problemas da rádio, o ruído: “tudo aquilo que é dito pelo jornalista e que pode fazer com que o ouvinte interrompa (...) a escuta da rádio” (Meneses, 2016, p. 71).

Ainda que não se possa descurar a existência de ruídos externos ao jornalista, como o buzinar de um carro, ou falhas de energia, por exemplo, basta uma frase mal formulada, uma expressão ambígua ou uma ideia demasiado complicada, para que o ouvinte se perca no raciocínio (Meneses, 2016, p. 73). Alguns exemplos disto são o uso do futuro, a dupla negativa, a escrita incorreta, o mau uso da língua, entre outros elementos que podem confundir.

Aquilo a que o autor caracteriza como som, Luís Bonixe (2012) refere-se como linguagem radiofónica, uma definição que engloba características já vistas, como a palavra, a música e os efeitos sonoros, incluindo ainda um novo elemento: o silêncio (p. 33). De forma sucinta, a presença deste na rádio é fundamental, uma vez que sem ele a compreensão da mensagem seria muito difícil (Bonixe, 2012, p. 40).

Outro dos pontos mais importantes é o direto que, de todos os meios, é na rádio onde melhor pode ser potenciado, pela facilidade em consegui-lo (Meneses, 2016, p. 97). A rádio nasceu em direto, com a tecnologia a permitir a sua passagem para um registo diferente, em convivência com o direto, que deixava aproveitar várias potencialidades, anulando desvantagens e conciliando méritos.

Um exemplo, referenciado por Bonixe (2012), é que entrar em direto é uma forma de ultrapassar a pressão do tempo, pura e simplesmente ao dizer o que se está a passar, o mais rápido que se conseguir e, quando possível, antes da concorrência (p. 52).

Mesmo assim, o direto pode ser encarado como uma tentação perigosa. Responde a desejos imediatos dos ouvintes, mas possui custos elevados a médio-prazo. Exige, por isso, uma gestão cuidadosa dos momentos do direto que, para Meneses (2016), devem ser em situações específicas, como de exceção, quando a expectativa dos ouvintes é elevada; quando há algum evento importante que não pode ser reproduzido; quando há algo que acaba de acontecer e não existe tempo para gravar, ainda que seja relevante noticiá-lo no momento; um depoimento no imediato (p. 98). O direto exige uma avaliação rigorosa e uma gestão cautelosa. Não deixa, no entanto, de ser vantajoso, porque é o modo mais próximo e comunicativo com o ouvinte.

Além destas características mais técnicas, importa, no âmbito deste capítulo, caracterizar a tipologia radiofónica em Portugal. Segundo Paula Cordeiro (2005b), o universo da rádio pode ser catalogado quanto ao seu nível da cobertura, classificando-se como nacionais, regionais ou locais (p. 2). Além disso, as rádios são, segundo a autora e



a ERC (Entidade Reguladora para a Comunicação Social), divididas em generalistas e temáticas, havendo diferenciações dentro das rádios temáticas: à data de redação deste documento, são 328 rádios registadas, as quais estão divididas em temáticas culturais, desportivas informativas, informativas, musicais, religiosas, segmentos de público e universitárias¹⁰.

Este estudo visa uma das rádios temáticas, a rádio informativa que, conforme avança Meditsch (1999), põe em contacto os sítios mais remotos do interior, sendo um serviço praticamente sempre gratuito, que não monopoliza a atenção do público, nem toma o tempo do ouvinte (p. 21). Revolucionaria a ideia de reportagem com transmissões ao vivo, como mencionado, aprofunda e contrapõe ideias e opiniões com facilidade, mesmo sem o auxílio da palavra escrita e sem imagem.

2.3. A rádio em Portugal

Foi na década de 20 que a rádio começou a tomar os seus primeiros contornos em Portugal. A importância deste surgimento fala por si, num contexto em que apenas com 35% da população portuguesa de idade igual ou superior a 10 anos era alfabetizada (Candeias, 2005, p. 494). Apesar da iliteracia elevada não ser um bom indicador, foi um marco ideal para o estabelecimento de um meio que não obriga a saber ler.

Alguns comerciantes e funcionários públicos começaram a experimentar difundir pequenos programas na década de 1920 (Santos, 2015, p. 21). A primeira estação a ter emissões regulares foi a CT1AA – Rádio Portugal, nome dado pelos Correios, entidade oficial com permissão para autorizar frequências de emissão, que emitia alguns programas de música clássica e palestras (Santos, 2015, p. 21). O autor refere que, nesta altura, ainda não havia a noção de continuidade na programação, existindo apenas emissões durante um período de duas a três horas diárias.

A tendência de criação de emissoras manteve-se até 1930, entre as quais se destaca a criação do Rádio Clube Português, no começo da década. No entanto, a chegada do Estado Novo, regime político instituído por António de Oliveira Salazar, teve consequências no desenho social e cultural dos radialistas (Figueiredo, 2019; Santos, 2003; Santos, 2015).

¹⁰ Listagem de Operadores Radiofónicos – Ativos, ERC, disponível em: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/112NQ9aJNv-Pp6rIVAXmMJAIOWyZFOygFPcbOIGAtpXU/edit#gid=858557131>

Em 1935, o Estado Novo foi responsável por emissões regulares de rádio através da Emissora Nacional, estação instrumentalizada como a entidade de propaganda ao serviço do regime político português. Este contava com um serviço de censura prévia às emissões de rádio, protegendo permanentemente as ideias expostas pela pureza doutrinária e pela defesa da moral e dos bons costumes (Cordeiro, 2004b, p. 2). À novidade da escuta da rádio, um novo meio, acresceu o monopólio da comunicação, que fortaleceu o poder de Salazar. Além das palestras políticas, a Emissora também remodelou orquestras e organizou programas de música em consonância com a ideia de entretenimento (Santos, 2015, p. 23). Aliás, a rádio cumpria, nesta altura, uma função de distração à população, fazendo-a esquecer da situação a que o país estava sujeito, através do entretenimento.

Conforme já referido no presente capítulo, um dos momentos importantes do começo da década de 30 foi a criação da Rádio Clube Português. Em 1934, foi passado o testemunho da estação CT1AA, até então a de maior relevância em Portugal, para o Rádio Clube Português, cuja estratégia se montou pela herança do prestígio e qualidade da CT1AA (Santos, 2003, p. 3). A Rádio Clube Português viria a ser uma das mais importantes estações comerciais, que alargou a sua influência através do peso político e da publicidade nos programas que se manteve durante os anos da II Guerra Mundial (Santos, 2015, p. 24).

Outra das rádios que surgiu na década de 30 e que também se manteve durante a II Guerra Mundial foi a Rádio Renascença (Figueiredo, 2019, p. 10). Esta emissora, ligada à Igreja Católica, começou a transmitir desde 1937 e conseguiu manter as suas contas equilibradas durante o período da guerra, o que lhe permitiria crescer mais tarde, na década de 60 (Santos, 2015, p. 24). Saliente-se ainda que a Rádio Renascença e a Rádio Clube Português conseguiram manter-se ativas também graças à partilha de ideologia entre os responsáveis das rádios e o Estado (Oliveira, 2012, cit. em Figueiredo, 2019, p. 10).

Nos anos 50 do séc. XX, surgiu a televisão em Portugal e, perante a novidade que o meio criou, a rádio viu-se forçada a mudar. O aparecimento da televisão fez com que a rádio procurasse inovar o seu discurso e apresentasse alguns programas surpreendentes para combater o encanto que o novo meio de comunicação trouxe, mas também e, sobretudo, para criar uma rutura para com a comunicação instrumentalizada



pelo Estado Novo (Cordeiro, 2004b, p. 3). Este foi, para a autora, o nascimento de uma nova época na rádio portuguesa: mais moderna, com novas configurações, que se opunham no campo do discurso e expressão e onde se desenvolveram novas ideias no campo da música e da ficção. Ao longo da década de 1950, houve ainda um aumento significativo nas horas de programação, o que teve como consequência mais publicidade, depois de um período, em 1949, em que a publicidade era proibida ou escassa (Santos, 2015, p. 22).

A década de 60, por sua vez, contou com os referidos programas impertinentes, que se aproximavam dos limites impostos pela censura (Cordeiro, 2004b, p. 3). Em 1963, a Rádio Clube Português começou a emitir sem interrupção, 24 horas por dia, abrindo, mais tarde, uma programação em FM, com a entrada da nova geração da rádio, começada, como refere Rogério Santos (2015) pela Rádio Universidade – estação pertencente à Mocidade Portuguesa, que permitiu aos universitários desenvolver as suas competências com alguma liberdade concetual (p. 29). Importa aqui deixar uma ressalva à Rádio Universidade, que se assumiu, informalmente, como uma escola de rádio, que acolheu vários profissionais que trabalhavam em estações de rádio. Além da referida emissão sem interrupção, por parte da Rádio Clube Português, esta emissora caracterizou-se também por começar um sistema de noticiário curto, liderado pelos próprios noticiaristas, conforme eram chamados, na década de 60 (Santos, 2015, p. 30).

Durante este período, foram experienciados momentos de grande atividade, com as horas noturnas, outrora consideradas mortas, a passarem a ser as principais protagonistas do horário da rádio, com uma programação virada para a ação informativa e formativa, num formato de rádio que testava e acompanhava a vida do país (Cordeiro, 2004b, p. 3). Não tardou até que a rádio tivesse que se voltar a adaptar, com o cenário de exoneração de Salazar da chefia do governo em 1968. Deu-se início a um período que, pese embora reforçasse as restrições à liberdade – a Primavera Marcelista –, também permitiu a produção de programas e reportagens que marcaram a história da informação de Portugal, com espaços que não faziam propaganda e que, pelo contrário, até revelavam inconformismo para com a situação do país (Cordeiro, 2004b, p. 3).

Avançando no tempo até à década de 70, encontramos em 1974 um dos anos mais importantes, não só na história de Portugal, como também para a rádio, uma vez que foi através dela que se mobilizaram as forças militares.

“Com objetivos definidos para cada estação implicada, o golpe contou com a rádio para transmitir as “senhas” que deram início, confirmaram e puseram em marcha o movimento das Forças Armadas” (Cordeiro, 2004b, p. 3).

Estas senhas, acrescenta Eduardo Meditsch (1999), deflagraram a ação militar, e consistiram em duas músicas de autores que tinham sido proibidos (p. 117).

A partir de abril de 1974, deixou de haver censura graças à mudança de regime, situação que é consolidada com a Lei de Imprensa de 1975, por diplomas que criaram um novo direito da imprensa, pelo estatuto do jornalista e o regime de carteira profissional, apontando ainda para uma nova lei da rádio e da televisão (Franco, 2002:127, cit. em Santos, 2005, p. 139). Paula Cordeiro, no seu artigo *A Rádio em Portugal: um pouco de história e perspetivas de evolução*, refere três fases evolutivas deste meio no pós-25 de abril: a nacionalização das rádios em Portugal, com o panorama dividido entre a RDP e a Rádio Renascença; o surgimento das rádios piratas, ou rádios livres; e, por último, a regulamentação do setor (p. 4).

No pós 25 de Abril apareceram, então, as rádios piratas, que inovaram e experimentaram novos formatos, não havendo grande preocupação com as expectativas dos seus ouvintes (Cordeiro, 2004b, p. 4). É durante a década de 1980 que se dá o *boom* das rádios piratas em Portugal, que surgiram, como diz Reis (2014), num contexto único de crises políticas, eleições sucessivas, crise económica e respetivas medidas de austeridade, da entrada na CEE, entre outros (p. 14). A proliferação de novas rádios criou uma situação anárquica no espectro das frequências radiofónicas (Rodrigues, 2010, p. 104). As rádios locais que, por emitirem sem licença, eram apelidadas “piratas”, estiveram muito ligadas ao desejo de acesso ao espaço público mediatizado, que lhes era negado pelas emissoras nacionais (Bonixe, 2019, p. 40). A verdade é que muitas destas eram inaudíveis, uma vez que emitiam em frequências tão próximas, que produziam interferências entre si (Rodrigues, 2010, p. 104). A história das rádios piratas é dividida, por Luís Bonixe (2019), em dois períodos: o primeiro entre 1977 e 1984, onde assinala o aparecimento de projetos como o da TSF. Já o segundo está estabelecido entre 1985 e 1988 e visou, além da afirmação de uma ideia, a legalização da radiodifusão local (p. 41).

A legalização é, então, atingida numa fase de regulamentação do setor que, tanto por parte do operador público como dos privados, pretendeu dar resposta à necessidade

de uma lei que regulasse e pusesse ordem ao panorama radiofónico (Rodrigues, 2010; Cordeiro, 2004b). Como consequência, muitas rádios piratas desaparecem em favor dos grupos mais fortes e organizados, numa tentativa de adequar a oferta de rádios à procura que existia. Isto significou uma adaptação a um modelo concorrencial, que implicava a sobrevivência de cada emissora. A mesma autora avança que a rádio abandonou a sua estrutura de programação com base em programas diferenciados, para adotar uma mais ligeira, organizada em sequências horárias ao longo do dia.

Na sequência da lei que regulamentou o setor, do licenciamento das rádios e da distribuição de frequências, a atividade radiofónica conheceu um importante aumento a nível nacional, regional e local, algo que, na perspetiva de Rodrigues (2010), contribuiu de maneira muito positiva para o convívio social e político das populações, assim como para a valorização do património cultural português (p. 105).

Recentemente, como refere Paula Cordeiro, não houve muito mais a acontecer na rádio, sendo a única alteração notável a mudança do esquema de negócio, que gradualmente foi sendo concentrado em grandes empresas (p. 5). No presente, existem quatro grupos de radiodifusão a nível nacional: A Rádio e Televisão de Portugal, onde se insere a Rádio de Portugal, com as suas estações Antena 1, Antena 2, Antena 3, entre outras; o Grupo Rádio Renascença, que detém a Renascença, RFM, Mega FM e Rádio Sim; o Grupo Media Capital, com a Cidade FM, Rádio Comercial, M80 Smooth FM, entre outras; e a Global Media, que tem a TSF (Figueiredo, 2019, p. 14).

O final dos anos 90 e a entrada no século XXI está, como refere Bonixe (2020, p. 154), ligada à migração concretizada pelos meios de comunicação tradicionais para Internet, o que levou a uma adaptação e à criação de novas estratégias de comunicação que levaram a rádio a servir-se dela para se fortalecer. Em virtude da presença no online, a rádio tem procurado potenciar-se neste meio para sobreviver e para evoluir num mercado cada vez mais competitivo. É precisamente neste binómio entre a rádio e a internet que se vai focar o próximo capítulo.

2.4. O online na Rádio

A introdução de sistemas multimédia veio transformar a natureza da rádio, podendo alterá-la de forma a que o próprio conceito tenha de ser reequacionado. A digitalização e a internet têm vindo a mudar os mercados mediáticos, especialmente o



da rádio, desafiando as emissoras tradicionais a melhorarem as suas transmissões com o conteúdo multimédia (Cordeiro, 2012).

Com a chegada do online, a rádio passa a aproveitar outras potencialidades que, por si só, não conseguia ter: “A relação entre a rádio e a internet passou a basear-se na complementaridade: a rádio retira da rede global o que não possui geneticamente” (Bonixe, 2011, p. 30)

Numa fase inicial, muitas estações começaram a disponibilizar os seus conteúdos na internet, em *websites* próprios, mas não acrescentavam nada aos seus formatos iniciais. Posteriormente, passaram a ser produzidos conteúdos específicos para a internet, com novos projetos a surgir e operar especificamente neste contexto. Além das funções que já tinham, as estações de rádio começaram a desenvolver conteúdo multimédia, criando e partilhando vídeos, áudios e fotografias online e a incorporar *podcasts*, *videocasts*, *photoblogs* nos seus *websites*, associando botões de partilha automática em outras plataformas como o Facebook ou o Twitter. Esta expansão para o espaço aberto pela internet, no entanto, levanta dúvidas:

“a partir do momento em que o texto e a imagem se imiscuem no seu universo, terminando com a exclusividade da expressão sonora que historicamente a caracteriza (...) haverá motivos para encarar esta transformação como o fim da rádio e o nascimento de algo ainda inominável, mas que configura um eventual novo meio?” (Portela, 2011, p. 48).

Este debate gera várias perspetivas. Como refere Portela (2011), por um lado, há os que se recusam a aceitar que a rádio se desvirtuou das suas características constituintes (p. 48). Por outro, existem os que aceitam com naturalidade a mudança, encarando-a como consequência de uma adaptação a novas necessidades motivadas pelo crescimento da internet e pelo público cada vez mais atraído por mediações mais interativas. A internet não aborda, em sentido estrito, os jornais, rádios ou televisões, falando-se antes de um novo meio que também tem em si a capacidade de integrar as características dos meios originais (Lima & Reis, 2014, p. 2). Neste sentido, a relação da rádio com a internet, a princípio, era entendida como uma ameaça, já que esta última

era vista como um novo meio, com muitas outras potencialidades, que acabaria por substituir a rádio.

Esta ideia foi desmistificada mais tarde e a relação entre a rádio e a internet passou a basear-se na complementaridade (Bonixé, 2011, p. 30), uma vez que permitiu oferecer serviços que aliam elementos escritos e visuais ao som, juntando-se a outros meios para responder às solicitações dos consumidores multimédia (Cordeiro, 2005a, p. 444). A autora complementa que a rádio na internet foge ao modelo tradicional, atualizando um formato com oitenta anos de existência, e dando ao ouvinte um conjunto de potencialidades que até então eram impensáveis. Refira-se ainda que na internet, a rádio afasta-se do conceito original e, no website, pode introduzir serviços distintos da emissão radiofónica, criando uma nova estrutura, mais rica e variada, concorrente com o formato tradicional da rádio. Lima e Reis (2014) reforçam esta ideia, afirmando que a internet funciona como um terminal de informação para onde convergem os conteúdos que antes eram dispersos por outras plataformas e páginas, constituindo-se como um terminal multimediático que integra os meios, linguagens e narrativas numa só plataforma, dando origem a novas linguagens e formatos (p. 3).

No seu artigo *Radio becoming r@dio: Convergence, interactivity and broadcasting trends in perspective*, Cordeiro (2012) aponta a RFM e a Rádio Comercial como exemplos que têm um *website* com vários recursos multimédia. Através desta plataforma realizam uma transmissão em direto da sua emissão em FM, onde se encontram várias formas de texto, vídeos e diferentes recursos multimédia, repletos de características interativas, como as redes sociais, *blogs* e vídeos do *YouTube*, por exemplo, que convidam os seus utilizadores a participar e a dar a sua opinião. Os websites das rádios devem ter precisamente esta vertente, que não só estimule a visita do utilizador, como também o seu regresso, servindo como uma montra da estação, onde os utilizadores podem conhecer os principais aspetos da rádio em questão (Cordeiro, 2005a, p. 445).

A autora divide o uso da internet por parte das emissoras em três possibilidades: o modelo testemunhal, modelo telemático e modelo multimediático (p. 444). O primeiro destes três representa uma abordagem em que as emissoras têm uma presença reduzida na internet, com websites que dão apenas informações essenciais acerca da estação, sem a transmissão em direto das suas emissões. O modelo telemático, por sua vez,

corresponde a uma vertente exclusiva ao online, com serviços próprios, sendo designada também por *webradio*. Esta transforma-se num meio sobretudo visual, dependendo da qualidade gráfica do seu site para chamar visitantes e, uma vez que a *webradio* resulta da integração do multimédia, o esquema de funcionamento altera-se, criando uma nova mobilidade e tirando partido da interatividade oferecida pela internet, ao transformar a conceção tradicional da rádio.

No que diz respeito ao modelo multimediático, há uma utilização de praticamente todos os recursos da rede, desde a interatividade, as hiperligações, sons, imagens e a constante atualização que, no formato tradicional da rádio, não existem. Neste modelo, mantém-se a instantaneidade da rádio, com o acrescento de que o suporte áudio é complementado com dados adicionais que o formato original não comporta, estando, por isso, disponíveis no website (Cordeiro, 2005a, p. 443).

No fundo, o que acontece é que a rádio não foi substituída pela internet, como se receava em primeira instância, mas foi absorvida, expandindo-se, no sentido em que, além da “rádio de sempre, existe também uma nova rádio que adquire formas, linguagens e modos de distribuição” (Bonixe, 2011, p. 31). Segundo o autor, a rádio, atualmente, é um conjunto das ondas hertzianas que emitem continuamente e é também uma plataforma digital, multimédia, que disponibiliza conteúdos de forma fragmentada: a rádio é uma multiplataforma, mais interativa e móvel do que alguma vez foi.

Isabel Reis (2011) complementa:

“A rádio que temos hoje espelha a sociedade do fenómeno “multi”: múltiplos conteúdos, sejam generalistas, especializados ou hiperespecializados; múltiplos formatos; múltiplos dispositivos de escuta e plataformas de distribuição ou difusão, seja hertziana, digital ou na internet; múltiplos horários, hábitos e formas de escutar; múltiplas funções, públicos e modelo de negócio”.

(Reis, 2011, p. 14).

Luís Bonixe (2011) levanta aqueles que chama os novos desafios do jornalismo radiofónico que, em alguns casos, implicam alterações profundas nas formas e práticas produtivas e de organização dos jornalistas (p. 31). A construção sonora da realidade, feita exclusivamente pela rádio hertziana, dá lugar a uma visão multifacetada no que diz



respeito à expressividade dessa mesma realidade. A rádio informativa é, segundo o autor, um dos exemplos que utiliza elementos expressivos que fogem ao código genético radiofónico, como o vídeo, infografias, fotos ou até a palavra escrita, sendo também assinalável a presença das rádios nas redes sociais, onde começaram a publicar os principais tópicos das suas notícias.

A era da internet alterou a concorrência da rádio, uma vez que abriu portas a uma variedade de outras formas de comunicação e informação que disponibilizam os seus conteúdos de modo atual e cada vez mais rápido (Bonixe, 2011, p. 32). Começaram a surgir outras opções, como é o caso dos *podcasts*, que podiam obrigar a rádio a sofrer modificações, uma vez que eram uma alternativa à programação rígida que o ouvinte era obrigado a seguir, permitindo-lhe escolher o que preferia escutar (Amaral & Melo, 2006, p. 50).

A rádio informativa, em concreto, afirmava-se pelo direto, acompanhando acontecimentos na hora, o que se alterou com a entrada da internet, pelo que a rádio e o jornalismo radiofónico tiveram que se afirmar também nas novas plataformas, particularmente as móveis (Bonixe, 2011, p. 32).

Outro dos desafios que o autor apresenta é a possibilidade de algumas das características tradicionais do jornalismo de rádio poderem precisar de novos enquadramentos, exemplificando com a questão da interatividade no sentido em que, sendo a rádio interativa, a internet mais o é, pelo que se podem explorar novos trilhos para a rádio se expandir nesta matéria (p. 33). Além disso, refere ainda o facto de as rotinas dos profissionais de rádio estarem orientadas para a procura do som, o que se pode apresentar como uma limitação numa era em que a internet convoca os jornalistas para exigências de novos perfis profissionais, da linguagem multimédia ou hipertextualidade, por exemplo.

Por último, o autor enuncia a redução dos constrangimentos temporais como um desafio, na medida em que, se na rádio tradicional as notícias são escolhidas em função de um critério interesse/tempo, a multiplicação de plataformas, em teoria, significa a emergência de novos temas e vozes para o jornalismo (p. 33). Isto reforça a possibilidade da rádio, sem as limitações temporais impostas pela sua vertente tradicional, alargar a sua cobertura a novos temas, protagonistas e até de aprofundar

assuntos previamente tratados na emissão tradicional, exigindo um esforço por parte dos seus profissionais.

A rádio de hoje é multimédia, multiplataforma e convergente, diferindo daquilo a que Paula Cordeiro (2012) chama a era FM: tem som e imagem, é mais interativa, mais participativa, partilhável, reproduzível, mais fácil de repetir, procurar, mais personalizável e *on demand*. Ao contrário da ameaça que se pensava que a internet ia ser, a extensão da rádio para este meio, ainda que tenha acarretado transformações nas suas principais características, manteve particularidades da rádio tradicional, como a difusão sonora (Cordeiro, 2005a, p. 447). Os modelos tradicional e online coexistem e não há uma afirmação da multimédia sobre o FM. Assim, o conceito de R@dio recupera as características tradicionais da rádio, tornando-as mais interativas através do uso de ferramentas online que promovem a troca de informação interpessoal e uma maior participação (Cordeiro, 2005a; Cordeiro, 2012).

Conforme escreve Isabel Reis (2011), se até aqui a rádio comandava o ouvinte, forçando-o a seguir a sua ordenação sequencial, agora, o utilizador ganha poder em controlar o que o respetivo meio disponibiliza, podendo definir uma ordem sequencial própria. Por outras palavras, a sequencialidade e a linearidade mantêm-se na internet, mas não se apresentam como um caminho único, mostrando-se sim como vários caminhos, “tantos quantas as vezes que forem ouvidos os diferentes fragmentos” (Reis, 2011, p. 27).

Ainda assim, Luís Bonixe (2011) afirma que, na fase de transição em que o jornalismo se encontra e, apesar das rádios estarem, no geral, com uma tendência para crescer no uso das ferramentas multimédia, ainda seria preciso alterar rotinas e práticas que agilizassem melhor a realidade multiplataforma da rádio (p. 37).

2.5. A influência da pandemia no jornalismo

O vírus que hoje conhecemos como SARS-CoV-2 começou a tomar os seus primeiros contornos em janeiro de 2020, com um surto de pneumonia numa província chinesa. Trata-se de uma infeção que pode manifestar sintomas ligeiros, severos, ou ainda não se manifestar, no caso de pessoas assintomáticas. Desde então, o coronavírus infetou largos milhões de pessoas e o mundo sofreu com a perda de milhares de vidas



humanas, com repercussões económicas e com um aumento da pobreza (Ciotti et al., p. 2).

Conforme já foi mencionado na introdução do presente trabalho a pandemia foi, para o jornalismo, uma faca de dois gumes. Se por um lado, colocou o setor perante graves constrangimentos financeiros, por outro também se apresentou como uma nova oportunidade para reconquistar os públicos e para ganhar ainda mais reconhecimento público (Camponez et al., 2020, p. 3). Aliás, conforme referem os autores do *Estudo sobre os Efeitos do Estado de Emergência no Jornalismo no Contexto da Pandemia Covid-19*:

“Os acontecimentos decorrentes da pandemia da Covid-19 criaram, efetivamente, um momento de grande mobilização dos média e do jornalismo, que redobram esforços para a seleção, tratamento e divulgação de dados e notícias relevantes para o esclarecimento dos cidadãos, ao mesmo tempo que desencadearam uma reaproximação com os seus públicos” (Camponez et al., 2020, p. 3)

Um relatório da *Accenture* reforça esta ideia, dizendo que todas as indústrias são afetadas pela COVID-19, mas as empresas de *media* e comunicação encontram-se bem posicionadas, estando a mobilizar-se para se adaptarem à mudança e, ainda, para desempenhar um papel fulcral no apoio aos governos, consumidores e negócios, durante os tempos incertos que atravessamos. Como tal, os jornalistas e marcas de *media* têm redobrado os esforços para manter a população informada, de forma clara, transparente e isenta, enfrentando também eles os riscos causados pelo vírus (Quintanilha, Cardoso, Paisana, Pais, & Baldi, p. 4).

No entanto, a crise trazida pela COVID-19 rapidamente se espalhou e está longe de ser um fenómeno exclusivamente sanitário ou da área da saúde pública (Quintanilha, Cardoso, Paisana, Pais & Baldi, 2020, p. 3). Assim, segundo os autores, é necessário refletir sobre as mudanças e implicações que a pandemia terá no desempenho dos *media* e, para o caso deste trabalho, no desempenho da rádio.

No caso português e, no primeiro de dois relatórios da Obercom, especulava-se que a rádio fosse um dos *media* com maior tendência para perder, indiretamente, com a



COVID-19, uma vez que se trata de um meio que não compete com a televisão no espaço doméstico, sendo essencialmente nas viagens para o trabalho que a rádio assume a sua relevância no consumo. À partida, com a declaração do Estado de Emergência, decretado no dia 18 de março, e o número de deslocações dos cidadãos reduzidos, isto iria traduzir-se em menores audiências (Quintanilha, Cardoso, Paisana, Pais & Baldi, 2020, p. 8).

Além destas implicações, a declaração do Estado de Emergência confinou muitos jornalistas ao teletrabalho e, nas palavras dos autores do *Estudo sobre os Efeitos do Estado de Emergência no Jornalismo no Contexto da Pandemia Covid-19*, “com a DEE [declaração de Estado de Emergência], as redações praticamente se transferiram para o domicílio dos jornalistas” (2020, p. III), sendo que se 65,5% dos profissionais inquiridos neste estudo trabalhavam nas redações antes do Estado de Emergência, pela razão inversa, 66,7% dos inquiridos passou a trabalhar em casa depois da declaração do Estado de Emergência.

As consequências da pandemia no jornalismo não ficam por aqui: a COVID-19 foi considerada um tema praticamente absoluto da agenda mediática, numa altura em que os jornalistas também saíram menos para fazer reportagens, servindo-se de meios tecnológicos para o exercício da sua profissão e para o contacto com as suas fontes de informação (Camponez et al., 2020, p. 3). Ainda segundo estes autores, no geral, as expetativas dos jornalistas quanto à sua profissão pioraram substancialmente:

“(…) entre os 799 respondentes, aumentou a perceção acerca da probabilidade de perder o emprego a curto prazo; diminuiu a esperança de encontrar um novo emprego no jornalismo, em caso de cessação de contrato; baixaram as expetativas de progredir na carreira; e os profissionais passaram a considerar mais provável deixarem de exercer a profissão” (Camponez et al., 2020, p. 33).

Este estudo, que informa também acerca das questões deontológicas do jornalismo, refere que mais de metade dos jornalistas que nele participaram consideram que o período do Estado de Emergência levantou problemas éticos e deontológicos, estando a qualidade da informação no centro das preocupações (Camponez et al., 2020,



p. 47). Quando questionados sobre os “princípios, valores e procedimentos” (2020, p. 49) que mais foram colocados em causa na cobertura jornalística durante o Estado de Emergência, o rigor – explicado como: “rejeição do sensacionalismo; distinção entre factos e opinião; repúdio da censura; denúncia de condutas que atentem contra a liberdade de expressão e o direito de informar” (2020, p. 49) –, foi o mais escolhido pelos jornalistas, seguindo-se as fontes de informação, os contactos com fontes e testemunhas, a retificação de informações, entre outros. Em contrapartida, no estudo de Emma Rodero (2020), os ouvintes da rádio em Espanha, a título de exemplo, qualificam-na como sendo a fonte de informação mais credível, imparcial e justa (p. 10).

No entanto, nem tudo é mau para a rádio. Se por um lado, o primeiro relatório da Obercom mencionava uma maior tendência para uma perda, indireta, com a Covid-19, por outro, o segundo relatório, de maio de 2020, refere que os impactos que a rádio sofreu foram menores do que os da televisão e da imprensa, “fazendo-se uma vez mais prova da resiliência e da capacidade do mercado da voz em resistir às adversidades” (Paisana, Quintanilha, Cardoso & Baldi, 2020, p. 4). Além disso, podemos observar os dados da *Marktest*, num artigo da *Marketeer*, publicado a janeiro de 2021. Aqui é possível denotar uma alteração nos hábitos de consumo: ouvir rádio continua a ser um fenómeno em crescendo, mas pela internet. No segundo semestre de 2020, 2,8 milhões de residentes no continente português, com 15 ou mais anos, afirmavam ouvir rádio online. Por comparação ao mesmo período de 2014, trata-se de um crescimento de mais de um milhão de ouvintes.

Em tempos de quarentenas provocadas pela pandemia, um artigo da *Visual Capitalists* refere que o consumo dos *media* conseguiu um aumento significativo, apresentando o que é que as pessoas, por geração, nos Estados Unidos e Reino Unido começaram a consumir ou têm consumido mais. Relativamente à rádio, registam-se crescimentos na ordem dos 17% para a geração Z, entre os 16 e os 23 anos, um aumento de 26% para os *millennials* (24 e 37 anos), 38% para a geração X (38 e 56 anos) e um aumento em 15% para a geração *boomer*, entre os 57 e os 64 anos. O serviço *statista* também partilhou dados quanto ao consumo dos *media* durante o isolamento e, ainda que estes dados não façam referência a Portugal, demonstram que a rádio cresceu, a nível mundial, em 18%.

Um artigo da *Nielsen* realça este crescimento da rádio, caracterizando-a como “comida de conforto”, numa altura em que o consumo dos *media* cresceu, sem surpresas. Neste artigo, referente ao mercado americano, indica-se que a rádio, ainda que não fosse tão ouvida no carro durante o período de confinamento por, como diziam Quintanilha, Cardoso, Paisana, Pais e Baldi (2020), não existirem tantas deslocações para o local de trabalho, o seu consumo aumentou significativamente em casa, nos telemóveis, *tablets* e nos *smart speakers* (p. 8). Este mesmo artigo aponta um outro dado importante: o motivo pelo qual os ouvintes sintonizam (p. 9). No período de confinamento, os americanos dizem que a rádio lhes faz sentir mais informados sobre o que necessitam de saber, que ajuda a saber que lojas estão abertas e onde podem fazer compras. Uma percentagem significativa refere ainda sentir-se mais ligado à sua comunidade, menos só, menos stressado e que diminui o pânico das pessoas. Esta perspetiva é complementada pelas palavras de Rodero (2020) que reforça a ideia de que a rádio distrai as pessoas, oferece companhia, reduz a solidão, deixa as pessoas felizes e reduz os seus níveis de ansiedade e as suas preocupações (p. 11).

Em Portugal, por sua vez, em termos de Audiência Acumulada de Véspera, dados da Marktest, revelados pela Meios e Publicidade a 7 de abril, as audiências regrediram para valores de 2018. Este decréscimo representa, no entanto, apenas uma quebra de 2%, não obstante a possibilidade de a rádio se vir a revelar como um importante estudo de caso em termos de resiliência e de adaptação (Paisana, Quintanilha, Cardoso & Baldi, 2020, p. 12). Numa notícia do *Jornal Económico*, de abril de 2020, afirma-se que a regressão em 2% não é representativa de um decréscimo abrupto no consumo de rádio. Neste artigo indica-se, ainda, que a cada vez maior digitalização da rádio tem sido fulcral para consolidar a integridade do setor durante a crise pandémica da COVID-19, o que se prova pelas quebras abaixo de esperado, quer em termos de audiências, quer a nível do investimento publicitário. De qualquer modo, a quebra na rádio deverá ser menos acentuada do que nos restantes meios. Isto poderá querer significar que a particularidade que inicialmente foi considerada como uma desvantagem ao mercado da voz poderá, segundo Paisana, Quintanilha, Cardoso e Baldi (2020), vir a ser um privilégio no que diz respeito à recuperação do setor pós-crise (p. 13).

A preocupação para a rádio durante o período de confinamento é a de ajustar a sua oferta à nova realidade, de modo a que as emissoras possam continuar a fornecer um



“sentido de comunidade, de solidariedade e de apoio aos seus ouvintes, durante a crise do coronavírus” (Paisana, Quintanilha, Cardoso & Baldi, 2020, p. 27). Com as acrescidas dificuldades financeiras que vão atravessar as empresas de *media*, as rádios têm, como referem os autores, que demonstrar capacidade de se manter operacionais, adaptando as formas de trabalho, seja transmitindo remotamente a partir de casa, através da gravação antecipada dos seus programas, ou recuperando programação dos arquivos. Claro que a pré-gravação incorre em riscos, conforme avança um artigo do *New York Times*, citado pelos autores no primeiro relatório, como sendo a perda do imediatismo, por exemplo (p. 25). No entanto, os ouvintes estão desesperados por ser entretidos, alguns encontrando-se entediados, assustados ou até ambos, dando isto margem às rádios para apresentarem conteúdos e diversificarem a programação em função das suas necessidades.

Mesmo havendo estas preocupações, retomando o trabalho de Rodero (2020), a rádio apresenta-se como o meio que melhor lida com as crises, já que a sua simplicidade técnica permite uma resposta imediata aos eventos e desastres que, aliadas à confiança dos cidadãos no meio de comunicação e ao facto de que é um meio que os acompanha, torna a rádio ideal para lidar com uma crise (p. 9).

Antes de passarmos à experiência do estágio curricular propriamente dita, importa deixarmos um espaço para abordar o que nos diz o Relatório e Contas de 2020 da RTP¹¹, que faz referência às mudanças que se fizeram sentir na Antena 1, a propósito da pandemia da COVID-19.

Segundo o mesmo documento, as equipas, métodos de trabalho e conteúdos foram reorganizados, tendo sido necessário mobilizar todos os jornalistas, pertencessem estes a outras rádios, como a Antena 2 ou Antena 3, ou a outras editorias da própria Antena 1, como é o caso de desporto, que foi inteiramente mobilizado para a realização de noticiários na rádio, assim como para a criação e cobertura de outros conteúdos considerados essenciais (p. 61). Inicialmente, foram suspensos programas, substituídos por outras informações que a nova realidade exigia, como é o caso do *Relatório Coronavírus*, que consistia numa síntese das principais informações relativas às 24 horas anteriores ao programa. Deram-se também adaptações de conteúdo já existentes à

¹¹ Relatório e Contas 2020, RTP, disponível em: <https://cdn-images.rtp.pt/mcm/pdf/12e/12edc25108e49f65954880d8cb6359401.pdf>, consultado a 14 de setembro de 2021.

nova realidade. O maior exemplo disso é o programa de debate interativo *Antena Aberta* que, durante várias semanas “transformou-se (...) num ‘consultório’ com a presença de especialistas de diversas áreas que ajudaram a esclarecer questões relacionadas com a crise” (RTP, 2021: 61).

Durante dois meses e meio, a Antena 1 transmitiu na íntegra as conferências diárias do Ministério da Saúde e da Direção-geral de Saúde e modificou alguns programas, como é o caso do *Portugueses no Mundo*, para melhor perceber como se viviam os tempos de pandemia no resto do planeta.

A suspensão dos programas, nas primeiras semanas de confinamento, exigiu um esforço por parte das equipas da Antena 1 para ajustar horários e para estar constantemente preparado para alterar a programação planeada, por forma a “acomodar as comunicações das autoridades de Saúde e do Governo” (RTP, 2021: 64). Nos primeiros dias de abril, começaram a voltar os programas até então suspensos, que foram sendo integrados com novos conteúdos pelo que, segundo consta no Relatório e Contas de 2020 da RTP, só se voltou a ter alguma estabilidade na programação na segunda metade do ano (p. 64). Mesmo que já se visse alguma solidez nos programas que iam sendo apresentados ao longo da semana, era expectável que a pandemia continuasse a obrigar à alteração do esquema de programação da Antena 1.

Atendendo à pandemia, a Antena 1 optou por dar maior uso ao *online*, iniciativa que fica expressa na criação de programas como *O Canto do Sofá* que, além de passar em Frequência Modulada (FM), também foi transmitido em exclusivo na rede social *Facebook*. Além disso, pode ler-se neste relatório que o conteúdo, que também é transmitido no formato de *podcast*, foi dos mais procurados pelos ouvintes na plataforma *online* da RTP, a RTP Play e na sua aplicação para telemóvel.

Ainda no capítulo do online, o Relatório e Contas de 2020 da RTP diz-nos que a produção de conteúdos não fugiu muito da sua dinâmica habitual. Apesar disso, denota-se uma maior disponibilidade para o consumo nas redes sociais no mês de abril, algo que criou oportunidades, como, por exemplo, o automatismo de exportar os noticiários dos horários principais da Antena 1, assim como as edições do *Jornal de Desporto*, para *podcast*, isto é, encontrando-se disponíveis para ouvir online, não só na RTP, através do RTP Play, mas também nos principais distribuidores *on demand*, caso do *iTunes*, *Spotify* e *Google Podcast* (p.90).



Contas feitas e, no final, foram realizadas 289 transmissões em direto com vídeo, o que representou um decréscimo de 25% por comparação ao ano de 2019, justificado pelas restrições impostas pela pandemia. A atividade reduziu do primeiro semestre de 2020 para o segundo e os diretos da Antena 1 totalizaram 1 278 000 visualizações, sendo que este número aumenta para 1.5 milhões se tivermos em conta os outros vídeos que não sejam transmissões em direto (p. 92).

3. Métodos e técnicas de investigação

Para a prossecução dos objetivos já enunciados, optámos por uma metodologia mista, com vista a captar o melhor das abordagens qualitativa e quantitativa (Creswell, 2013). Por um lado, as técnicas qualitativas, segundo Bryman (2012), dão maior ênfase às palavras e não tanto à quantificação ou à coleção e análise de dados, estratégia de pesquisa que é característica de uma abordagem quantitativa (p. 380). Como tal, as técnicas utilizadas foram a observação participante, entrevistas semiestruturadas e, por último, inquéritos por questionário.

Quando referimos a observação participante, falamos de, segundo Laurier (2010), passar tempo a ser, viver ou trabalhar com pessoas ou comunidades, com o objetivo de estarmos o mais próximo possível do fenómeno que pretendemos estudar (p. 116). Bryman (2012) complementa esta definição, dizendo que a observação participante envolve ver e ouvir as conversas e comportamentos, assim como fazer perguntas durante um período prolongado de tempo (p. 273). Neste caso em concreto, trata-se de uma observação no âmbito de um estágio curricular realizado na rádio Antena 1, por um período de três meses. Sendo o estudo acerca da influência da pandemia na rádio, além de observar as dinâmicas na redação e de relatar as experiências que foram acontecendo no seu decorrer, torna-se também relevante abordar a influência da pandemia no dia a dia dos jornalistas da Antena 1, seja na sua rotina ou no conteúdo noticioso que ia sendo produzido e a sua relação com a COVID-19.

Bryman (2012) refere ainda que aqueles que aplicam a observação participante complementam-na frequentemente com outra técnica, a entrevista (p. 432). Neste caso, também escolhemos aplicar entrevistas semiestruturadas, que implicam a existência de um guião, com perguntas delineadas para serem realizadas aos diferentes entrevistados, mas permitem também alguma flexibilidade: as perguntas podem não ser colocadas na

ordem que estão escritas e podem ser acrescentadas questões à medida que o entrevistador vai ouvindo as respostas (Bryman, 2012, p. 212). Neste sentido foram aplicadas entrevistas a três jornalistas da Antena 1 no âmbito do estágio: José Carlos Lopes, Mário Galego e David Carvalho. Além disso, foi também entrevistada Maria de São José, subdiretora de informação da rádio, que nos deu o seu contributo para a prossecução deste relatório.

Por último, servimo-nos ainda dos inquéritos por questionário, uma técnica que, no domínio da internet, pode ser executada através de uma lista de contactos, de painéis de utilizadores ou através da publicação do inquérito em *websites* (De Boni, 2020, p. 1). No presente trabalho, utilizaremos esta última possibilidade de inquérito online, que consiste numa técnica que convida as pessoas a visitar um *website* onde podem encontrar e completar o questionário pretendido, podendo este conter tanto perguntas abertas, como perguntas fechadas (Bryman, 2012, p. 232). Com isto, pretendia-se inquirir o total dos 99 jornalistas da Antena 1, tendo em vista compreender como é que estes percecionam as mudanças provocadas pela COVID-19. Importa notar que, nesta técnica, várias das perguntas foram surgindo a partir da observação participante concretizada mediante conversas informais que ia tendo com os colegas que trabalhava e também com questões que eu próprio ia notando.

4. O Estágio na Antena 1

4.1. Breve introdução à experiência na rádio

O próximo capítulo do presente trabalho será dedicado à descrição do estágio curricular com a Antena 1. Sob a orientação de Maria de São José, subdiretora de informação, o estágio iniciou-se no dia 3 de maio de 2021 e terminaria no dia 31 de julho do mesmo ano. No entanto, um caso positivo de COVID-19 obrigou a um isolamento de 14 dias e, em acordo com a ESCS, a RTP demonstrou desde logo abertura para uma reposição desses dias. Assim sendo, o estágio findou no dia 13 de agosto.

Os três meses passados na Antena 1, com exceção para o primeiro dia, dividiram-se em quatro momentos: o primeiro foi o passado com o turno da Manhã 2, durante três semanas, de dia 4 de maio até dia 21 do mesmo mês. Posteriormente, de 24 de maio a 11 de junho, o trabalho passou a ser realizado com o turno da Tarde. Seguidamente, de



14 de junho a 2 de julho, passei a integrar a equipa do desporto da Antena 1. Depois destes três turnos, ainda restavam quatro semanas para terminar o estágio e houve liberdade para escolher o turno para onde queria seguir. Como tal, o trabalho com a equipa do desporto prolongou-se até à conclusão do estágio, previsto para o final de julho, mas que, após a interrupção forçada, acabou por ser no dia 13 de agosto. Em parte, permaneci pelo interesse pessoal nesta área e, por outro lado, porque foi o local onde demonstraram maior confiança e atribuíram uma maior quantidade de trabalho, conforme será explicado mais à frente.

4.2. Os primeiros passos

No primeiro dia de estágio, a par de um colega de outra universidade, fui recebido pela orientadora na RTP, Maria de São José, que nos deu a conhecer a estrutura da redação. Foram estabelecidos os turnos em que cada um ia ficar, assim como o tempo que passaríamos em cada um deles, como ainda fomos apresentados às respetivas equipas com que ficaríamos ou, pelo menos, a parte dela. Apesar de a sede ser em Lisboa, também há equipas distribuídas por outras zonas do país, como no Porto, conforme já referido. Foram-nos atribuídas credenciais de acesso aos computadores, que também eram os nossos contactos de trabalho. No próprio dia, deram-nos a conhecer os programas que mais se utilizavam no quotidiano da rádio: o AP-ENPS (*Associated Press – Electronic News Production System*), um programa que nos mostrava a agenda, os acontecimentos que estavam previstos para cada dia da semana, os contactos de várias pessoas, mas também nos permitia consultar as notícias que iam saindo nas agências noticiosas, caso da Lusa, da Associated Press, Reuters, entre outras.

Além disso, o ENPS permitia-nos redigir as notícias que posteriormente seriam gravadas, dando-nos um indicativo do tempo que a sua leitura demoraria. Esta zona de escrita também possibilitava a troca de mensagens com os restantes jornalistas; refira-se ainda o *Dalet*, ferramenta através da qual os jornalistas podem gravar e editar sons. Gravar, no sentido em que é este o programa que regista a voz do jornalista quando grava em estúdio, por exemplo, quando entrevista alguém, ou quando precisa de retirar algum som da televisão ou da internet. O programa também tem a função de edição, permitindo cortar partes que não sejam necessárias, juntar sons, para que sejam utilizados nos noticiários. Mais tarde no estágio, a Antena 1 passou por uma fase de



transição, que será melhor detalhada mais à frente: o *Dalet Galaxy*, uma versão mais atual, veio substituir o anterior programa, o *Dalet*. Concluídas as introduções, às equipas e aos programas, o trabalho começou no dia seguinte, com o turno da Manhã 2.

4.3. Os turnos e as tarefas desempenhadas

4.3.1. Manhã 2

Este turno opera entre as 8h30 e as 15h30 e tem a peculiaridade de ter a emissão realizada a partir do Porto, pelo que todas as tarefas eram distribuídas numa reunião ou, caso acontecesse algo ao longo da manhã que justificasse uma entrevista ou uma ida ao terreno, o editor, Miguel Soares, avisava via ENPS ou por chamada.

Nos primeiros dias, o trabalho foi escasso. Primeiro, porque ainda não estava familiarizado com a dinâmica da equipa, pelo que me limitei a observar e fazer perguntas, quando achava pertinente. Depois, havia outro fator que influenciava a ausência de trabalho: não tinha sido dada nenhuma formação relativa ao *Dalet* e ao ENPS, pelo que os primeiros tempos foram um período de aprendizagem e exploração das ferramentas, por vezes com a ajuda aos colegas jornalistas, nas poucas ocasiões de disponibilidade. Em tempo de pandemia, as idas ao terreno diminuíram, no entanto, não foi por isso que deixaram de acontecer: à medida que ocorriam eventos que justificassem a presença de um repórter, como protestos e manifestações, estes iam sendo cobertos.

No que diz respeito às manifestações e protestos, era o jornalista Cristiano Costa que, por norma, fazia a sua cobertura, que tive a sorte de acompanhar. Além de ter visto como trabalha um jornalista no terreno, aprendi a funcionar com outro elemento importante: o *Quantum Lite*, que é o gravador usado pelos jornalistas quando saem em reportagem. Além de captar o som, é quase um computador: permite-nos editar os sons no dispositivo, enviá-los para a redação, assim como nos ligar ao estúdio para, por exemplo, entrar em direto numa das emissões.

Com a equipa da Manhã 2, houve oportunidade para sair mais de uma vez em reportagem: caso de um protesto contra a mineração verde, realizado em frente ao Centro Cultural de Belém, onde decorria, por sua vez, uma conferência europeia sobre a referida mineração. Entrevistaram-se algumas das pessoas presentes no protesto e captaram-se sons ambiente para uma futura peça. Além disso, o jornalista destacado



para esta cobertura, Cristiano Costa, entrou em direto no noticiário das 12h, dando conta do que se estava a passar. Logo após, fomos abordados pelo assessor de imprensa do Secretário de Estado Adjunto e da Energia, João Galamba, que queria prestar declarações quanto ao protesto. No final, voltámos à redação onde, com todos os elementos recolhidos, realizei a primeira peça.

Voltei a acompanhar novamente o jornalista Cristiano Costa, numa manifestação contra um despedimento coletivo no banco Santander. Esta ida foi particularmente marcante, porque me foi dada liberdade para realizar, no terreno, algumas entrevistas aos manifestantes. Mas nem todas as experiências no local de reportagem são bem-sucedidas: a última ida ao terreno que fiz com este turno foi com a jornalista Natércia Simões, numa tentativa de apanhar reações do presidente da Câmara de Lisboa, Fernando Medina, quanto aos festejos do Sporting, depois de ter sido campeão da primeira liga portuguesa de futebol. No entanto, o presidente da autarquia não apareceu.

Tirando as saídas mencionadas, que resultaram em duas peças, durante o tempo passado com este turno, foram concretizadas mais nove peças – algumas por iniciativa própria, porque o trabalho nem sempre era muito, e outras também a pedido do editor Miguel Soares, que desde logo demonstrou disponibilidade para corrigir e apontar melhorias possíveis às peças que iam sendo apresentadas. Os temas foram variados, passando pelos festejos do Sporting, os números do desemprego em Portugal ou até mesmo o conflito que, na altura, deu que falar, entre o Israel e a Palestina.

O facto da emissão da Manhã 2 ser realizada no Porto torna a carga de trabalho substancialmente menor, não só no caso pessoal, como também para os colegas jornalistas desta equipa, pelo que, por vezes, não havia nada para fazer.

4.3.2. Tarde

Passadas as primeiras três semanas, o trabalho passou a ser realizado com a equipa da tarde, cujo editor, por norma, é o jornalista Nuno Rodrigues. Opera entre as 15h30 e as 20h30 e, uma vez que a emissão é realizada a partir dos estúdios em Lisboa, o ritmo de trabalho é totalmente diferente. As emissões são de hora a hora, tal como no turno anterior, mas ao contrário deste, mal existe tempo para fazer uma pausa porque a informação está sempre a aparecer e exige a concentração máxima de todos os elementos da equipa para preparar o noticiário da hora seguinte. Além disso, neste



período de emissões, notou-se um maior número de acontecimentos por comparação à Manhã 2, pela diferença horária existente entre os dois.

Neste turno, também houve oportunidades para ir ao terreno, acompanhando dois jornalistas diferentes, em três ocasiões distintas e fui percebendo que, ainda que o equipamento seja o mesmo para todos, cada um tem o seu método de trabalho e o seu modo de operar.

A primeira saída fez-se com a jornalista Rita Fernandes, a uma conferência onde o Secretário de Estado Adjunto e da Saúde, António Lacerda Sales, ia anunciar novas medidas relativas à COVID-19 para a região de Lisboa e Vale do Tejo. Aqui, aprendi, uma vez mais, a funcionar com o já referido *quantum* e, novamente, assisti a uma entrada em direto no noticiário. A segunda saída foi com a mesma jornalista, à apresentação dos resultados de um estudo, o COVIDetect – que avançava com a presença de material genético do vírus responsável pela COVID-19 nos afluentes de cinco Estações de Tratamento de Águas Residuais do país. Esta ida ao terreno, foi mais no sentido de obter declarações da ministra da Saúde, que marcou presença, mas que acabou por não acontecer, uma vez que esta não se mostrou disponível para falar com os jornalistas.

A última saída, neste turno da tarde, foi com o jornalista Mário Galego e realizou-se na altura dos Santos Populares, que, em 2021, não tiveram marchas nem arraiais. Assim, visitámos o Centro de Cultura Popular de Santa Engrácia, escolhido por já ter sido o melhor arraial de Lisboa em 2012 e 2019, onde se tentou perceber como é que sobrevive um centro destes numa altura em que não há marchas nem arraiais, atividades que representavam 90% do seu orçamento. No entanto, esta peça não foi emitida no noticiário. No turno da Tarde, existem dois espaços de cinco minutos, depois dos noticiários das 17h e das 18h, chamadas janelas, que não existem no turno da Manhã 2. As janelas são, no fundo, uma oportunidade para aprofundar temas que não são mais explorados nos noticiários, uma vez que estes têm constrangimentos de tempo – para que se tenha consciência, um noticiário demora à volta de 13 minutos. Durante este período, observei como é que se prepara uma entrevista, assim como que tipo de perguntas se colocam para uma janela que foi realizada em direto.

A par do enriquecimento que as saídas ao terreno comportaram, houve a oportunidade de compreender como funciona a emissão de um noticiário a partir do



estúdio, onde se percebeu que, por vezes, a aparente organização e calma com que se transmitem as notícias aos ouvintes não é sempre possível, havendo, em muitas ocasiões, pressa em levar as notícias, que saem quase em cima da hora do noticiário, da redação para o estúdio.

Durante a permanência com a equipa da Tarde, foram produzidas um total de 16 peças, incluindo as referentes às saídas, mas também outras, por iniciativa própria, relativas a temáticas diferentes, desde os dados do desconfinamento, passando pela saída de Portugal da lista verde do Reino Unido e ainda o pedido de desculpas do governo espanhol aos portugueses, depois de ter anunciado a exigência de certificações sanitárias a todos os maiores de 6 anos que atravessassem as fronteiras terrestres. Esta situação foi identificada por mim e motivou, posteriormente, a primeira entrevista em direto sobre o assunto com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva. As peças realizadas tiveram, na sua maioria, a revisão do jornalista Mário Galego, que as ouviu e foi sempre dando a sua opinião, apontando aspetos a melhorar.

4.3.3. Desporto

A última parte do estágio e que ocupou a maior fatia de tempo foi passada com a equipa do desporto, que opera tanto de manhã, das 8h30 às 15h30, como à tarde, das 15h30 às 20h30. Aqui, não existiu oportunidade para haver idas ao terreno. A pandemia restringia as presenças nos estádios, além de que as competições que se realizavam, na altura, eram o Campeonato Europeu de futebol, em onze países diferentes, nenhum dos quais Portugal, os Jogos Olímpicos, no Japão. Houve também tempo para acompanhar o arranque da temporada 2021/22 da primeira liga portuguesa, mas a presença de jornalistas nos estádios era, ainda, muito limitada. O desporto na Antena 1 está organizado em vários espaços informativos: há diversas sínteses informativas, de manhã e à tarde, que têm mais ou menos cinco minutos. Além disso, há ainda os noticiários de desporto, às 12h30 e 18h30, ambos com a duração aproximada de 15 minutos. Ao contrário dos restantes turnos que, na maioria do tempo, têm um editor, no desporto, vários jornalistas podem cumprir esse papel, seja em Lisboa ou no Porto: David Carvalho, José Pedro Pinto, João Gomes Dias, em Lisboa, e Cláudia Martins e Fernando Eurico, no Porto, todos passaram pelo papel de editor enquanto permaneci no desporto.

Foi neste turno onde se notou maior confiança e onde me foi atribuído o maior volume de trabalho, começando pelas traduções dos treinadores e jogadores estrangeiros, ou pelo menos a parte escrita deste processo, uma vez que os estagiários curriculares não podem dar voz na rádio. Além disso, era-me frequentemente pedido para tirar sons da televisão ou para encontrar as declarações das pessoas na internet, locais de onde vinham uma parte considerável dos sons posteriormente utilizados nos noticiários. São exemplos disso os sons do atleta que ganhou o ouro no triplo salto nos Jogos Olímpicos, Pedro Pablo Pichardo, à chegada a Portugal e, talvez o mais marcante, a apresentação de Lionel Messi no Paris Saint-Germain, em França, que foi inteiramente retirada da internet, com tradução e edição da minha autoria.

Ainda no que toca a tarefas realizadas, há que fazer referência às entrevistas que foram possíveis conduzir a diversas pessoas de diferentes modalidades. É o caso das entrevistas como as que foram realizadas a Pedro Moura, presidente da Federação Portuguesa de Ténis de Mesa; Luís Sénica, presidente da Federação de Patinagem de Portugal; Jorge Viegas, Presidente da Federação Internacional de Motociclismo; Zeca Rodrigues, jogador português, cuja entrevista acabou por abrir um noticiário; Carlos Barroca, vice-presidente da NBA Ásia. Houve outras entrevistas a antigos jogadores de futebol, pelo que pude ir aprimorando a técnica e melhorar a sua qualidade, tendo em vista concretizar uma boa entrevista. Por boa entrevista, entenda-se aquela que dá origem a uma boa história. Para a Universidade de Columbia, isso depende de uma boa preparação, do estabelecimento de uma relação com o entrevistado, de colocar perguntas que sejam relevantes para quem estamos a entrevistar e que o levem a falar, e dependem ainda de uma audição e observação atenta¹².

À semelhança do que aconteceu nos outros turnos, houve também tempo para produzir peças próprias, algo que acabei por deixar de fazer, uma vez que havia bastante trabalho e também porque as peças não eram habituais nos noticiários de desporto, a não ser numa ida ao terreno. Ainda assim, quando possível, foram construídos alguns noticiários de desporto, que foram avaliados pelo jornalista e diretor adjunto da RTP – Antena 1, Paulo Sérgio.

¹² *Interviewing Principles*, Universidade de Columbia, disponível em: <http://www.columbia.edu/itc/journalism/isaacs/edit/MencherIntv1.html>, consultado a 1 de outubro de 2021



Enquanto integrei com a equipa do desporto, houve aspetos interessantes que não tive oportunidade de identificar nos restantes turnos, nomeadamente a articulação entre um jornalista que esteja no estrangeiro, caso dos enviados especiais ao Campeonato Europeu de futebol e aos Jogos Olímpicos, com a redação e, em particular, com o editor. Os enviados especiais têm, em estúdio, uma linha atribuída para que, através do *Quantum*, possam entrar em direto nos noticiários. As entradas em direto são combinadas diariamente entre os jornalistas e o editor e, além disso, há um contacto constante entre ambos se há alguma peça ou alguma informação que seja relevante dar o quanto antes.

Foi também enquanto trabalhei no desporto que se deu uma alteração que já foi introduzida: o *Dalet*, sistema utilizado para gravação e edição de peças na Antena 1, foi substituído pelo *Dalet Galaxy*, uma versão mais atual do programa. Depois de ocorrer a transição para novos computadores, que conseguissem suportar o novo *Dalet Galaxy*, notou-se, com alguns dos jornalistas, alguma dificuldade de adaptação ao programa, que exigiu algum esforço. O programa, suposto para facilitar a vida aos jornalistas, a princípio, parecia tê-la complicado, por ser relativamente mais lento do que o anterior, algo que, em rádio, não pode acontecer, uma vez que todos os segundos contam. Mesmo assim, passo a passo, os jornalistas foram-se adaptando, mesmo que o programa tivesse alguns problemas que chegaram, inclusivamente, a impedir que se ouvissem alguns sons nas emissões de noticiários.

4.4. Uma reflexão sobre o estágio

No geral, a avaliação do estágio na Antena 1 é muito positiva. Houve limitações evidentes, como o facto de não poder dar voz às peças e traduções que ia fazendo, o que acabou por não proporcionar a experiência completa. Seja como for, as oportunidades de aprendizagem e crescimento enquanto profissional no jornalismo e, em concreto, no jornalismo radiofónico, não deixaram de surgir.

Apesar das restrições, continuaram a incentivar o trabalho, além daquilo a que me propunha a realizar. Acima de tudo, há que destacar a disponibilidade que os colegas dos diferentes turnos sempre tiveram para rever aquilo que ia produzindo, para me corrigir e ensinar, quando foi necessário, tanto nas peças que produzia, como na forma de trabalhar com as ferramentas que estavam ao dispor.

É certo que as oportunidades para acompanhar os jornalistas no terreno não foram muitas, fruto da situação pandémica que ainda hoje vivemos. Não obstante, pude aprender e ver em primeira mão como realmente funciona o trabalho no terreno e de realizar entrevistas, uma parte importante do dia a dia de um jornalista. Além disso, foi possível aprender a retirar sons da internet e da televisão, tal como aprender a editá-los para que estes fossem utilizados. Serve isto para dizer que, mesmo não podendo assumir todas as funções que um jornalista de rádio faz no seu quotidiano, foi possível observar e consolidar aprendizagens, o que é, evidentemente, uma mais-valia.

No que diz respeito à influência da COVID-19 no dia a dia da Antena 1, esta é notória. No quotidiano dos jornalistas, o uso de máscara é uma obrigatoriedade que não se dispensa, o que para a rádio pode causar alguns constrangimentos a nível do som e da dicção.

A empresa, a RTP, também demonstrou preocupação com a pandemia. À entrada, todos os dias, se media a temperatura de todos os que entravam no edifício; faziam-se testes aos seus trabalhadores, nos quais incluem os estagiários, de duas em duas semanas. Conforme se agravou a situação pandémica da COVID-19 no país, os testes passaram a ser mais frequentes, de semana a semana. Sempre que se identificava um caso positivo, os contactos próximos dentro da empresa eram imediatamente chamados para fazer um teste à COVID-19. Todas as divisões da rádio, incluindo os estúdios, estavam equipados com material de desinfeção, algumas das zonas onde operam cada um dos turnos tinham divisórias de acrílico, tal como o refeitório, que contava com identificações para se saber se as mesas estavam desinfetadas ou não.

Quanto ao conteúdo noticioso e que é o relevante neste trabalho, enquanto permaneci com as equipas da Manhã 2 e da Tarde, notava-se que era complicado fugir ao tema da pandemia. Os noticiários abriam frequentemente com peças que mencionavam, direta ou indiretamente a situação pandémica e incluíam notícias sobre a COVID no seu decorrer. No desporto, essa alusão reduzia. Ainda que, por vezes, fosse mencionada, como foi, por exemplo, quando a Direção-Geral de Saúde (DGS) permitiu a abertura dos estádios aos adeptos, ainda que não o fosse na sua capacidade máxima. A maior parte das notícias era focada nos jogos que decorriam, no mercado de transferências, nos eventos que iam acontecendo, como os Jogos Olímpicos e não tanto na pandemia, ainda que esta persistisse indiretamente.

A título de exemplo, refiram-se as peças que produzi enquanto estive em cada um dos turnos: no que diz respeito ao trabalho com a equipa da Manhã 2, a única altura em que o conteúdo produzido fugiu das questões da pandemia, foi com a situação entre o Israel e a Palestina, que ganhou destaque na rádio e não tinha por detrás motivações relativas à pandemia. Isto significa que, neste turno, de um total de dez peças, apenas três não abordaram questões relacionadas com a COVID-19: duas sobre a situação Israelo-Palestiniana, sendo a última relativa ao *Green Mining*, que também não teve estas questões mencionadas. Passando ao turno da Tarde, do referido total de 16 peças, não houve uma única que fugisse, direta ou indiretamente à COVID-19. Desde peças sobre os Santos Populares, estudos relativos ao vírus, dados de desconfinamento, até a peças como as palavras de Fernando Gomes quanto ao regresso do público aos estádio, todos os conteúdos produzidos tiveram, de alguma forma, a pandemia presente.

Quanto ao tempo passado na editoria de Desporto, é mais difícil fazer esta avaliação, uma vez que as peças feitas elaboradas não foram em grande número, conforme referido. Ainda assim, é possível afirmar que a pandemia não teve tanto destaque, estando este mais focado em transferências de jogadores para outras equipas, nos Jogos Olímpicos e na respetiva representação portuguesa, com a menção da pandemia presente apenas em situações como o regresso da primeira liga portuguesa de futebol, a propósito da reabertura dos estádios aos adeptos.

5. A rádio e a pandemia na perspetiva dos jornalistas da Antena 1

Antes de serem analisadas as respostas aos inquéritos, importa termos em consideração a sua caracterização (figura 1). Num universo de 99 profissionais foi possível obter o contributo de 38 jornalistas, sendo 25 do sexo feminino (65,8%) e 13 do sexo masculino (34,2%).

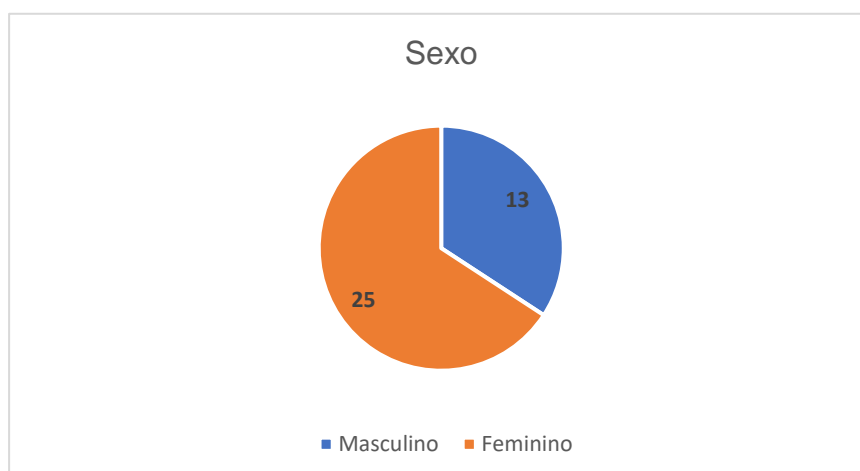


Figura 1 - Representação do sexo dos inquiridos

A maioria dos inquiridos, 60,5% (23 indivíduos) tem uma idade situada na faixa etária dos 45 aos 54 anos; seguem-se os 55 aos 64, com 15,8% (6 pessoas), e os 35 aos 44, que correspondem a 13,2% (5 respondentes). As categorias menos representativas têm apenas um e três indivíduos e são correspondentes às categorias dos 18 aos 24 anos e dos 25 aos 34, respetivamente (figura 2).

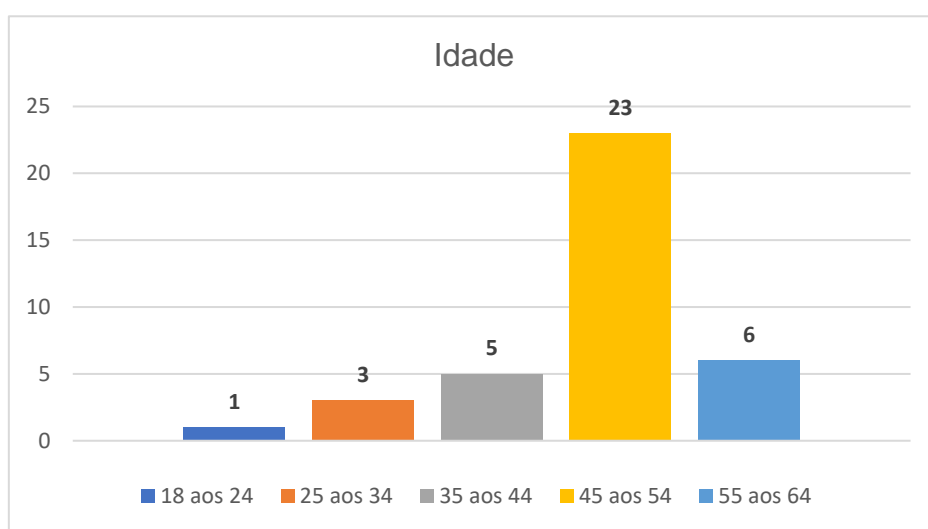


Figura 2 - Representação da idade dos inquiridos

No que diz respeito às habilitações literárias (figura 3), 17 dos inquiridos (44,7%) têm uma licenciatura, seguindo-se o mestrado e o ensino secundário, cada uma com a mesma quantidade de profissionais, seis (15,8%). Nas restantes categorias, podemos observar quatro indivíduos quer na pós-graduação, quer no bacharelato (10,5% para cada uma), assim como um indivíduo que responde “Outro” (2,6%). O 1º, 2º e 3º ciclos ou equivalente e ainda o doutoramento não se incluem neste gráfico pela ausência de respostas nestes grupos.

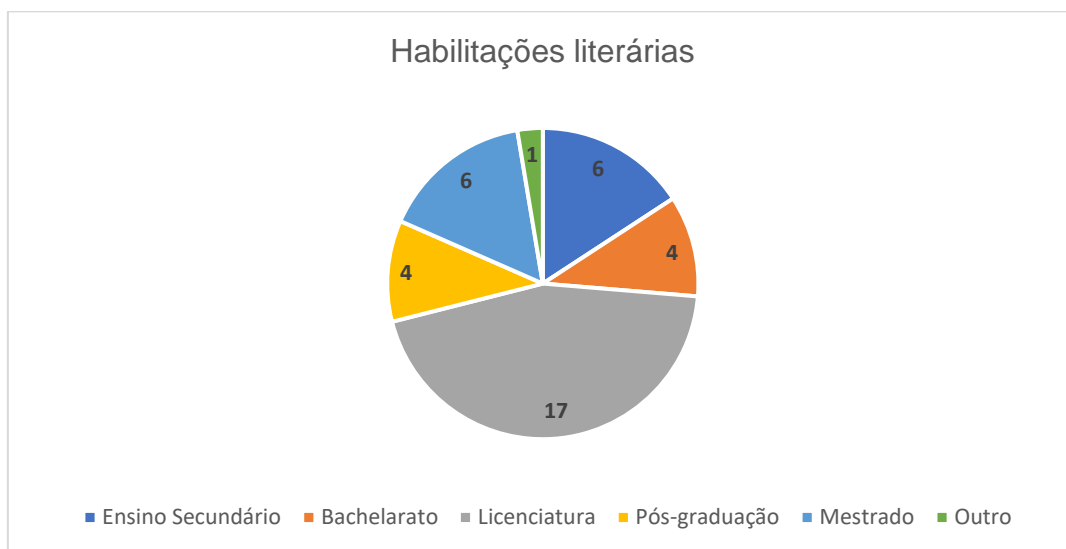


Figura 3 - Representação das habilitações literárias dos inquiridos

O jornalismo não ficou mais fácil com a pandemia. Assim o dizem 30 de um total de 38 inquiridos, que respondem discordo totalmente e discordo em parte à afirmação anterior, por comparação aos restantes oito (21,1%), que veem mais facilitismos no jornalismo com a pandemia, tal como indica a figura 4.

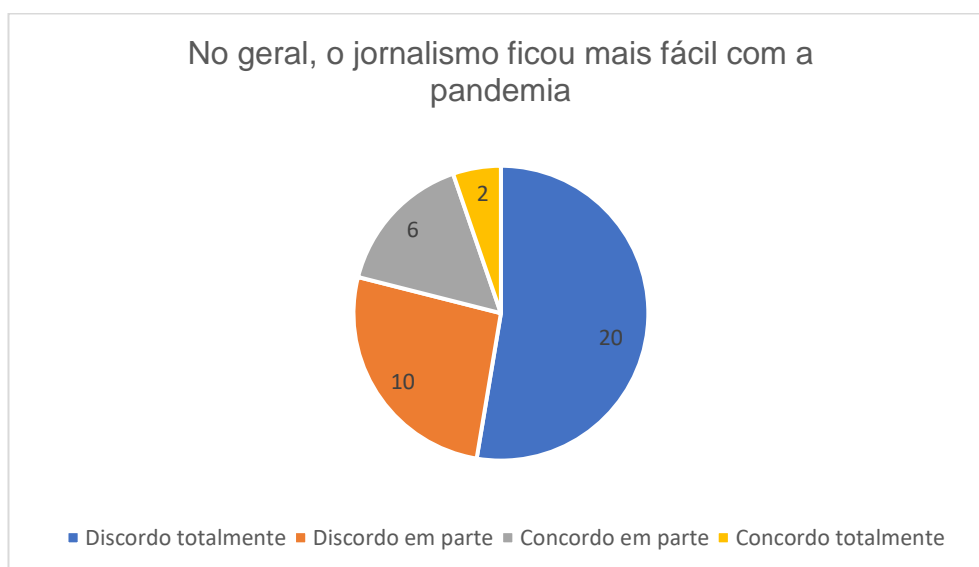


Figura 4 - Respostas à afirmação: "No geral, o jornalismo ficou mais fácil com a pandemia"

Quando questionados porquê, no caso de discórdia, os inquiridos apontam vários motivos, como a dificuldade de deslocação dos jornalistas para reportagem e condicionalismos e constrangimentos no acesso presencial aos eventos; a perda do direito democrático dos jornalistas questionarem; a necessidade de haver filtros para não se ser alarmista; o acesso difícil às fontes; as paragens das modalidades desportivas; as questões de saúde; estes são todos motivos que alguns dos 38 inquiridos, de um universo de 99 jornalistas, nos deram para justificar a acrescida dificuldade que a pandemia trouxe ao jornalismo.

Em termos de adaptação ao trabalho durante a pandemia não foi difícil para a maioria dos inquiridos. Do total, 30 profissionais responderam “Concordo em parte” e “Concordo totalmente” à frase “A minha adaptação ao trabalho durante a pandemia foi fácil”, como se pode observar na figura 5.

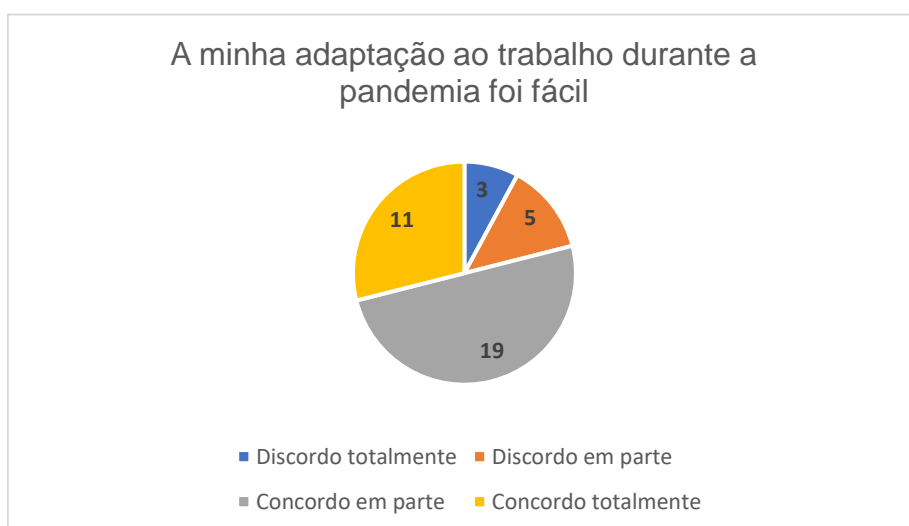


Figura 5 - Respostas à afirmação "A minha adaptação ao trabalho durante a pandemia foi fácil"

No entanto, tal não significa que não tenha existido um esforço de adaptação à mesma, conforme nos dizem o total dos 38 jornalistas inquiridos, que admitem todos que adaptaram o seu modo de trabalho devido às implicações que a COVID-19 trouxe, conforme se pode ver na figura 6.

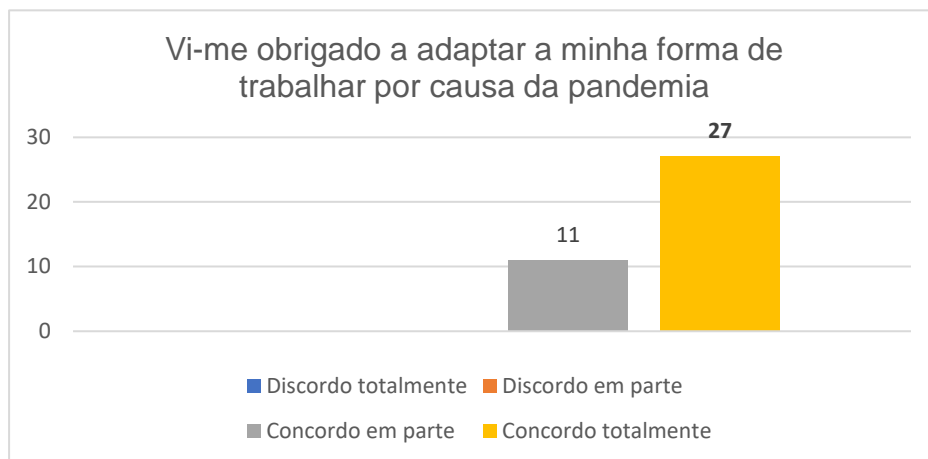


Figura 6 - Respostas à afirmação: "Vi-me obrigado a adaptar a minha forma de trabalhar por causa da pandemia"

A adaptação não foi só feita pelos jornalistas, mas também pela própria rádio em si. Para os jornalistas inquiridos, no geral, a rádio adaptou-se bem à nova realidade imposta pela pandemia, com apenas quatro inquiridos a discordar em parte e um a discordar totalmente, como demonstra a figura 7. Esta adaptação da rádio adveio de alterações que a própria sofreu, como sendo o conteúdo que oferece aos seus ouvintes e até novas formas de produzir esse mesmo conteúdo.

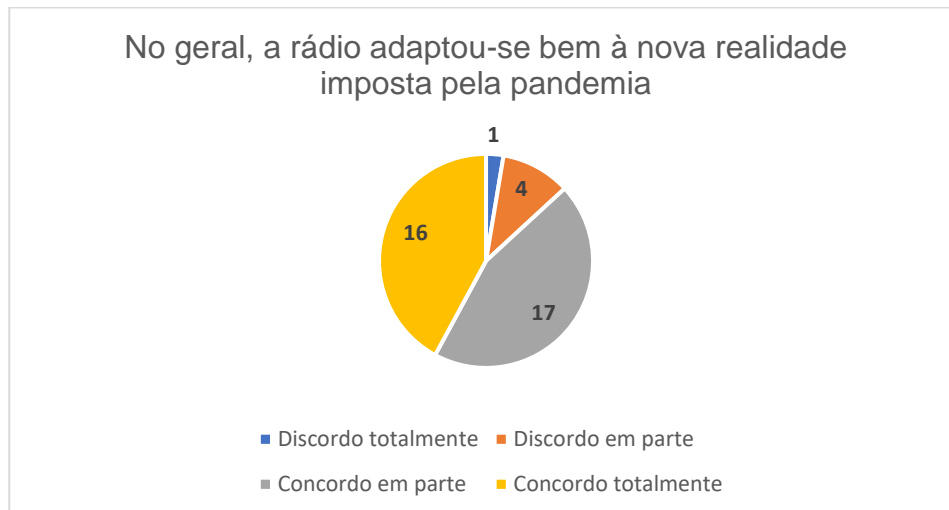


Figura 7 - Respostas à afirmação: "No geral, a rádio adaptou-se bem à nova realidade imposta pela pandemia"

Os jornalistas da Antena 1 abrangidos por este inquérito concordam, na sua maioria, com a afirmação de que a rádio alterou o conteúdo que oferecia aos respetivos ouvintes. Conforme se pode ver na figura 8, foram 25 as pessoas que concordaram em parte que viram a programação a alterar-se por força da pandemia, às quais acrescem

outras duas que concordam totalmente. Do outro lado da moeda estão os que discordam, sendo que seis discordam em parte e os restantes cinco discordam totalmente.

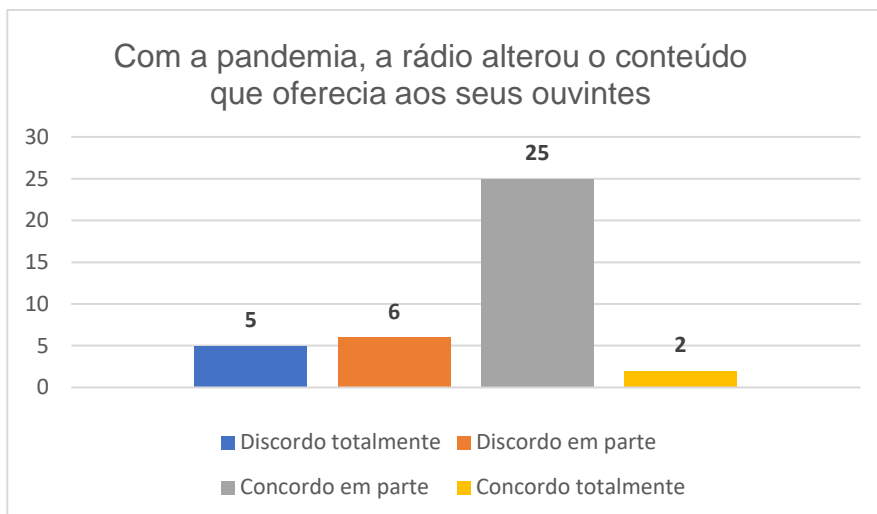


Figura 8 - Respostas à afirmação: "Com a pandemia, a rádio alterou o conteúdo que oferecia aos seus ouvintes"

Quanto às novas formas de produzir conteúdo, os inquiridos assumem que estas existem e que num futuro pós-pandemia, não se vão alterar, concordando, na sua maioria, com esta afirmação. Dos 38 jornalistas, 31 concordam, em parte ou totalmente com a existência de novos modos de criação de conteúdo, ao passo que os restantes 7 discordam em parte, ou totalmente, tal como demonstra a figura 9. Ou seja, se é certo que a pandemia trouxe novos conteúdos, também acrescentou novos modos de os produzir.

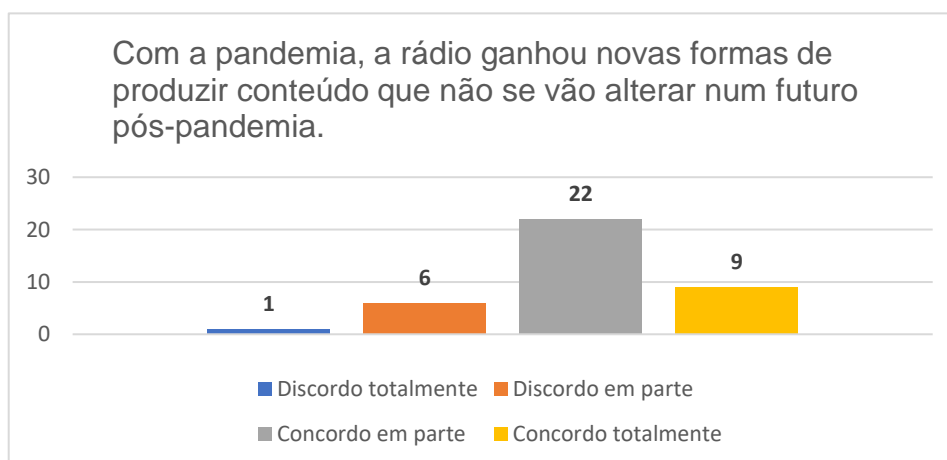


Figura 9 - Respostas à afirmação: "Com a pandemia, a rádio ganhou novas formas de produzir conteúdo que não se vão alterar num futuro pós-pandemia"

As mudanças e necessidades de adaptação provocadas pela pandemia da COVID-19 não foram apenas estas. Também se alteraram questões relacionadas com o som, o surgimento de conferências *online* e *webinars*, assim como questões relacionadas com o *online* e com o conteúdo noticioso, que vamos passar a analisar.

No que diz respeito ao conteúdo noticioso, questionámos os jornalistas se este havia empobrecido com a chegada da pandemia. Apesar de a resposta não ter sido uníssona, olhando para a figura 10, conseguimos ver que foram 25 os inquiridos que de alguma forma concordaram com a afirmação, restando 13 que discordaram da mesma.

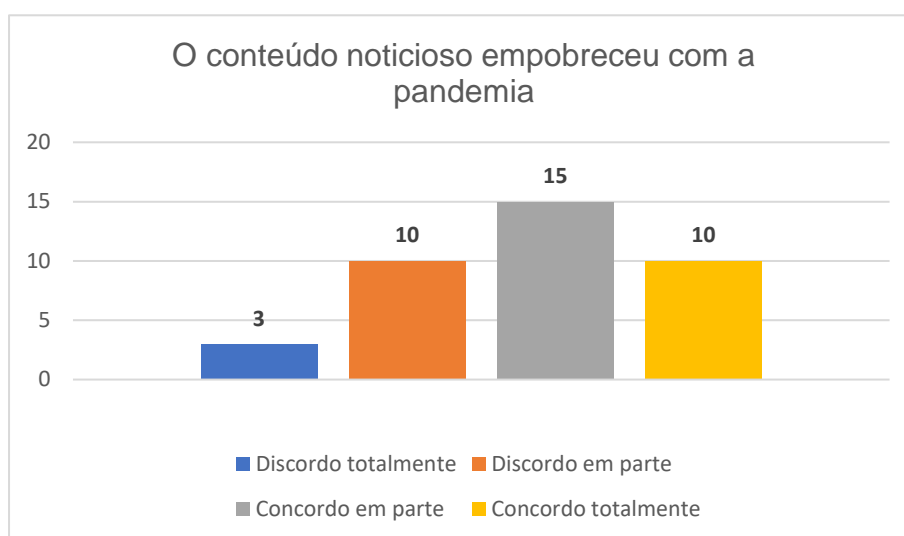


Figura 10 - Respostas à afirmação: "O conteúdo noticioso empobreceu com a pandemia"

A concordância anterior reflete-se nas respostas a uma outra afirmação, onde 29 dos jornalistas inquiridos concordam, seja em parte ou totalmente, que houve uma monotonia nas temáticas abordadas no noticiário do órgão de comunicação social, fazendo face aos restante nove inquiridos que discordam totalmente ou parcialmente da mesma frase, como nos mostra a figura 11.

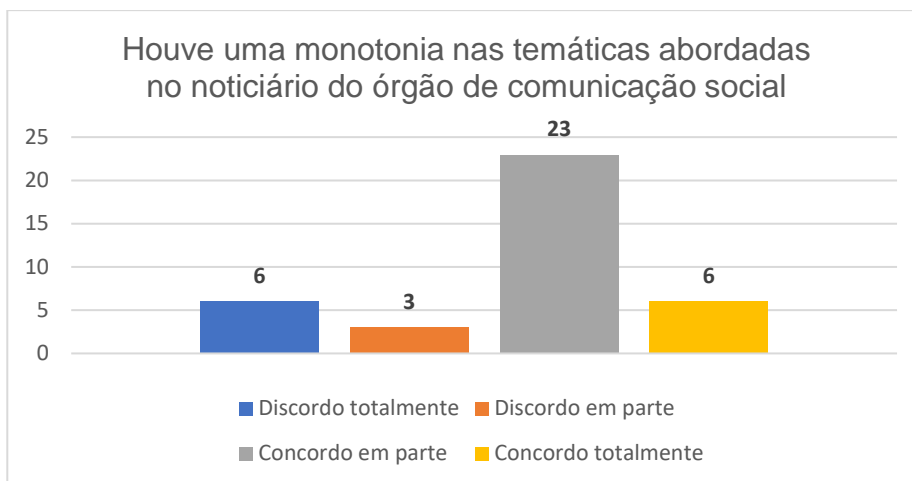


Figura 11 - Respostas à afirmação: "Houve uma monotonia nas temáticas abordadas no noticiário do órgão de comunicação social"

No entanto, tal não significa que essa mesma monotonia nas temáticas abordadas no noticiário tenha existido, por comparação aos restantes órgãos comunicação sociais. Aliás, analisando a figura 12 podemos ver que esta foi talvez das afirmações que motivou um maior número de respostas discordantes, sendo que, dos 38 inquiridos, 34 não concordaram com a afirmação, destacando-se a categoria “Discordo totalmente”, com 23 respostas.

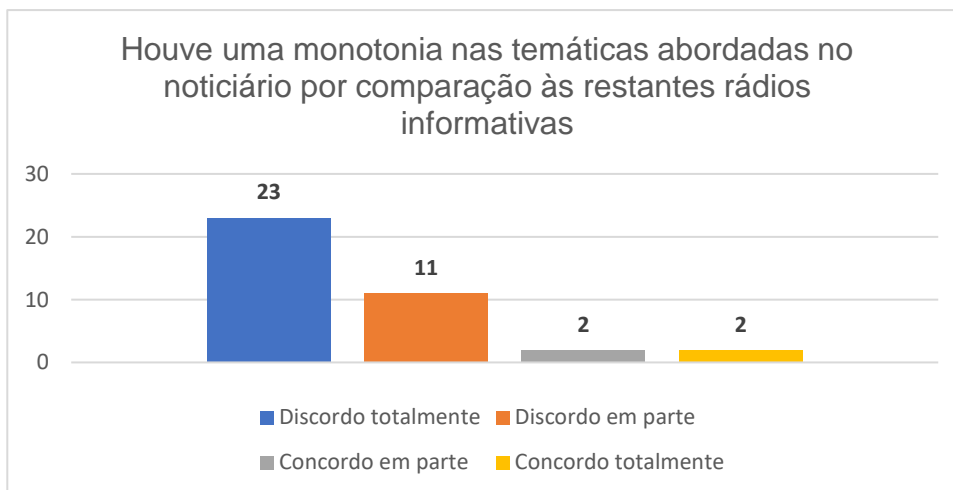


Figura 12 - Respostas à afirmação: "Houve uma monotonia nas temáticas abordadas no noticiário por comparação às restantes rádios informativas"

Importa referir também a redução significativa do número de idas ao terreno, motivada pela pandemia COVID-19, afirmação que se destaca pelo maior número de respostas que concorda totalmente, fixado nas 21. Significa isto que a maioria dos inquiridos concordam com a menor existência de saídas ao terreno, existindo apenas

cinco jornalistas que não observaram qualquer tipo de diminuição neste número, conforme podemos constatar com a figura 13.

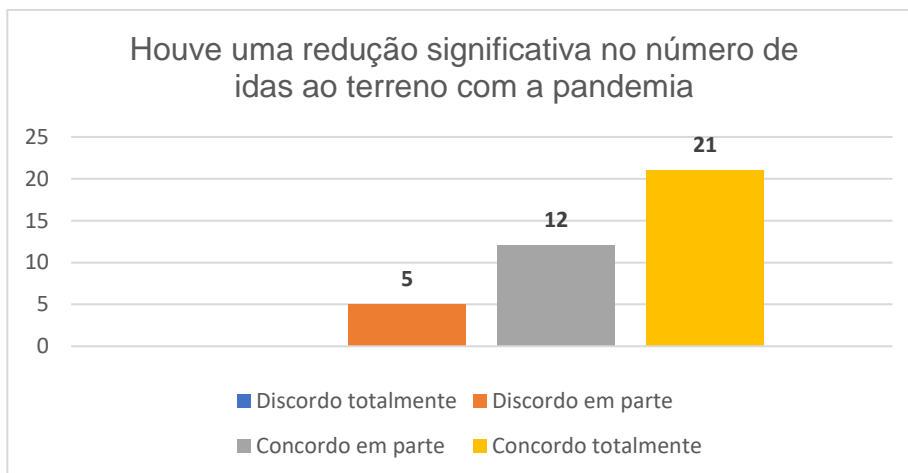


Figura 13 - Respostas à afirmação: "Houve uma redução significativa no número de idas ao terreno com a pandemia"

Outra das mudanças que a pandemia provocou diz respeito ao contacto com as fontes. Dos jornalistas inquiridos, a maioria concordou com a afirmação “O contacto com as fontes ficou dificultado com a pandemia”, com 20 a concordarem em parte com esta afirmação e outros cinco a concordarem totalmente. Denote-se, apesar disso e como nos diz a figura 14, o total de 13 pessoas que, com a pandemia, não viu um acréscimo na dificuldade do contacto com as fontes.

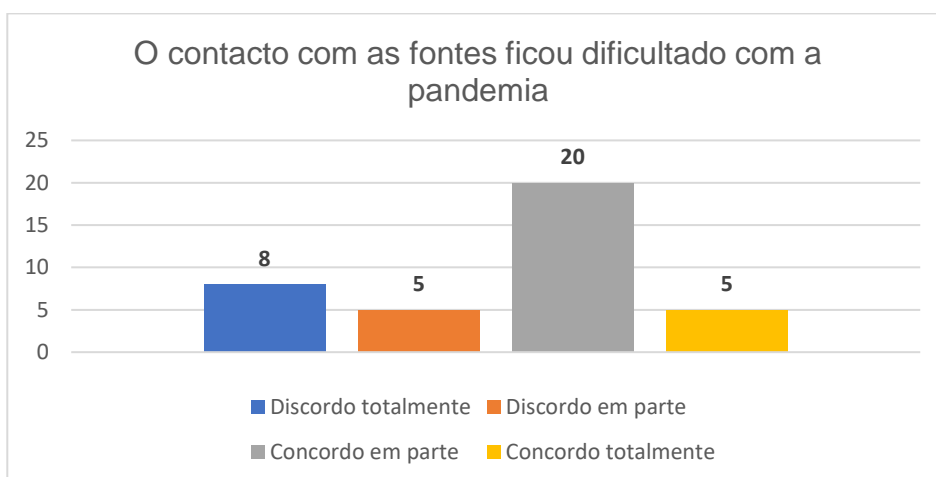


Figura 14 - Respostas à afirmação: "O contacto com as fontes ficou dificultado com a pandemia"

Mas não foi pela dificuldade no contacto com as fontes que a pandemia veio a tornar mais difícil assegurar a veracidade dos conteúdos com que os jornalistas se deparavam. Ou pelo menos é o que afirmam 20 dos profissionais inquiridos, que discordam em parte ou totalmente da afirmação, face aos restantes 18 que, ainda assim, consideraram a veracidade da informação algo mais difícil de atingir. É, portanto, uma das afirmações que gerou maior divisão entre os inquiridos (figura 15).

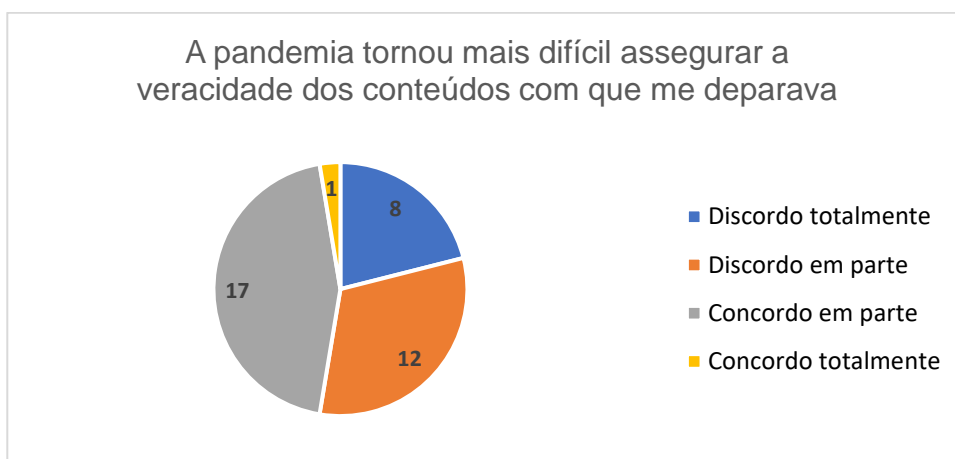


Figura 15 - Respostas à afirmação: "A pandemia tornou mais difícil assegurar a veracidade dos conteúdos com que me deparava"

Conforme mencionado no capítulo das metodologias, algumas das questões abordadas no presente inquérito surgiram em conversas com os colegas jornalistas e que se provaram relevantes para este relatório. É esse o caso quando abordamos o som que, para a maioria dos inquiridos, teve um decréscimo significativo na sua qualidade. Olhando para a figura 16, é possível observar que foram 23 os jornalistas que concordaram com a afirmação, com 15 e oito jornalistas a concordarem em parte e totalmente, respetivamente, face aos restantes 15 que discordaram com a afirmação.

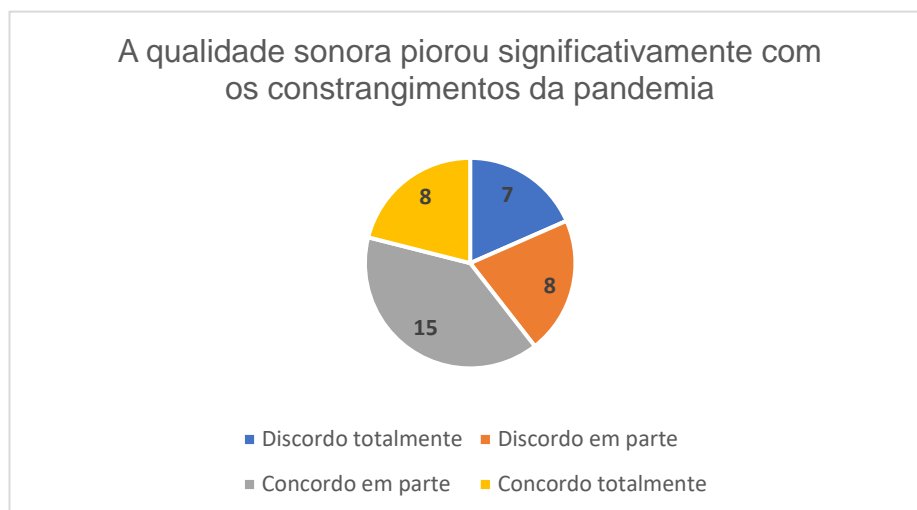


Figura 16 - Respostas à afirmação: "A qualidade sonora piorou significativamente com os constrangimentos da pandemia"

A divisão na opinião dos jornalistas acentua-se quando a afirmação põe em causa a não utilização de um som de um entrevistado devido à sua má qualidade. Quando se deparam com esta informação, os inquiridos têm tendência para discordar, com 12 jornalistas a discordar por completo e outros 11 a discordar em parte. Mesmo assim, refiram-se os 15 inquiridos que concordaram em parte ou totalmente com esta afirmação, demonstrada na figura 17.

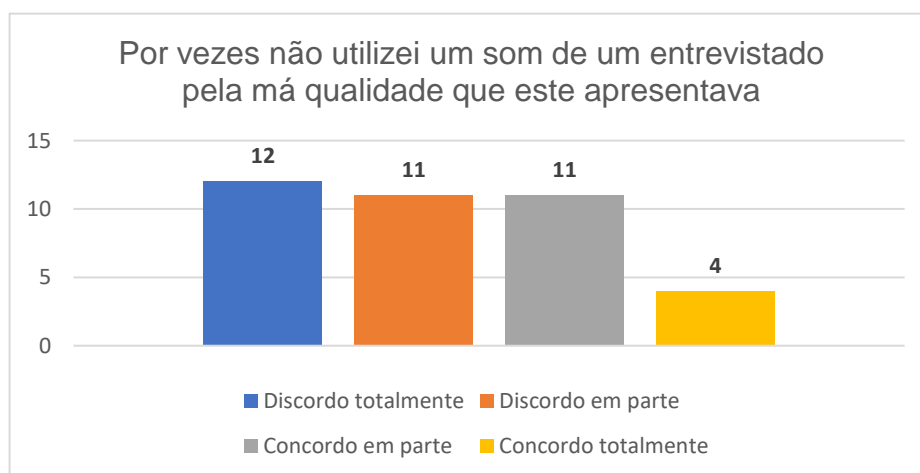


Figura 17 - Respostas à afirmação: "Por vezes não utilizei um som de um entrevistado pela má qualidade que este apresentava"

Ainda no capítulo do som e, em concreto, das entrevistas, 22 dos inquiridos assumem, em parte ou totalmente, que a impossibilidade de observar a linguagem corporal do entrevistado prejudicou a informação que o jornalista conseguia obter. No entanto, como indica a figura 18, são 16 os inquiridos que discordam desta afirmação,

não acreditando que a informação tenha ficado prejudicada pela ausência da possibilidade de ver a linguagem corporal de quem entrevista.

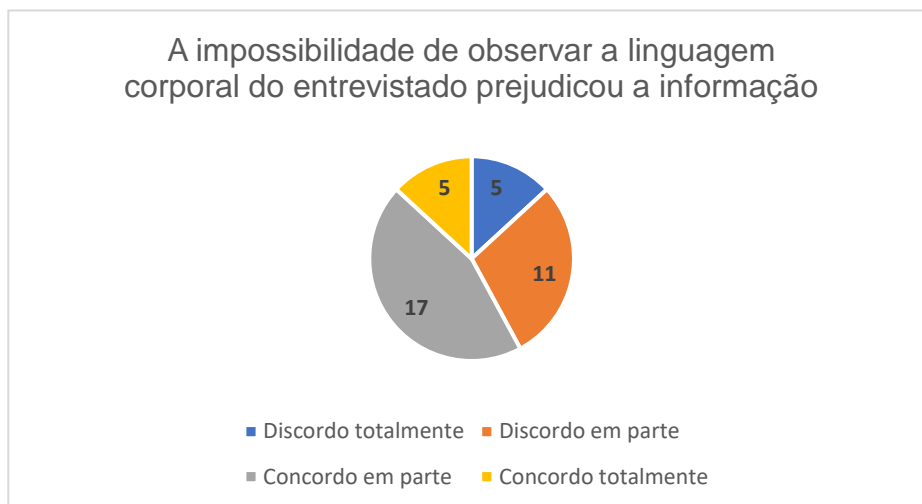


Figura 18 - Respostas à afirmação: "A impossibilidade de observar a linguagem corporal do entrevistado prejudicou a informação"

O número de inquiridos que concorda com a afirmação da figura 18 não muda muito quando a afirmação em causa aborda a importância da linguagem corporal do entrevistado para o dia-a-dia na rádio. Na realidade, há um indivíduo a mais que discorda da afirmação, total ou parcialmente, por comparação à frase da figura anterior. Assim, são 17 os que discordam desta importância, enquanto, do outro lado da moeda, há 10 inquiridos que concordam em parte e outros 11 que concordam totalmente e atribuem importância à entrevista presencial, que permite observar de perto a linguagem corporal do entrevistado (figura 19).

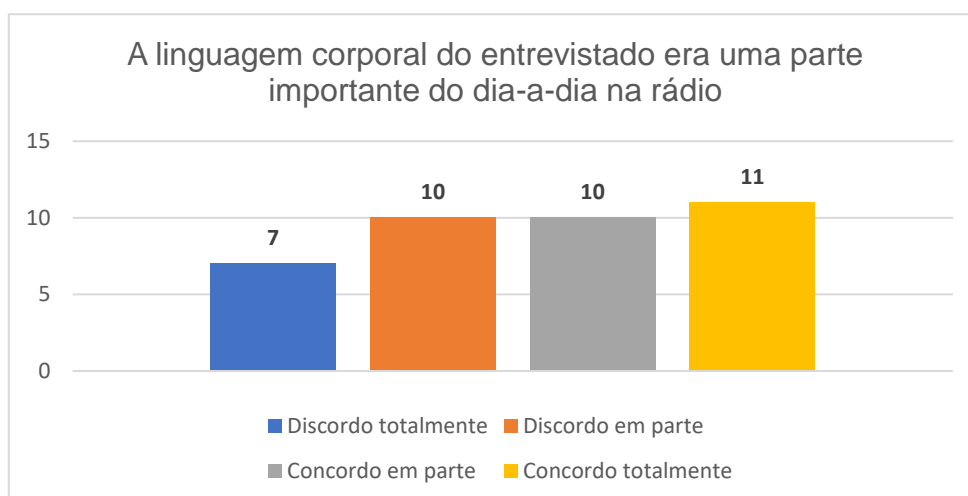


Figura 19 - Respostas à afirmação: "A linguagem corporal do entrevistado era uma parte importante do dia-a-dia na rádio"

O panorama de concordância e discordância muda-se quando abordamos o som ambiente. Aqui, ao contrário das duas figuras anteriores, há uma maior discrepância entre os inquiridos que concordam e os que discordam, quando dizemos que o uso do som ambiente se perdeu com a pandemia. No seu conjunto, são apenas oito os jornalistas que discordam desta afirmação, ao passo que os restantes 30 concordam que houve uma menor utilização do som ambiente na rádio, tal como indica a figura 20.

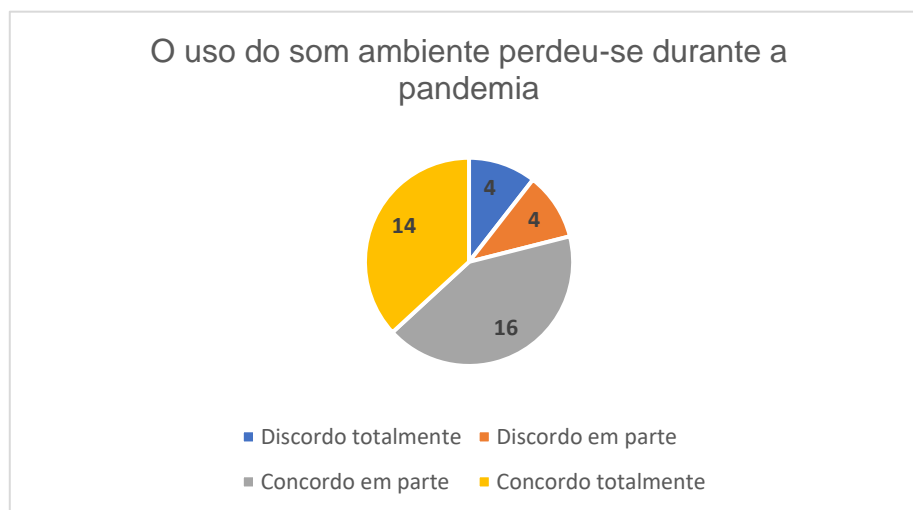


Figura 20 - Respostas à afirmação: "O uso do som ambiente perdeu-se durante a pandemia"

Avançando agora do som para o *online*, quisemos perceber se a pandemia, aos olhos e ouvidos dos nossos inquiridos, motivou alguma diferença na utilização dos meios e aplicações *online* que têm ao dispor e que foram surgindo. Assim, perguntámos aos jornalistas se as ferramentas *online* se tornaram mais importantes para o trabalho jornalístico durante a pandemia. A esmagadora maioria, 34 dos respondentes, concordaram parcial ou totalmente com esta afirmação, havendo apenas quatro inquiridos que discordaram parcialmente, conforme ilustra a figura 21.

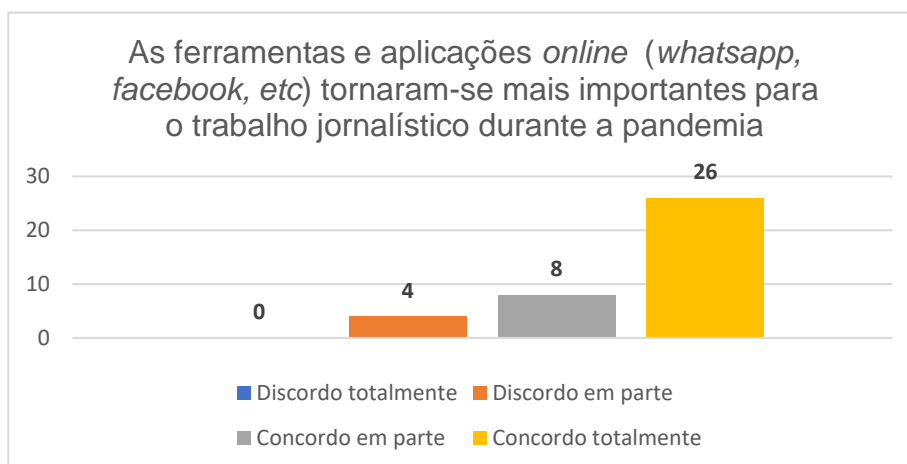


Figura 21 - Respostas à afirmação: "As ferramentas e aplicações *online* (*whatsapp, facebook, etc*) tornaram-se mais importantes para o trabalho jornalístico durante a pandemia"

Além destas ferramentas *online*, como o *Facebook* e o *WhatsApp*, conforme exemplificado na figura anterior, também procurámos saber se o *online*, no seu todo, incluindo também *websites* e não só as aplicações e ferramentas mencionadas, também teve a sua importância reforçada, ao que, sem surpresa, os inquiridos responderam também de forma positiva, com 35 concordâncias, totais ou parciais, e apenas três jornalistas a discordarem parcialmente (figura 22).

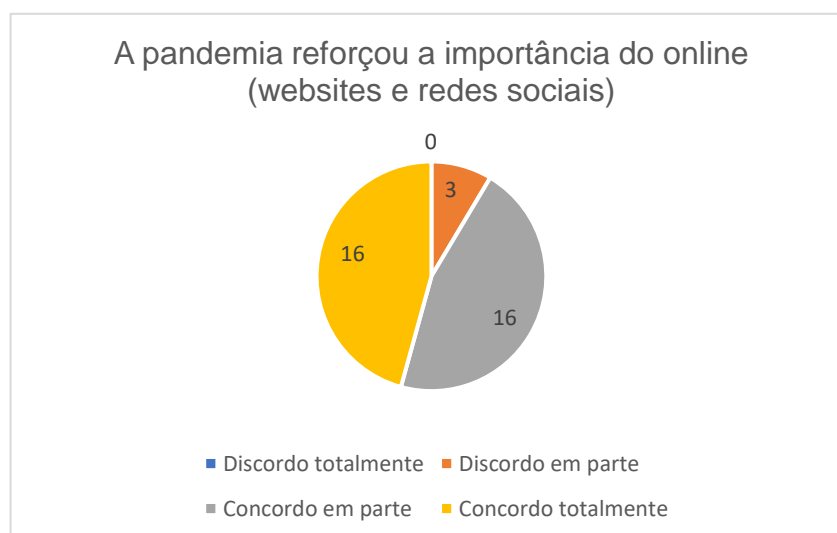


Figura 22 - Respostas à afirmação: A pandemia reforçou a importância do *online* (*websites e redes sociais*)

Esta importância reflete-se nas seguintes afirmações: o *online* ganhou, para a maioria dos nossos inquiridos, relevância enquanto ferramenta para tirar informações –

entenda-se, aqui, a palavra informações como conteúdo escrito, que só pode ser reproduzido pelo jornalista; e ganhou também maior importância como ferramenta de onde se retiram sons, embora, neste última, haja uma maior expressividade na discordância, tal como podemos ver na figura 23.

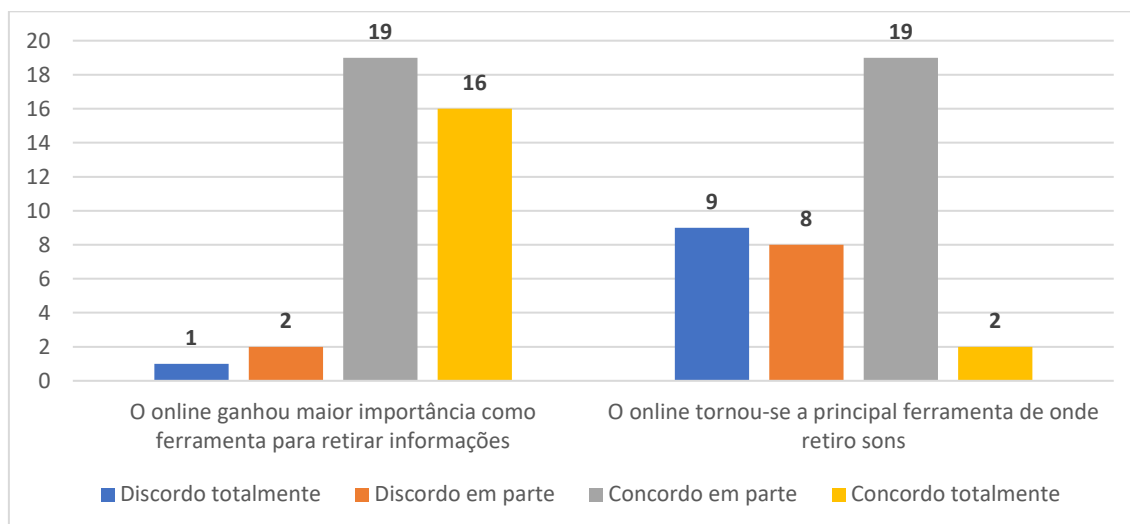


Figura 23 - Respostas às afirmações: "O online ganhou maior importância como ferramenta para retirar informações" e "O online tornou-se a principal ferramenta de onde retiro sons"

No campo do *online*, há ainda a referir os chamados *webinars* e conferências *online*. Com o decorrer do estágio, percebeu-se, em conversa e a observar, que este tipo de eventos é cada vez mais frequente, sendo que, muitas vezes, o jornalista não sai em reportagem e fica na redação a acompanhar a conferência ou reunião através do seu computador, onde grava os respetivos sons que depois integram os noticiários.

Nesse sentido, apresentámos aos inquiridos uma afirmação onde se pode ler que a introdução e maior ocorrência de conferências *online* ou *webinars* facilitou a profissão. Perante esta frase, a divisão nas respostas foi evidente, conforme ilustra a figura 24. Analisando-a, podemos constatar que são 18 os jornalistas que discordam, em parte ou totalmente da afirmação, correspondendo a 47,4% dos inquiridos. Do outro lado estão os restantes 52,6% que admitem que a profissão pode ter ficado facilitada com a introdução deste tipo de conferências.



Figura 24 - Respostas à afirmação: "A introdução e maior ocorrência de conferências *online* ou *webinars* facilitou a profissão"

Quando questionados porque é que estas conferências não facilitaram a profissão, em caso de discórdia, as respostas assentam essencialmente na ausência do contacto presencial. Há muito que se perde no contacto físico; impossibilitam a participação ativa com a colocação de perguntas; o contacto com o acontecimento e com os protagonistas é de grande importância; os problemas com a transmissão *online* do evento; ou até o dificultar do contacto com as fontes que habitualmente decorria neste tipo de eventos, nomeadamente sobre matérias que costumavam ser abordadas em pausas. Estas são as palavras de alguns dos inquiridos que não encontram facilitismos na profissão através destas conferências.

A divisão entre os jornalistas, relativa ao facilitismo que estas conferências trazem à profissão, continua quando estes são confrontados com a possibilidade das conferências *online* ou *webinars* desvalorizarem eventos que tenham a presença de figuras importantes. Na realidade, tal como indica a figura 25, esta é a única afirmação de todo o inquérito que tem tantas pessoas a discordar como tem a concordar, com 19 (50%) de cada lado.



Figura 25 - Respostas à afirmação: "As conferências online e *webinars* vieram a desvalorizar a importância dada a eventos com a presença de figuras importantes"

Além destas afirmações, os jornalistas foram ainda confrontados com frases referentes à capacidade de adaptação que a redação, por um lado, e a empresa, por outro, tiveram às implicações da pandemia. Quando a afirmação envolve a redação, a satisfação é notória, com 84,2%, ou seja, 32 dos inquiridos, a mostrar-se satisfeito com a adaptação dos jornalistas da redação da Antena 1 à pandemia COVID-19, como demonstra a figura 26. Não há quem se mostre nada satisfeito com esta adaptação, havendo 6 jornalistas pouco satisfeitos com a mesma.

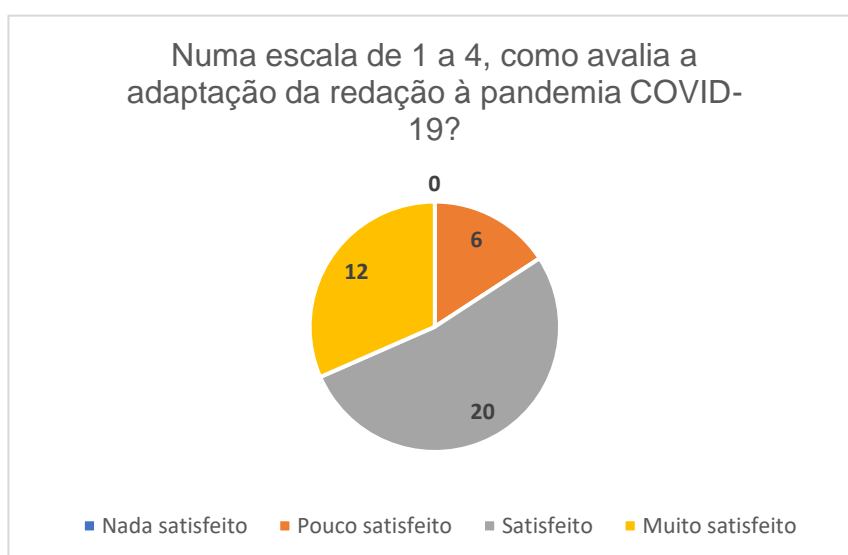


Figura 26 - Respostas à afirmação: "Numa escala de 1 a 4, como avalia a adaptação da redação à pandemia COVID-19?"

Quando a adaptação é referente à direção da empresa e, em concreto, ao modo como esta lidou com a COVID-19, o descontentamento também não é significativo, mantendo-se as mesmas seis vozes insatisfeitas, embora em níveis diferentes. Assim, são duas as pessoas que se apresentaram como muito insatisfeitas, enquanto outras quatro dizem-se insatisfeitas. Uma vez mais, apesar da insatisfação, nota para a grande maioria dos inquiridos estar satisfeito com a forma como a direção da empresa lidou com os inconvenientes causados pela COVID-19. Tal como exemplifica a figura 27, são 13 os jornalistas que estão muito satisfeitos e 19 encontram-se satisfeitos.

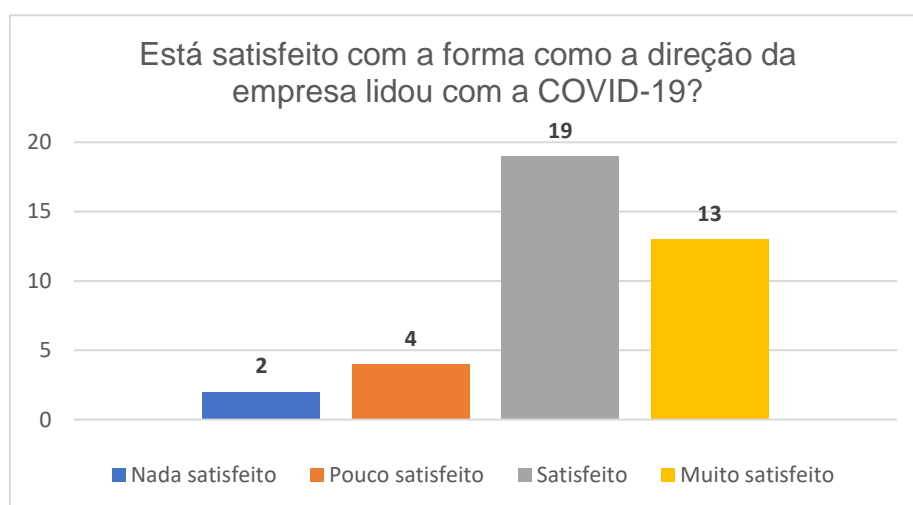


Figura 27 - Respostas à pergunta: "Está satisfeito com a forma como a direção da empresa lidou com a COVID-19?"

Quando tentamos perceber os motivos que estão por detrás da insatisfação, podemos constatar que estão relacionados com a falta de meios técnicos para produzir trabalho a partir de casa, pela falta de comunicação com as equipas, por uma sobrecarga física e emocional nos jornalistas que sempre tiveram de trabalhar presencialmente, fruto de uma má gestão dos recursos humanos. Além disso, aponta-se ainda que nunca houve uma prevenção aos problemas, mas sim apenas uma reação, à medida que os inconvenientes iam surgindo.

Apesar de tudo o que a pandemia significou para a rádio e das alterações que esta foi sofrendo, a maioria dos nossos inquiridos considera que, no final de tudo, a rádio não se desvirtuou do tradicional, mantendo-se fiel àquilo que sempre foi. São 24 pessoas a discordar da afirmação, 12 das quais totalmente e outras 12 em parte. Ainda

assim, existem 14 pessoas que concordaram com a afirmação, o que denuncia que existem diferentes perspetivas relativamente a esta temática, conforme podemos aferir através da figura 28.

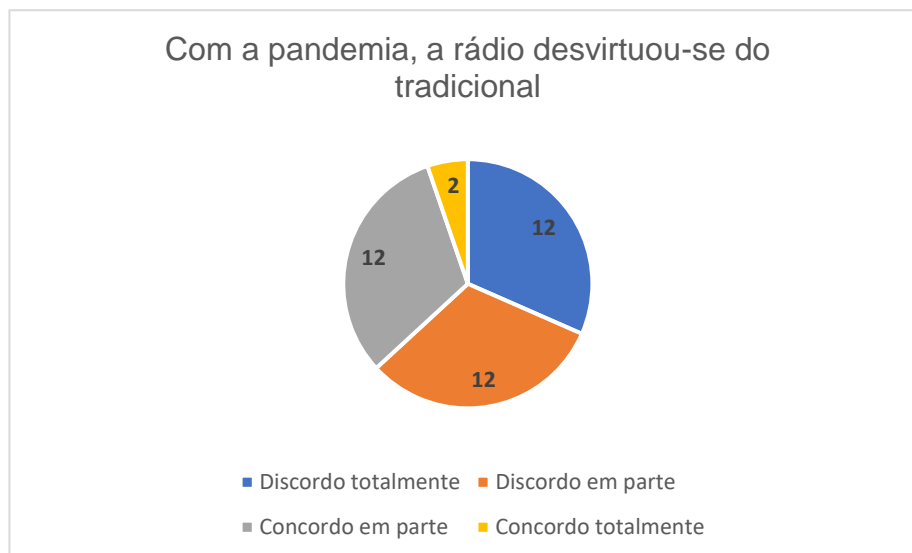


Figura 28 - Respostas à afirmação: "Com a pandemia, a rádio desvirtuou-se do tradicional"

Desvirtuando-se ou não do tradicional, os inquiridos revelaram, na sua maioria, que, apesar de todas as mudanças, a pandemia veio dar nova relevância ao jornalismo. São apenas sete as vozes discordantes desta afirmação, face aos 31 jornalistas que concordaram com esta frase – 15 concordam parcialmente e 16 concordam totalmente, como nos diz a figura 29.

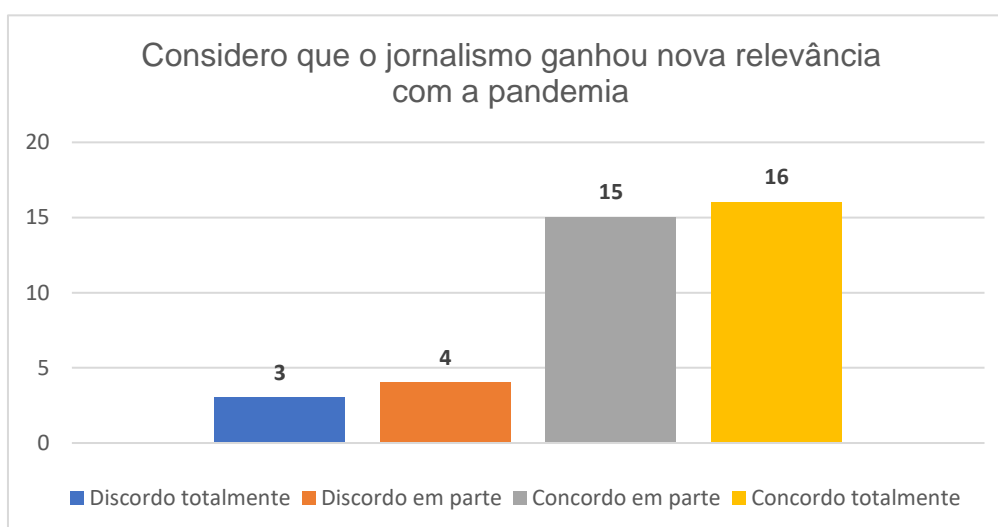


Figura 29 - Respostas à afirmação: "Considero que o jornalismo ganhou nova relevância com a pandemia"

No presente inquérito, foi deixado ainda um espaço em aberto que convidava os jornalistas, se assim o entendessem, a deixar o seu contributo para a temática da adaptação da rádio à pandemia. Neste espaço pode ler-se a resposta de dois dos inquiridos, que dizem, por um lado, que a rádio formatada não existe, acrescentando que esta se deve adaptar à envolvente, ao público alvo – tal como fez com os incêndios em Pedrógão Grande, também em tempo de pandemia a rádio se adaptou; por outro lado, o último comentário refere que no espaço da redação da Antena 1, a pandemia deu oportunidades profissionais a vários jornalistas que, nas palavras deste/a inquirido/a, “estavam arrumados em turnos ou setores onde o desinvestimento humano e técnico era muito grande”. Com a falta de pessoal, acrescenta, essas pessoas passaram a ocupar vagas na redação principal da direção de informação, passando, assim, “de irrelevantes a indispensáveis”.

Para aprofundarmos algumas das questões abordadas, conversámos com três jornalistas da Antena 1, José Carlos Lopes, Mário Galego e David Carvalho, que viveram esta experiência do jornalismo radiofónico durante a pandemia da COVID-19. Além disso, foi também realizada uma entrevista à subdiretora de informação da rádio, Maria de São José.

A pandemia alterou o dia-a-dia dos jornalistas, porque, como nos disse José Carlos Lopes, fazendo uma analogia desportiva, “os jogadores também são homens e as jogadoras também são mulheres”. Da mesma forma os jornalistas também o são e tiveram que se adaptar à pandemia porque também têm família. Um ponto em comum em todas as entrevistas realizadas, é a referência a uma mudança na organização da própria redação. Conforme nos contam os entrevistados, a Antena 1 foi dividida em equipas espelho, o que significa que enquanto um determinado grupo de jornalistas fazia o trabalho na redação durante 15 dias, o outro conjunto ficava em casa, sem trabalhar, até esta situação se alternar.

As diferentes editorias da rádio tiveram que ser integradas nestes turnos durante as fases mais críticas da pandemia. Assim conta Maria de São José, que afirmou que “os jornalistas da editoria de Desporto e alguns da editoria de Política integraram estas equipas, bem como os jornalistas do Portugal em Direto, ou da RDP Internacional”. Para a subdiretora, o desafio foi reorganizar a redação, algo que permitiu um funcionamento mais seguro da mesma, uma vez que havia sempre alguém como



reforço, caso fosse necessário. Aliás, se houvesse algum infetado com COVID-19 no turno que estava de serviço, a equipa era toda enviada para casa, sendo substituída por esse dito reforço.

A necessidade de integração dos jornalistas de outras editorias nestes turnos também adveio da necessidade de alocar os profissionais das áreas que, de um momento para o outro, deixaram de funcionar. É o caso do desporto, destaca José Carlos Lopes, quando diz que este grupo deixou de existir enquanto editoria para serem integrados nos vários turnos da redação, uma vez que, a certa altura, as modalidades desportivas cessaram por completo.

Para Mário Galego, por sua vez, os desafios foram outros. O grande desafio apontado pelo jornalista é o de retirar informação. “Estando tudo fechado, confinado nas redações e os agentes da notícia confinados também”, impõe-se o desafio de perceber como é que se alcança a informação. E é precisamente por haver esse desafio que identifica a existência de pouco conteúdo para ser trabalhado, numa altura em que havia restrições até na própria informação, uma vez que esta estava virada quase única e exclusivamente para a pandemia. No entanto, não deixa de existir aquele que considera ser o paradigma da rádio: mesmo não havendo grande conhecimento sobre o que se estava a passar, e mesmo sem se saber como é que o assunto da COVID-19 podia ser tratado, as pessoas estavam “em casa a ouvir rádio à mesma”. Ou seja, havia inclusivamente mais espaço para abranger conteúdos e existia um maior número de ouvintes, mas não havia tanta informação para tratar.

Existiram ainda, como menciona David Carvalho, aspetos mais específicos que exigiram adaptação por parte dos jornalistas. São estes as preocupações com as saídas em reportagem, que passaram a envolver cuidados higiénicos que antes não faziam parte do quotidiano de um jornalista. Desde “usar luvas, máscara para sair em reportagem, ter que desinfetar o microfone, ter que colocar o plástico à volta da bola do microfone”, tudo isto implicou maior cuidado e maior preparação.

Em termos pessoais, obtivemos respostas distintas para como os entrevistados encararam a sua adaptação aos desafios provocados pela COVID-19. Por um lado, para Mário Galego, foi um desafio pessoal, sendo necessário compreender a doença e perceber que atividades podia realizar. Estas situações, admite, prejudicavam “as poucas saídas ou quase nenhuma” que iam existindo. Isto porque sair em reportagem, implica



ver e contar. Os hábitos que existiam numa ida ao terreno, como por exemplo, conhecer pessoas, espreitar as salas onde decorriam conferências e de onde se podia retirar algum tipo de informação, deixaram de acontecer com a pandemia. Se antes era possível estar mais perto, a título de exemplo, do pessoal da proteção civil ou dos secretários de estado e ministros, com a pandemia e o distanciamento a que esta obrigou, tal deixou de ser possível. Esta alteração forçada pela COVID-19 criou, para Mário Galego, o receio de que o distanciamento se torne num novo hábito nas relações entre os agentes da notícia e os jornalistas.

Uma opinião semelhante é partilhada pela subdiretora de informação da rádio, que confessou que a sua adaptação em particular foi algo exigente, mas que a procurou sempre realizar de forma serena, porque tinha consciência que, para os restantes jornalistas, era importante manter a calma e transmitir segurança.

Por outro lado, quando falámos com José Carlos Lopes, foi compreensível que não houve grande dificuldade de adaptação, ainda que o receio do vírus, em termos de saúde, estivesse presente. O que nota, apesar de tudo, é um incremento nas horas de trabalho quando houve uma passagem para o teletrabalho. A redação tem uma sensação de maior disponibilidade daqueles que estão a trabalhar a partir de casa e quem efetivamente está em casa, sente uma obrigação de estar mais atento, o que acaba por fazer desvanecer o horário que, na redação, habitualmente existia: “Cheguei a fazer coisas às 7h da manhã e depois no mesmo dia fazer à meia-noite, porque tinha conhecimento de qualquer coisa que poderia ser importante, ou um contacto com quem podia falar apenas àquela hora, devido à diferença de horas, por exemplo, para o Brasil” (José Carlos Lopes, 2021).

A adaptação também não foi difícil para David Carvalho, sendo que as maiores alterações que notou foram as dos aspetos mais específicos do quotidiano de um jornalista, já mencionados. Ainda assim, acrescenta que a adaptação a esta incerteza não foi totalmente nova, uma vez que já tinha trabalhado em circunstâncias onde teve de lidar com situações fora do seu controlo. Por isso, admite que essas experiências foram importantes para ajudar a encarar esta situação do ponto de vista psicológico.

Quanto à adaptação que estes jornalistas viram no resto das equipas com quem trabalham, quer José Carlos Lopes quer David Carvalho afirmam que a adaptação daqueles com quem mais operam não foi difícil. Aqui destaca-se a capacidade da



editoria do desporto em adaptar-se às questões impostas pela pandemia, conforme nos dizem os dois entrevistados, sendo que David Carvalho acrescenta ainda que isso se notou pela forma como os outros elementos da redação os recebiam e percecionavam “essa adaptação e essa boa participação (...), essa utilidade no dia a dia e a sabedoria que as pessoas conseguiam aplicar”.

Outra perspetiva é a de Mário Galego, que ainda que não tenha sentido grandes diferenças nos ritmos de adaptação, conseguiu notar que houve um afastamento entre as várias equipas da redação, tanto que, como refere, “há pessoas que já não vejo há mais de um ano e que estão cá a trabalhar”.

Já Maria de São José distingue os jornalistas que foram enviados para casa, em teletrabalho, daqueles que permaneceram a desempenhar a sua função normalmente na redação. Quanto aos primeiros, assume que o teletrabalho foi efetivamente um grande desafio. No entanto, dado o desconhecimento e o receio que se gerou em torno da COVID-19, Maria de São José acredita que o maior desafio, intensidade e as maiores dificuldades foram atravessadas por aqueles que se mantiveram a trabalhar presencialmente. Seja como for, não deixou de manifestar que todos os jornalistas estiveram à altura dos desafios que iam surgindo.

No que diz respeito ao modo como a empresa encarou a pandemia, por sua vez, as respostas são quase todas positivas. Maria de São José, José Carlos Lopes e David Carvalho concordam todos que a RTP soube lidar com os constrangimentos que a COVID-19 criou. Assumem que as medidas de higienização e segurança foram tomadas conforme a situação pandémica ia avançando, que estas regras foram sempre explícitas e que a empresa respondeu bem aos desafios e problemas que foram aparecendo, para que as pessoas pudessem trabalhar e se sentissem minimamente em segurança.

Em contrapartida, Mário Galego confessa que, ainda que hoje a empresa lide bem com as mudanças, “no princípio não tanto, porque admito que não conhecesse tanto”. Acrescenta ainda, no entanto, que houve tratamentos diferentes para contactos próximos de casos de COVID-19 que iam sendo identificados, questionando ainda a desinfeção a que se procedia no local onde a pessoa infetada com COVID-19 trabalhava.

Quanto ao conteúdo noticioso, a parte principal do presente relatório, os entrevistados admitem todos que este mudou com a pandemia. David Carvalho, por



exemplo, afirma que a atenção dos jornalistas teve que se virar para a pandemia em todas as áreas. No caso do desporto, admitiu que, assim que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia, começaram a receber-se reações dos mais variados quadrantes e instalaram-se as dúvidas acerca da continuidade das modalidades desportivas e da autorização de público nos estádios, por exemplo.

Como é evidente, não foi só o desporto a ficar afetado pela pandemia. A programação gravada na Antena 1 foi quase posta de parte, porque, em permanência, existiam informações do Governo, da Direção-Geral da Saúde e do Parlamento, que passavam em direto na rádio, como refere Mário Galego. A necessidade de transmitir estes eventos “obrigava a abrir a antena (...) se fosse preciso uma hora, duas horas, com perguntas”. Servia, inclusivamente, como uma orientação para os jornalistas, numa circunstância em que havia pouca informação. Para Mário Galego era necessário que isto acontecesse, porque era preciso existir um ajuste à realidade que se estava a viver.

Esta perspetiva é complementada pela do jornalista José Carlos Lopes, que não só partilha da mesma opinião de Mário Galego, como também acrescenta que depois destas transmissões em direto, o que passava não era a referida programação gravada, mas sim especialistas, relativamente àquilo que tinha sido falado. Além disso, a maior parte do espaço ocupado nos noticiários que se seguiam era sempre referente a estas conferências. É precisamente essa a resposta que apresenta também Maria de São José, que diz que a alteração se sucedeu pela necessidade de acompanhar as informações dos órgãos e instituições já referidos, mas sempre de forma rigorosa, responsável e sem alarmismos.

No fundo, a entrada da pandemia em cena obriga o jornalismo radiofónico e a Antena 1 em concreto a realinhar o seu foco. É, como afirma a subdiretora de informação, uma organização e uma condução da rádio “com base nos ritmos da informação sobre a pandemia”. Ou, ainda, como conta David Carvalho, era ter uma realidade a nível mundial condicionada pela pandemia e, por isso, fazer imensas horas de reportagens e de diretos em torno da COVID-19. A título de exemplo, José Carlos Lopes admite que a diferença é fácil de se ver, a partir do momento em que “ninguém fazia perguntas ao António Costa sobre uma promessa que tinha sido feita há um ano, toda a gente fazia perguntas era sobre a pandemia”. Na perspetiva deste jornalista nem



as pessoas estavam recetivas a informações sobre outra coisa que não fosse a situação pandémica.

Como diz Mário Galego, não é só a preocupação em torno da COVID-19, da sua progressão e da evolução das pesquisas. É também, noutro aspeto, a mudança que se sente em termos do distanciamento existente nas conferências de imprensa que, na sua perspetiva, pode perdurar durante os próximos meses e anos. São ritmos que podem ser alterados e que podem mudar a rotina dos profissionais.

Outra das mudanças provocadas pela pandemia passa pelo contacto com as fontes. Para Maria de São José, a pandemia leva os jornalistas a aplicar todos os princípios pelos quais a profissão se deve guiar sempre¹³. Com uma realidade nova, as informações iam surgindo a um ritmo que obrigava a procurar quem as pudesse verificar antes de serem transmitidas. Por isso, confessou que se impôs não ter pressa, mais valendo “sermos os últimos a dar, mas darmos rigorosamente, do que sermos dos primeiros a dar informações que não viessem a confirmar-se como inicialmente tinham circulado”.

José Carlos Lopes acrescenta que a pandemia efetivamente obrigou os jornalistas a adaptarem-se neste sentido, uma vez que “foi todo um mundo novo com quem foi necessário falar”. A este desafio acresce ainda o facto de serem necessárias fontes diversificadas, pois era a pandemia que ocupava a maior porção dos noticiários. A Direção-Geral da Saúde, que antes não era uma fonte privilegiada, tornou-se na mais utilizada, tal como aconteceu com a ministra da Saúde. Por exemplo, José Carlos Lopes refere ainda ter à volta de 7000 números de telefone, de fontes que utilizava no seu dia-a-dia na editoria do desporto, mas assume que, de todas essas, talvez apenas duas ou três foram úteis, algo que põe em perspetiva a necessidade de procura por novas fontes, que teve que existir. Ainda assim, não é pela procura de novas fontes que a ligação às que já tinha desvaneceu. O único sentido em que as circunstâncias se alteraram foi no facto de não ser possível haver a mesma aproximação a que estavam habituados, por exemplo, para esclarecer uma situação depois de uma conferência de imprensa.

Também David Carvalho assume que os jornalistas tiveram que se adaptar neste sentido, ainda que tenha considerado que hoje é mais fácil arranjar modos de contactar

¹³ Princípios pelos quais se devem reger os jornalistas, disponível em: <https://www.ccpj.pt/pt/jornalista/deveres/>, consultado a 10 de outubro de 2021



as fontes à distância do que era há 50 anos. Inclusivamente no que diz respeito à qualidade de som e aos suportes digitais, tudo isto facilitou essa adaptação que, mesmo assim, admitiu ter existido. Afirmou que aquilo que aconteceu, numa fase mais crítica, foi que os contactos que outrora seriam realizados presencialmente, passaram a ter que ser efetuados à distância, mas que não foi por isso que o trabalho deixou de ser concretizado. O jornalista assume também a implicação que isto teve na redução do contacto com as fontes, algo que não é um problema novo, especialmente no que diz respeito a uma das áreas que aborda em circunstâncias normais, o futebol.

Já Mário Galego distingue nesta questão aquilo que é a investigação do que é simplesmente obter informações com as fontes, sem a exigência do contacto presencial. Ou seja, o telefone sempre foi uma das maiores ferramentas do jornalista e, com a pandemia, isso não mudou para este último tipo de contactos. Apesar disso, afirma que “ainvestigação é provável que seja aquela que sofre mais, porque tem de haver uma proximidade (...) e quando temos uma doença destas, que é transmissível, é complicado”. Trata-se de uma proximidade que, mesmo assim, o telefone não consegue dar. O jornalista, para Mário Galego, gosta e deve conhecer as pessoas, quando se trata de investigar. Sendo a pandemia um impeditivo para algo que requer um encontro presencial, talvez seja por aí, disse, que não tenha havido tanta investigação.

Com todos estes desafios e dificuldades que a pandemia foi trazendo, ao quase monopolizar o conteúdo da rádio e tornar os assuntos, direta ou indiretamente, relativos à COVID-19, Mário Galego afirma que, no início, os jornalistas estavam “quase com palas de burro” para tudo o que envolvesse a situação pandémica. Agora, no entanto, as “palas” já começam a sair e começam-se a antever os tempos que seguem, havendo cada vez mais informação que não é COVID-19, pelo menos diretamente, porque é ainda, na maioria, implicada pela pandemia.

Esta é uma perspetiva partilhada por David Carvalho, que afirma que tudo dependeu das fases da pandemia em que se estava. Naturalmente nas fases mais agudas da pandemia, tudo o que era relativo à COVID-19 dominou a atualidade, de tal modo que o esquema de antena habitual foi desmontado para se adaptar às necessidades que a pandemia trouxe, como sendo as conferências de imprensa. A exceção à regra, acabou por ser um pouco o desporto que, numa fase de retorno, permitiu aos jornalistas desta editoria, conforme revela, manter os seus espaços e conteúdos habituais.



Por sua vez, José Carlos Lopes e Maria de São José, também partilham de opiniões semelhantes quanto a este tópico. O jornalista da editoria de desporto admite que a pandemia ocupou a maior parte do espaço da informação, mas não deixa de afirmar que também houve tempo para outras temáticas quando elas eram realmente importantes. De igual modo, a subdiretora assume que a pandemia era “absolutamente dominante” nos primeiros tempos, mas que, eventualmente, foram aparecendo diferentes assuntos que ganharam natural espaço nos noticiários.

Maria de São José denota ainda que à medida que estes outros assuntos, independentes da COVID-19, foram surgindo, houve uma transição que adveio da “necessidade de dar mais espaço a outros assuntos”. A transição de assuntos relativos à pandemia para outros que não a envolvessem teve que ser feita de forma gradual, para não se tornar demasiada informação para lidar.

E, por vezes, só a informação sobre a COVID-19 era demasiada. Assim o afirma Mário Galego, que admite que, no princípio, não se sabia bem o que é que era essencial apurar. Por isso, a certa altura, tudo o que se sabia sobre a pandemia interessava e vinha de todo e qualquer lado. Mais tarde, com o passar do tempo, foi possível tratar melhor a informação e afunilar aquilo que era realmente essencial. Isto, assumiu Mário Galego, tanto aconteceu com a COVID-19 como é o que acontece com uma outra qualquer desgraça ou catástrofe.

Esta opinião contrasta, no entanto, com aquilo que nos disse José Carlos Lopes: “a informação nunca é demasiada”. O jornalista não considera, portanto, que se tenha atingido um ponto em que a quantidade de conteúdo fosse em demasia. Pelo contrário, admite que o que aconteceu foi que, sendo a pandemia uma problemática que não se passava apenas em Portugal, mas também no mundo inteiro, todos estavam muito expectantes e atentos ao modo como a situação se ia desenvolvendo nos restantes países, porque era uma circunstância em que todos estavam a aprender uns com os outros. Como exemplo, José Carlos Lopes refere a vacinação dos jovens dos 12 aos 15 anos, anunciada por Graça Freitas, a diretora da Direção-Geral da Saúde, e que foi baseada num estudo dos Estados Unidos. Conclui esta ideia, dizendo: “se ainda hoje estamos à espera de receber informação de outros países, naquele momento, ainda era muito mais”.

Já David Carvalho olha para esta questão admitindo que, ainda que agora esse já não seja o caso, nas fases mais críticas, houve um desafio em filtrar a informação, por forma a não ceder ao conteúdo falso que ia aparecendo.

É precisamente nesse sentido que se aborda o tópico seguinte, referente à veracidade da informação. Neste caso, a questão é se a pandemia tornou esta veracidade algo mais difícil de assegurar. Em concordância com o que já tinha dito, David Carvalho refere que no contexto atual das redes sociais e do poder que têm em amplificar as mensagens, este é um desafio que acontece. Se já antes existiam informações falsas a serem divulgadas e amplificadas pelas redes sociais, então numa pandemia torna-se ainda de maior importância olhar para a informação, com o intuito de perceber se ela é verdadeira ou não. Se qualquer pessoa pode publicar uma mensagem no *Facebook*, como exemplifica David, “só a mediação desses agentes é que pode garantir (...) algum controlo”. Conclui, dizendo que, de facto, os jornalistas depararam-se com uma quantidade exagerada de informações falsas, o que constituiu um grande desafio para os profissionais da área.

A este contributo, acrescente-se o de Maria de São José, que, pelo facto de ser uma nova realidade, de a ciência estar a evoluir e ainda estar a tentar descobrir uma resolução para esta situação pandémica, concorda com o facto de a veracidade ter sido algo mais difícil de conseguir. Além disso, os especialistas que eram ouvidos na rádio nem sempre concordavam uns com os outros, sendo necessário esclarecer estas dúvidas, sem criar alarmismos, numa circunstância que, conforme a subdiretora tem vindo a dizer ao longo do seu testemunho, é de uma incerteza que gera receios e inseguranças.

Mário Galego, por sua vez, afirma que cabe ao jornalista tentar compreender de onde vem a informação e se este sítio é credível e fidedigno. Ainda assim, refere que, no princípio da situação pandémica, como não havia muito por onde agarrar, não se pensava muito na credibilidade. Conforme já tinha contado, nesta altura inicial da pandemia, qualquer coisa tinha relevância, pelo que admite a existência de muita informação que era gordura, excesso, e que passou. Mas, como também já disse, com o decorrer do tempo, foi-se criando um funil, que cortou estas ditas gorduras e que permitiu uma maior e melhor distinção entre o que era ou não essencial.

A voz que destoa neste assunto da credibilidade e veracidade da informação é a de José Carlos Lopes. O jornalista refere que, num tema que não se domina, é natural



que seja mais complicado discernir aquilo que é verdadeiro do que não é, especialmente num assunto como a pandemia, que era falado por todos. No entanto, e é aqui que difere, a pandemia criou uma circunstância em que, nas fases iniciais, as fontes eram praticamente todas oficiais, incluindo os especialistas que se iam ouvindo falar em antena, que eram de instituições. Neste tipo de situação, o jornalista refugia-se na citação ou, como especifica, no caso da rádio, passa o som do especialista a falar. Se é certo que os profissionais do jornalismo são obrigados a dominar muitas áreas, o mesmo não quer dizer que sejam especialistas nelas. Dessa forma, conclui:

“Temos que aceitar que quando o especialista fala, é verdade o que ele está a dizer (...). Quem sou eu para pôr em causa se o vírus desaparece aos 30°C ou não desaparece, como se falava que no verão ele desaparecia e demonstrou-se depois que isso não é verdade?” (José Carlos Lopes, 2021).

Apesar de, no presente capítulo, já terem sido referidas as equipas espelho, que permaneciam em casa, sem trabalhar, também houve quem, em algumas fases, estivesse em teletrabalho. De todos os entrevistados, Mário Galego foi o único que não passou por esta situação. No entanto, todos os restantes operaram a partir de casa, pelo que se tornou interessante compreender como é que essa alteração afetou os jornalistas no seu dia-a-dia.

Se olharmos para o que diz David Carvalho, esta mudança da redação para casa não o afetou minimamente, tendo realizado todo o trabalho que havia sem grandes constrangimentos. É evidente que, mediante uma pandemia, é necessário haver uma adaptação e trabalhar com o que têm ao dispor, no entanto, não considerou que isso tenha sido difícil. Aliás, refere que, mesmo que existissem limitações, havia sempre forma de as contornar. Apesar disso, destaca a redução dos contactos pessoais o que, no seu entender, obrigou a alguma frieza no relacionamento com as fontes.

Esta é uma sensação partilhada por José Carlos Lopes, que de igual forma admite que a adaptação do jornalista passou pelo teletrabalho. Aquilo que outrora se usava pontualmente, passou a ser utilizado com muita frequência, e dá como exemplos o *Whatsapp*, o *Skype* e o *Zoom*. A fase de adaptação passou simplesmente por uma compreensão de como é que era possível gravar sons a partir de casa, uma situação que foi ultrapassada e que acabou por correr bem. O som não reduziu em termos de



qualidade, podendo apenas ter havido um pequeno decréscimo no que toca ao *software* utilizado, mas que não era perceptível, depois, ao ouvido humano, admite o jornalista.

Já Maria de São José confessa ter sido um desafio ter que estar em casa “sem sentir o pulsar da redação, que só se sente de forma presencial”. Ainda assim, destaca o trabalho em equipa que a direção foi capaz de concretizar, acompanhando e organizando a redação em todos os momentos.

Mas afinal de contas, qual é que tem sido o papel desempenhado pela rádio durante toda esta pandemia? Maria de São José sublinha o “papel essencial” que o meio tem desempenhado, seja pelas transmissões em direto, pelos especialistas e técnicos ouvidos, ou até pelas inúmeras reportagens que foram sendo realizadas. Tudo isto acrescentou valor informativo e permitiu conhecer a realidade que estava a ser atravessada pelos serviços de saúde, lares, locais de trabalho e escolas não só a nível nacional, como também a nível internacional, com os correspondentes da Antena 1 a trabalhar no mesmo sentido.

Também David Carvalho atribui “um papel importantíssimo” à rádio, especialmente à de serviço público. Todas as suas antenas têm uma responsabilidade acrescida, ainda para mais sendo um meio que chega a locais e populações que podem não ser alcançados pela televisão ou internet. A missão do serviço público, para este jornalista, tem sido a de “transmitir credibilidade às pessoas, boas informações, informações em que (...) possam confiar, e esse foi o nosso esforço, acho eu, e acho que foi um esforço conseguido”. Também tem passado por fugir às tentações que o próprio foi referindo ao longo do seu testemunho, como é o caso das informações falsas. Passou ainda por manter os seus ouvintes com algum sentido crítico, para que fosse possível que estes distinguissem aquilo que era bom do que não o era.

A estas duas vozes, podemos acrescentar a de Mário Galego que, numa pandemia, sente que a Antena 1 “tem um serviço acrescido de informação e de formação”, ou seja, “de dar informação para que em casa se faça”. O jornalista refere que não são só os conteúdos noticiosos que ajudam a viver durante uma situação destas. Também é “dizer, em permanência, o que é que as autoridades recomendam”, algo que, não sendo jornalismo a 100%, não deixa de ser o papel desta rádio enquanto serviço público. É dar notícias, é alertar e dar o melhor caminho ao ouvinte, é tornar a desempenhar o papel importantíssimo que a rádio tem em qualquer tipo de catástrofe,



como aconteceu, conforme exemplificou, durante os incêndios na Serra da Estrela, onde mais nenhum meio, além da rádio, chegava. Acresce ainda um papel de companhia para os seus ouvintes, daí admitir que o meio não se faz só de jornalistas, mas também de animadores, programadores de cultura, de história, música, passatempos, entre outros. Este é um papel que, no seu entender, deve ser ponderado, mas que não deve deixar de existir. A rádio tem ainda a função de “dar a rua” às pessoas, devendo o jornalista “ir lá fora, ver o que é que se passa, para poder contar na rádio”, algo que, no seu testemunho, também nos admite não ter acontecido muito.

José Carlos Lopes não destoa desta concordância, sublinhando que a rádio, mais do que transcrever o que as pessoas dizem, põe o som delas a falar, que considera ser o que as pessoas querem ouvir. Assim sendo, a rádio foi importante porque, no seu entender, podia estar mais facilmente ao alcance das pessoas. O problema que aponta, que vai além da rádio, foi a imensa informação sobre a pandemia que não permitiu o seu devido esclarecimento. Ou seja, o jornalista afirma que mesmo dando a informação, nem sempre esta era devidamente esclarecida, por falta de tempo ou de oportunidade. José Carlos Lopes conclui dizendo que considera a rádio “o veículo informativo que mais esteve presente, não só a Antena 1, mas também a TSF, a Renascença, a Comercial. Todos trabalharam no mesmo sentido”.

Tendo sido uma das editorias que mais se viu afetada com a pandemia, a princípio, com a sua extinção e, depois, com a retoma muito condicionada, denotem-se aqui apenas algumas alterações sentidas no mundo do desporto. É José Carlos Lopes quem diz que esta editoria foi sendo retomada, mas que o seu regresso teve impeditivos provocados pela pandemia. A habitual livre circulação dos jornalistas pelos pavilhões, para irem ter com os atletas, por exemplo, deixou de existir. Outra das situações aconteceu mais recentemente, nos Jogos Olímpicos, em que, para se entrevistar algum atleta, era necessário enviar um pedido de autorização por mail. O trabalho não deixou de ser feito, conforme foi dizendo, mas não voltou a ser nas mesmas condições, dadas as restrições que, apesar de impeditivas, admite serem compreensíveis.

Por último nesta análise às entrevistas que foram concretizadas no âmbito do estágio curricular na Antena 1, procurámos esclarecer com a subdiretora de informação da rádio, como é que uma direção lida com as mudanças impostas, de forma inesperada, por uma pandemia. Maria de São José assume muita responsabilidade, mostrando-se



sempre consciencializada do equilíbrio necessário entre “a máxima eficácia na organização da redação e a humanidade de entender e amparar cada um dos seus elementos”, exigindo-se sempre mais da direção, do que dos restantes elementos que constituem a redação. A pandemia, no caso da Antena 1, não impôs nenhum constrangimento financeiro à realização de qualquer atividade jornalística, mas obrigou a uma gestão distinta dos jornalistas e do conteúdo noticioso. Conforme foi sendo referido ao longo desta análise, as equipas espelho e a colocação de jornalistas em teletrabalho são os exemplos das alterações a que a direção teve de proceder. Quanto ao conteúdo noticioso, as transmissões em direto, debates, entrevistas e reportagens ditaram a gestão da pandemia, cujos ângulos de abordagem foram sendo esclarecidos pela programação semanal.

6. Conclusões

O presente relatório de estágio tinha como propósito uma compreensão do modo como a rádio de serviço público portuguesa, a Antena 1, perante todos os desafios, se adaptou à pandemia COVID-19. A resposta a esta questão passava por diversos objetivos, que vamos passar a analisar neste capítulo, avaliando a experiência do estágio e avaliando criticamente os resultados obtidos nos inquéritos e os testemunhos que os jornalistas entrevistados nos passaram.

6.1. A experiência na Antena 1

Conforme foi sendo dito no decorrer deste relatório, a experiência ao serviço da Antena 1 foi verdadeiramente enriquecedora e deixou a desejar por mais. A oportunidade de estagiar na rádio de serviço público portuguesa serviu para uma melhor compreensão do funcionamento e das dinâmicas que se vão sentindo no interior de uma redação, que tem uma hierarquia própria, diversos jornalistas, diferentes personalidades e muito por onde aprender.

É certo que a pandemia impôs algumas limitações ao estágio, sendo comum ouvir os colegas da Antena 1 dizer que a redação, na sua força total, era mais do que aquilo que se pôde ver. As idas ao terreno também ficaram condicionadas pela pandemia. No entanto, não deixaram de acontecer, tendo havido oportunidade para crescer nesse sentido e para assumir o papel de um jornalista radiofónico.



A aprendizagem pessoal e profissional foi importante por diversas razões. Primeiro, por aquilo que foi possível realizar enquanto estagiário da Antena 1. Retirar sons e editá-los, compreendendo o processo de seleção noticiosa, poder usufruir dos estúdios para gravar e montar peças, conseguir construir um noticiário e evoluir no que diz respeito à colocação da voz, à escrita para a rádio, enquanto se experienciavam os diferentes ritmos de uma redação, tudo isto foram competências e capacidades que só se desenvolveram pela hipótese de trabalhar num meio prestigiado e com profissionais de qualidade. Depois, porque o dia a dia na Antena 1 implicou, ainda que não tenha sido na sua fase mais crítica, a convivência com uma pandemia. Isto, por si só, foi exigente e permitiu uma compreensão ainda mais profunda daquilo que os jornalistas nos dizem, através dos inquéritos aplicados e das entrevistas realizadas no âmbito deste relatório.

Os meses compreendidos pelo estágio foram valiosos, durante os quais foi possível observar em primeira mão a arte de fazer jornalismo radiofónico e, com isso, aprofundar ainda mais o gosto já existente pelo meio em questão.

6.2. A pandemia na Antena 1

O primeiro objetivo definido foi o de tentar compreender as alterações que o trabalho jornalístico sofreu com a pandemia. Efetivamente estas alterações existiram e, dentro destas, a primeira conclusão que é possível retirar é que, sem grande exceção, os jornalistas viram-se forçados a adaptar a sua forma de trabalho (figura 6), tal como nos disse também José Carlos Lopes, quando referiu que “os jornalistas também são homens e mulheres” e também têm vidas que mudaram em função da pandemia. As equipas espelho, por sua vez, que foram abordadas pelos nossos entrevistados, constituíram mais uma alteração no quotidiano dos jornalistas e da rádio, que, inevitavelmente, também obrigaram a que houvesse algum cuidado acrescido.

O trabalho jornalístico sofre alterações a partir do momento em que o conteúdo noticioso que a rádio oferece se modifica, tal como afirmou a maioria dos inquiridos (figura 8). O ajuste da sua oferta à nova realidade imposta pela pandemia é, afinal, como vimos com Paisana, Quintanilha, Cardoso e Baldi (2020), uma das preocupações da rádio, por forma a apoiar os ouvintes durante estes tempos (p. 27). É isto que diz também o Relatório e Contas da RTP de 2020, quando refere a suspensão de programas e a sua substituição por outras informações que a realidade exigia, assim como



adaptações do conteúdo já existente. Esta mudança nos conteúdos torna-se ainda mais notória, quando são os próprios entrevistados a relatá-la, como disse, por exemplo, a subdiretora de informação da rádio, Maria de São José, quando admitiu ter existido uma condução da rádio no sentido de acompanhar os ritmos que a pandemia ditava.

A existência de novos conteúdos implicou novas formas de os produzir, no desafio de alcançar informação, num contexto em que os agentes da notícia se encontravam confinados. A este testemunho juntam-se 31 vozes que concordaram, de alguma forma, com a existência de novos modos de produzir conteúdo que, além disso, se podem vir a manter no futuro (figura 9).

Outro dos sentidos em que o trabalho jornalístico se alterou foi nas idas ao terreno, uma vez que a pandemia se caracterizou por uma redução nas saídas em reportagem (Camponez et al., 2020, p. 3). A existência desta mudança é reforçada, uma vez mais, pelos nossos inquiridos que, na sua esmagadora maioria, consideraram ter havido uma redução significativa nas idas ao terreno (figura 13). Complemente-se esta concordância com o testemunho de Mário Galego que, a certa altura, referiu “as poucas saídas ou quase nenhuma” que iam acontecendo. Talvez seja neste sentido que 30 dos jornalistas abrangidos pelo inquérito tenham referido que, de algum modo, a utilização do som ambiente perdeu-se com a pandemia (figura 20). Não havendo tantas saídas da redação, também não existiram tantas oportunidades para captar o som ambiente.

O contacto com as fontes foi outra das alterações no trabalho jornalístico, no sentido em que se tornou mais difícil. A pandemia exigiu encontrar “um mundo novo com quem foi necessário falar”, como afirmou José Carlos Lopes, tendo também obrigado a que o rigor prevalecesse sobre a pressa. A questão das fontes é outra das conclusões ampliadas pela concordância da maioria dos inquiridos (figura 14), tendo sido também escolhido como um dos elementos que mais foi posto em causa com a cobertura jornalística durante o Estado de Emergência (Camponez et al, 2020, p. 49).

No entanto, a dificuldade acrescida em chegar às fontes não se traduziu numa complicação em garantir a veracidade dos conteúdos com que os jornalistas se deparavam. Na realidade, no que ao inquérito diz respeito, esta foi uma das afirmações mais controversas, ainda que a pender mais para os que discordaram (figura 15). Esta mesma divisão ficou patente também nas respostas dos profissionais entrevistados: por um lado, que numa pandemia se torna muito mais crítico olhar para a informação e



perceber se esta é verdadeira ou não, ainda para mais com a amplificação das mensagens falsas decorrente das redes sociais. Por outro lado, José Carlos Lopes discordou, uma vez que, nestas circunstâncias, as fontes e referências a que se dava maior primazia eram todas oficiais.

Ainda dentro das alterações ao trabalho jornalístico, refira-se, por último, o capítulo do *online*, que assumiu um papel ainda maior durante a pandemia. Ao longo deste relatório, fomos vendo que a relação entre a rádio e a internet se baseia na complementaridade. Não só na perspetiva do ouvinte, que passa a ter acesso mais fácil ao conteúdo, mas também na perspetiva do jornalista, isto é: quer as ferramentas e aplicações online, quer os websites e redes sociais se tornaram mais importantes durante a pandemia (figuras 21 e 22). Os jornalistas serviram-se dos meios tecnológicos para desempenhar a sua profissão (Camponez et al, 2020, p. 3) que refere que aquilo que outrora era usado pontualmente, passou a ser recorrente. Daí também que os inquiridos tenham admitido a maior importância do *online* como ferramenta para retirar informações e que, para a maioria, se tenha tornado, inclusivamente, na principal ferramenta de onde os jornalistas retiram sons (figura 23).

O segundo objetivo definido para este relatório passou por uma compreensão da forma como a tomada de decisão foi influenciada perante a COVID-19. No ponto 2.5 do enquadramento teórico, vimos que, à partida, a pandemia viria a colocar o setor dos *media* perante graves adversidades em termos financeiros, algo que segundo nos respondeu Maria de São José, subdiretora de informação da rádio, não aconteceu na estação de serviço público. No entanto, a partir do momento em que a pandemia obriga a reorganizar a redação nas já referidas equipas espelho e que exige um esforço redobrado por parte da direção para atender a outros aspetos que só surgem pela existência da COVID-19, é possível verificar que a tomada de decisão foi afetada.

Ao longo de toda a entrevista com Maria de São José, foi possível identificar que as preocupações da direção da rádio com o bem-estar dos seus jornalistas aumentaram. A preocupação com o conteúdo, com a organização, como refere, da Antena 1, por forma a ajustá-la às exigências que a situação pandémica trouxe, obriga a um processo de tomada de decisão forçosamente influenciado por questões que, sem a COVID-19, não estariam na mente de uma direção ou, em alguns casos, mesmo que estivessem, não seria em tão alto nível.

Aliás, o maior condicionante não foi nenhum destes aspetos em particular, mas sim a sua conjugação. Além da necessidade de dar segurança e de garantir a saúde de todos os integrantes da rádio, houve ainda o desafio de informar, com rigor, durante uma pandemia que trouxe informação desconhecida, por vezes contraditória, e que obrigou a conhecer e a reagir a um novo vírus, enquanto era necessário desempenhar com toda a segurança e serenidade o papel que tem uma rádio como a Antena 1, o de serviço público.

O terceiro objetivo que se perspetivava atingir era o de aferir se a qualidade da informação tinha ficado condicionada com a pandemia. No decorrer do enquadramento teórico, foi possível constatar que esta era uma das preocupações decorrentes da situação pandémica e, em diversos modos, pode-se confirmar que a qualidade da informação se viu afetada. Foi o que disseram os inquiridos, quando concordaram, na maioria, com o empobrecimento do conteúdo noticioso motivado pela pandemia (figura 10) e como constataram também, quando referiram que houve uma monotonia nas temáticas abordadas pela rádio de serviço público portuguesa (figura 11). Como também pudemos ver com os jornalistas entrevistados, esta monotonia deveu-se às “palas de burro” que os jornalistas tinham, no princípio, para tudo o que envolvesse o tema da COVID-19, como afirmou Mário Galego. Também Maria de São José referiu que esta temática era “absolutamente dominante” nas primeiras instâncias da pandemia. Claro que, com o passar do tempo, houve natural abertura para fugir a esta monotonia, mas tal não implica que, a certa altura, a qualidade da informação se tenha visto afetada, pelo empobrecimento referido e pela falta de diversidade temática.

Este condicionamento também existe se tivermos em conta aquilo que nos relataram os inquiridos relativamente ao som. Tendo este, segundo João Paulo Meneses (2016), as funções de informar, credibilizar e introduzir ritmo ou emotividade, e sendo o som compreendido como informação produzida por quem faz rádio (p. 53), é natural que um decréscimo na sua qualidade coloque em causa a informação. Deste modo, olhe-se para a figura 16, que demonstra que uma boa parte dos inquiridos viu a qualidade sonora piorar significativamente com os constrangimentos da pandemia. Esta afirmação, no entanto, pode ser confrontada com as declarações de José Carlos Lopes, quando referiu que o som não reduziu em termos de qualidade. Além disso, importa ainda dizer que: mesmo que, para estes jornalistas, a qualidade do som possa ter piorado, tal não os impediu de utilizar esses mesmos testemunhos na rádio (figura 17). Ou seja, a qualidade



da informação sai prejudicada quando confrontamos estes dados dos inquiridos: a maioria admite um decréscimo de qualidade do ponto de vista técnico, mas não deixa de os utilizar, pelo que estes sons podem causar ruído ou podem não ser os mais perceptíveis, por exemplo.

Por último, neste objetivo de aferir se a qualidade se viu condicionada com a pandemia, há que mencionar a ausência do contacto físico com os entrevistados. Ainda que a rádio seja feita à base do som, para os jornalistas, o contacto presencial e a observação das pessoas com quem pretendiam falar era uma parte importante do dia a dia na rádio (figura 19), tendo a sua ausência em tempos de pandemia, como já vimos também pela redução significativa das idas ao terreno, prejudicado, para alguns destes, a qualidade da informação (figura 18). É neste sentido que se identificou a investigação no jornalismo como uma das vertentes que mais ficou a perder com a redução deste contacto com os entrevistados, já que, com um vírus transmissível, não foi possível manter a proximidade exigida e que o telefone não substitui.

O quarto e último objetivo a que nos propusemos atingir foi o de compreender como é que os jornalistas da Antena 1 percecionaram as alterações que a pandemia impôs. Para isso, confrontámos os inquiridos e entrevistados com uma série de questões que nos deram a noção de que certas mudanças foram fáceis, outras nem tanto, e da forma como a redação e a empresa lidaram com os constrangimentos da situação pandémica. Além disso, tentámos ainda perceber o que é que o jornalismo e a rádio ganharam, ou não, com toda esta circunstância da COVID-19.

Assim, refira-se que a adaptação ao trabalho em pandemia não foi difícil, como denotaram quer os inquiridos (figura 5), quer os entrevistados. No caso destes últimos, pudemos aprofundar que embora o receio do vírus existisse, a adaptação em termos pessoais não foi complicada. A existência de situações de incerteza no quotidiano de um jornalista tornaram os constrangimentos inesperados da pandemia em algo que acabou por não ser totalmente novo. As respostas destes dois entrevistados não mudam quando se refere, em concreto, o teletrabalho, ainda que Maria de São José tenha admitido ter sido complicado não “sentir o pulsar da redação”.

Ainda neste ponto é notória a satisfação dos inquiridos quanto à boa adaptação da equipa à situação de pandemia (figura 26), algo bem patente também naquilo que relataram os entrevistados. Não foram notadas grandes dificuldades nem diferenças de

ritmos nesta transição, ainda que houvesse um natural afastamento, até pela realidade das equipas espelho. Esta divisão foi uma alteração implementada pela direção da empresa que, como esta, teve que encontrar outras formas de organizar e conduzir a rádio e os seus jornalistas, algo que foi encarado com satisfação por uma boa parte dos inquiridos. Também os entrevistados denotaram esta satisfação, assumindo que foram criadas todas as condições de higienização e segurança nos momentos adequados da pandemia, tal como referiram ter havido uma boa resposta aos imprevistos que iam surgindo.

Todas as conclusões acima retiradas demonstram que a Antena 1 acabou por ter uma boa adaptação à pandemia, não só pelo que diz a figura 7, mas também pelo que foi sendo constatado ao longo de todo este relatório. Complemente-se ainda esta informação com o facto de a rádio não se ter desvirtuado do tradicional. Isto é, quando surgiu o online, havia quem acreditasse que o fim da exclusividade sonora tão característica da rádio, podia significar o fim do meio ou até uma configuração de um eventual novo (Portela, 2011, p. 48). Ora, em circunstâncias de pandemia, o online, conforme também fomos confirmando ao longo do relatório, reforçou a sua importância como ferramenta jornalística. No entanto, não é por aí que se justifique dizer que a rádio se desvirtuou das suas características constituintes, tal como nos provaram os inquiridos (figura 28).

No final de contas, conclui-se que a pandemia não veio a facilitar o jornalismo, muito pelo contrário (figura 4). Tal como denotaram os inquiridos, aumentaram as dificuldades de deslocação, os condicionalismos no acesso a eventos presenciais, a necessidade de filtragem, o acesso difícil às fontes. Estes são apenas alguns dos motivos que nos foram transmitidos e que, ao longo das próprias entrevistas aplicadas, também ficaram explícitos. A pandemia exigiu um esforço de adaptação por parte dos jornalistas que, ainda que não tenha sido difícil para uma boa parte destes profissionais, não deixou de condicionar o normal acesso à informação e aos agentes da notícia.

No entanto, nem tudo foi mau para o jornalismo. A situação pandémica constituiu-se como uma oportunidade para que os órgãos de comunicação social se reaproximassem dos seus públicos e para que os reconquistassem (Campez et al., 2020, p. 3). Ideias que ficaram reforçadas com as respostas aos inquéritos, que admitiram que o jornalismo foi colocado perante uma nova relevância, atribuída pela



pandemia. Esta importância acrescida é extensível também às rádios e, em concreto, à Antena 1, que desempenhou um importante papel. Enquanto a rádio de serviço público, a sua missão foi a de transmitir credibilidade aos ouvintes, informando-os e formando-os, mantendo-os com sentido crítico, e fazendo-lhes companhia.

Por todas as ilações já retiradas retomemos aqui, em jeito de conclusão, a ideia de Paisana, Quintanilha, Cardoso e Baldi (2020): o mercado da voz provou, uma vez mais, ter a resiliência e a capacidade para fazer face às adversidades provenientes da pandemia (p. 4). Isso passou, em muito, pela superação dos constrangimentos, pelo bom trabalho dos jornalistas e pela boa capacidade de adaptação que o meio demonstrou perante circunstâncias que ninguém conhecia e com consequências difíceis de prever.



Bibliografia e Webgrafia

Accenture (2020, 14 de julho). COVID-19: Building on a Trusted Platform. Consultado a 16 de dezembro de 2021, em <https://www.accenture.com/fi-en/insights/communications-media/coronavirus-rapid-response-in-communications-media>

Amaral, A.; Melo, R. (2006). O MP3, Os Podcasts e a Rádio. In Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa. Consultado a 16 de outubro de 2021, em: <https://bdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/589/1/45-56FCHS2006-6.pdf>

Bonixe, L. (2011). *Jornalismo radiofónico e Internet – Um estudo da evolução do uso das potencialidades online nas notícias dos sites da rádio. Comunicação e Sociedade, 20*, 29-42. [https://doi.org/10.17231/comsoc.20\(2011\).881](https://doi.org/10.17231/comsoc.20(2011).881)

Bonixe, L. (2012). *A Informação Radiofónica: rotinas e valores-notícia da reprodução da realidade na rádio portuguesa*. Livros Horizonte.

Bonixe, L. (2019). *As rádios locais em Portugal - da génese ao online: Contexto e prática do jornalismo de proximidade*. (Livros ICNOVA). ICNOVA – Instituto de Comunicação da Nova, 39-54.

Bonixe, L. (2020). *Jornalismo radiofónico e inovação*. *Media and Jornalismo*, 20(36), 153-169.

Bryman, A. (2012). *Social research methods*. Oxford University Press, 212-432.

Camponez, C., Miranda, J., Fidalgo, J. Garcia, J. L., Matos, J. N., Oliveira, M., Martins, P. & Silva, P. A. (2020). *Estudo sobre os Efeitos do Estado de Emergência no Jornalismo no Contexto da Pandemia Covid-19. Relatório*. Lisboa: Sopcom. Consultado a 15 de dezembro de 2020, em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/44291/1/ICS_Efeitos.pdf

Candeias, A. (2005). Modernidade, educação, criação de riqueza e legitimação política nos séculos XIX e XX em Portugal. *Análise Social*, 40(176), 477–498.

Ciotti, M., Ciccozzi, M., Terrinoni, M., Jiang, W., Wang, C., & Bernardini, S. (2020) *The COVID-19 pandemic*, *Critical Reviews in Clinical Laboratory Sciences*, 57:6, 365-388, DOI: 10.1080/10408363.2020.1783198



Cordeiro, P (2004a). A rádio de modelo multimediático e os jovens: a convergência entre o FM e a Internet em 2004. Universidade do Algarve. Consultado a 3 de janeiro de 2021, em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-modelo-multimediatico.pdf>

Cordeiro, P. (2004b). A Rádio em Portugal: um pouco de história e perspectivas de evolução. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*. Consultado a 3 de janeiro de 2021, em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-portugal.pdf>

Cordeiro, P. (2005a). “Rádio e Internet: novas perspectivas para um velho meio”. *Actas do III SOPCOM, VI LUSOM e II Ibérico*, 1, 443-449. Consultado a 3 de janeiro de 2021, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-internet-novas-perspectivas-velho-meio.pdf>

Cordeiro, P. (2005b). Rádios temáticas: perfil da informação radiofónica em Portugal. O caso da TSF. In *II Congresso Luso Brasileiro de Estudos Jornalísticos, IV Congresso Luso-Galego de Estudos Jornalísticos*. Consultado a 5 de fevereiro de 2021, em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-o-caso-tsf.pdf>

Cordeiro, P. (2012). Radio becoming r@dio: Convergence, interactivity and broadcasting trends in perspective. *Participations*, 9(2), 492-510.

Creswell, J. W. (2013). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. Thousand Oaks: Sage publications.

Boni R. B. (2020). Web surveys in the time of COVID-19. Websurveys nos tempos de COVID-19. *Cadernos de saude publica*, 36(7).

Jornal Económico (2020). *COVID-19. Rádios adaptam-se a novas rotinas dos ouvintes maus audiências recuam para níveis de 2018*. Consultado a 14 de janeiro de 2021, em: <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/radios-adaptam-se-as-novas-circunstancias-e-audiencia-mantem-se-estavel-572922>

Laurier, E. (2010). Participant Observation. in N Clifford, S French & G Valentine, *Key Methods in Geography*. 2ª ed., SAGE Publications Ltd, London, 116-130.

Lewis, S. C. (2020). The Objects and Objectives of Journalism Research During the Coronavirus Pandemic and Beyond. *Digital Journalism*, 8(5), 1–9.

Lima, H., & Reis, A. I (2014). Mídia noticiosa portuguesa e formas de interatividade em plataformas online. *UNIFAP – Editora da Universidade Federal do Amapá*.



Marketeer (2021, 13 de janeiro). Há cada vez mais portugueses a ouvir rádio... pela internet. Consultado a 1 de outubro de 2021, em: <https://marketeer.sapo.pt/ha-cada-vez-mais-portugueses-a-ouvir-radio-pela-internet>

McLuhan, M. (2000). Os meios de comunicação: como extensões do homem. (10ª ed.). Editora Cultrix, 334-345.

Meditsch, E. (1999) – *A Rádio na Era da Informação*. Edições Minerva. ISBN: 9728318529

Meneses, J. P. (2016). “Jornalismo Radiofónico”. CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade Universidade do Minho Braga. Portugal. Consultado a 14 de janeiro de 2021, em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/43887>

Nielsen (2020, 26 de março). “Radio is ‘Comfort Food’ as Media Consumption Rises Amid Covid-19 Pandemic”. Consultado a 16 de dezembro de 2020, em: <https://www.nielsen.com/us/en/insights/article/2020/radio-is-comfort-food-as-media-consumption-rises-amid-covid-19-pandemic/> [Consultado em dezembro 16, 2020].

Paisana, M., Quintanilha, T., Cardoso, G. & Baldi, V. (2020). “Impacto do Coronavirus e da crise pandémica no sistema mediático” (Versão II - maio de 2020). Lisboa, Obercom.

Portela, P. (2011). *Rádio na Internet em Portugal: a abertura à participação num meio em mudança*. Edições Húmus, 48-50.

Quintanilha, T., Cardoso, G., Paisana, M., Pais, P. & Baldi, V. (2020). “Impacto do Coronavirus e da crise pandémica no sistema mediático português e global”. Lisboa, Obercom. 10.13140/RG.2.2.21769.39522.

Reis, A. (2014). As rádios piratas em Portugal: contributos para um percurso. In Reis, A., Portela, Pedro, & Ribeiro, Fábio, *Das Piratas à Internet: 25 Anos de Rádios Locais*. (pp. 9-28). Braga: Universidade do Minho. Instituto de Ciências Sociais. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

Reis, I. (2011). A reconfiguração da temporalidade da rádio na era da Internet. *Comunicação e Sociedade*, 20, 13–28. [https://doi.org/10.17231/comsoc.20\(2011\).879](https://doi.org/10.17231/comsoc.20(2011).879) [Consultado em janeiro 14, 2021]



Ribeiro Figueiredo, C., 2019. “Os dias da rádio: um percurso pela história da rádio em Portugal”. *Working Papers*, 3 (82).

Rodero, E. (2020). Radio: the medium that best copes in crises. Listening habits, consumption, and perception of radio listeners during the lockdown by the Covid-19. *El profesional de la información*, 29(3). <https://doi.org/10.3145/epi.2020.may.06>

Rodrigues, A. D. (2010). *As técnicas da comunicação e da informação (2ª ed.)*. Lisboa, Editorial Presença, 101-106.

Santos, R. (2003). Rádio Clube Português – Da escassez de frequências à grande importância no meio radiofónico nacional (1931-1936). *Media & jornalismo*, 3(5), 51-66.

Santos, R. (2005). Rádio em Portugal: tendências e grupos de comunicação na actualidade. *Comunicação e Sociedade*, 7, 137-152.

Santos, R. (2015). *História da rádio em Portugal: dos pioneiros à rádio nova (1924-1974)*. CECS-Publicações/eBooks, 21-34.

Visual Capitalist (2020, 7 de abril). How COVID-19 Has Impacted Media Consumption, by Generation. Consultado a 16 de dezembro de 2020, em: <https://www.visualcapitalist.com/media-consumption-covid-19/>





Anexos e Apêndices

Anexo 1 – Declaração de Estágio



RÁDIO E TELEVISÃO DE PORTUGAL

DECLARAÇÃO

Por ter sido pedido e para os devidos efeitos, declara-se que **ANDRÉ RIBEIRO BLAYER GÓIS**, portador do Documento de Identificação n.º 14687098, realizou nesta Empresa um estágio curricular não remunerado, na área de Informação de Rádio, sob orientação da jornalista Maria de São José de Paiva Gomes Teixeira dos Santos, no período compreendido entre 03 de maio de 2021 e 13 de agosto do mesmo ano.

Lisboa, 14 de setembro de 2021

Direção de Recursos Humanos


Rádio e Televisão de Portugal, S.A.



Apêndice 1 – Inquérito por questionário “Adaptação da Rádio Informativa à pandemia COVID-19: o caso da Antena 1”

Este questionário surge no âmbito da tese de final de mestrado em Jornalismo, na Escola Superior de Comunicação Social, que tem como tema: a adaptação da rádio à pandemia, focando o caso da Antena 1. As respostas aqui recolhidas serão anónimas e utilizadas para a obtenção de resultados que se provem úteis para a dissertação. Obrigado pela disponibilidade!

1. Numa escala de 1 a 4, como avalia a adaptação da redação à pandemia COVID-19? (1- Nada satisfeito; 2- Pouco satisfeito); 3 - Satisfeito; 4 - Muito satisfeito) *

	1	2	3	4	
Nada satisfeito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito satisfeito

2. Está satisfeito com a forma como a direção da empresa lidou com a COVID-19? *

	1	2	3	4	
Nada satisfeito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito satisfeito

3. Se não está satisfeito, porquê?

Sua resposta



4. De 1 a 5, em que medida concorda ou discorda com estas afirmações: *

	1. Discordo totalmente	2. Discordo em parte	3. Concordo em parte	4. Concordo totalmente
Houve uma monotonia nas temáticas abordadas no noticiário do órgão de comunicação social.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Houve uma monotonia nas temáticas abordadas no noticiário do órgão de comunicação social por comparação às restantes rádios informativas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Houve uma redução significativa no número de idas ao terreno com a pandemia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O conteúdo noticioso empobreceu com a pandemia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O contacto com as fontes ficou dificultado com a pandemia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>



5. No geral, o jornalismo ficou mais fácil com a pandemia. *

	1	2	3	4	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente

6. Se discordou da afirmação anterior, porquê?

Sua resposta

7. Avalie estas afirmações: *

	1. Discordo totalmente	2. Discordo em parte	3. Concordo em parte	4. Concordo totalmente
A pandemia tornou mais difícil assegurar a veracidade dos conteúdos com que me deparava.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Vi-me obrigado a adaptar a minha forma de trabalhar por causa da pandemia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A minha adaptação ao trabalho durante a pandemia foi fácil.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Considero que o jornalismo ganhou nova relevância com a pandemia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A qualidade sonora piorou significativamente com os constrangimentos da pandemia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>



Por vezes, não utilizei um som de um entrevistado pela má qualidade que este apresentava.

A linguagem corporal do entrevistado era uma parte importante do dia-a-dia na rádio.

A impossibilidade de observar a linguagem corporal do entrevistado prejudicou a informação.

As ferramentas e aplicações online (whatsapp, facebook, etc) tornaram-se mais importantes para o trabalho jornalístico durante a pandemia. *

O uso do som ambiente perdeu-se durante a pandemia.



8. A introdução e maior ocorrência de conferências online ou webinars facilitou a profissão. *

	1	2	3	4	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente

9. Se discordou da afirmação anterior, porquê?

Sua resposta

10. As conferências online e webinars vieram a desvalorizar a importância dada a eventos com a presença de figuras importantes. *

	1	2	3	4	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo totalmente

11. O que pensa sobre estas afirmações?

	1. Discordo totalmente	2. Discordo em parte	3. Concordo em parte	4. Concordo totalmente
A pandemia reforçou a importância do online (website, redes sociais).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O online ganhou maior importância como ferramenta para retirar informações.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O online tornou-se a principal ferramenta de onde retiro sons.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>



12. Concorda ou discorda com as seguintes afirmações? *

	1. Discordo totalmente	2. Discordo em parte	3. Concordo em parte	4. Concordo totalmente
Com a pandemia, a rádio ganhou novas formas de produzir conteúdo que não se vão alterar num futuro pós-pandemia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com a pandemia, a rádio alterou o conteúdo que oferecia aos seus ouvintes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com a pandemia, a rádio desvirtuou-se do tradicional.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
No geral, a rádio adaptou-se bem à nova realidade imposta pela pandemia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

13. Se tiver alguma informação adicional relativa à adaptação da rádio à pandemia que ache relevante, seja uma vivência própria ou uma vivência da redação, por favor deixe-a no espaço seguinte:

Sua resposta



14. Sexo *

- Masculino
- Feminino

15. Idade *

- 18-24
- 25-34
- 35-44
- 45-54
- 55-64
- 65+

16. Habilitações literárias *

- 1º ciclo ou equivalente
- 2º ciclo ou equivalente
- 3º ciclo ou equivalente
- Ensino secundário
- Bacharelato
- Licenciatura
- Pós-graduação
- Mestrado
- Doutoramento
- Outro



Apêndice 2 – Guiões das Entrevistas

Desporto

Q: Que desafios é que a pandemia trouxe à rádio?

Q: Como é que considera ter sido a adaptação à pandemia, no teu caso pessoal?

Q: Em termos de adaptação do resto da equipa, sentiram-se ritmos diferentes, dificuldades diferentes ou conseguiram todos gerir isso?

Q: A empresa lidou bem com as mudanças forçadas pela COVID-19?

Q: Em termos noticiosos, o que é que muda com a entrada em cena da pandemia?

Q: A pandemia e as notícias relacionadas com a pandemia obrigaram os jornalistas a adaptar-se, a encontrar novas formas de produzir conteúdo, de chegar às fontes, coisas deste género?

Q: Esteve em teletrabalho? Isso afetou-o pessoal e profissionalmente?

Q: E o trabalho produzido em casa acabou com a mesma qualidade que se produz aqui ou houve algum decréscimo?

Q: Que papel é que a Antena 1 desempenha numa pandemia?

Q: A rádio viu-se obrigada a alterar muito os seus conteúdos?

Q: Com a atualidade a ser dominada pela COVID-19, houve tempo para dar destaque a temas que não envolvessem o vírus?

Q: Houve alguma altura em que a quantidade de informação com que tinham de lidar se tornou demasiada?

Q: A pandemia torna a veracidade da informação mais difícil de assegurar?

Q: Como é que o desporto sobrevive numa época em que não há qualquer evento desportivo?

Q: Quando efetivamente os eventos desportivos voltaram, as restrições da pandemia significaram algum tipo de impeditivo ao trabalho normal?

Geral

Q: Que desafios é que a pandemia trouxe à rádio?



Q: Como é que considera ter sido a adaptação à pandemia, no seu caso pessoal?

Q: Em termos de adaptação do resto da equipa, sentiram-se ritmos diferentes, dificuldades distintas ou todos conseguiram todos gerir?

Q: A empresa lidou bem com as mudanças forçadas pela COVID-19?

Q: Em termos noticiosos, o que é que muda com a entrada em cena da pandemia?

Q: A pandemia e as notícias relacionadas com a pandemia obrigaram os jornalistas a adaptar-se, a encontrar novas formas de produzir conteúdo, de chegar às fontes e outros procedimentos deste género?

Q: Esteve em teletrabalho?

Q: Que papel é que a Antena 1 desempenha numa pandemia?

Q: A rádio viu-se obrigada a alterar muito os seus conteúdos?

Q: Com a atualidade a ser dominada pela COVID-19, houve tempo para dar destaque a outros assuntos?

Q: Houve alguma altura em que a quantidade de informação com que tinham de lidar se tornou demasiada?

Q: A pandemia torna a veracidade da informação mais difícil de assegurar?

Direção

Q: Que desafios a pandemia trouxe à rádio?

Q: Como considera ter sido a sua adaptação à pandemia, no seu caso pessoal?

Q: Sentiu-se alguma dificuldade no resto da equipa ou foi uma adaptação uniforme?

Q: A empresa lidou bem com as mudanças “forçadas” pela COVID-19?

Q: Em termos noticiosos, o que é que se alterou com a entrada em cena da pandemia?

Q: A pandemia e as notícias relacionadas com a pandemia obrigaram os jornalistas a adaptar-se, a encontrar novas formas de produzir conteúdo, de chegar às fontes, coisas deste género?



Q: Esteve em teletrabalho durante alguma fase da pandemia? Se sim, isso afetou-a pessoal e profissionalmente?

Q: Que papel é que a Antena 1 desempenha numa pandemia?

Q: Na fase inicial da pandemia, a rádio alterou muito os seus conteúdos?

Q: Que efeito teve a COVID-19 nos noticiários?

Q: Com a atualidade a ser dominada pela COVID-19, houve facilidade e tempo para dar destaque a temas que não envolvessem o vírus?

Q: Houve alguma altura em que a quantidade de informação com que tinham de lidar, dentro e fora da COVID, se tornou demasiada?

Q: A pandemia tornou a veracidade da informação algo mais difícil de assegurar?

Q: Como é que uma direção lida com as mudanças súbitas e inesperadas impostas por uma pandemia?

Q: A pandemia obrigou-vos a alguma gestão diferente da habitual dos jornalistas? E do conteúdo noticioso?

Q: Houve constrangimentos financeiros à realização de algum tipo de atividade jornalística?

Apêndice 3 - Entrevista a José Carlos Lopes, jornalista da Antena 1

Q: Que desafios é que a pandemia trouxe à rádio?

Antes de mais, a adaptação dos jornalistas à própria pandemia, porque nós no desporto costumamos dizer que os jogadores também são homens e as jogadoras também são mulheres, e os jornalistas também são homens e mulheres. E portanto, também tivemos que nos adaptar à própria pandemia porque também temos família, e o facto de irmos trabalhar, penso eu, acarretava algum receio que fossemos nós a levar o vírus para casa. No caso da Antena 1, por exemplo, no desporto... o desporto deixou de existir enquanto grupo do desporto, que trabalha o desporto.

Fomos integrados nos vários turnos da redação, funcionámos alternadamente, ou seja, cada turno tinha uma equipa a trabalhar na redação e a outra equipa desse turno



estava em casa durante 15 dias. Se surgisse alguém infetado na equipa que estava a trabalhar, iam todos para casa e vinham os que estavam em casa, mesmo que fosse ao fim de sete, cinco dias, não os 15 dias. Penso que aqui não tivemos esse problema, conseguimos fazer essa rotação de 15 em 15 dias, na primeira fase da pandemia não tivemos esse tipo de problemas.

No desporto, tivemos que nos adaptar a colegas que conhecemos há anos, mas com quem trabalhamos muito pontualmente e, de repente, ficámos durante horas a trabalhar em conjunto. Pessoalmente, não tive problemas e penso que os outros também não tiveram problemas em adaptar-se, mas isto é presunção da minha parte. Obviamente, os outros é que podem responder, não sou eu. E penso que no desporto adaptámo-nos muito bem e passámos a falar de temas e a entrevistar pessoas de temas que acompanhamos mas que, naquele momento... fazer a conferência da Graça Freitas, da Direção Geral de Saúde, não é aquilo que habitualmente fazemos no desporto, não é? Mas, no fim, o jornalismo é sempre igual. Temos que estar e perceber os temas, minimamente, e depois entra-se na subjetividade da própria profissão, que é, numa conferência de imprensa de duas horas, tiramos dois sons com 30 segundos.

Q: Como é que considera ter sido a adaptação à pandemia, no teu caso pessoal?

Ao princípio, não trabalhei em casa. Houve colegas que foram logo para teletrabalho, até por questões de saúde. Na altura, eu poderia ter ido para casa, mas optei por não ir, tive muito receio de ficar fechado em casa. Portanto, aí houve algum egoísmo da minha parte, vim trabalhar por egoísmo pessoal. Porque, em situação de pandemia, algo que não conhecemos, eu fechar-me em casa, tanto mais que a minha mulher sempre trabalhou, optei por continuar. Só na segunda ou terceira vaga, ou seja, em janeiro deste ano, é que fui para casa em teletrabalho e estive lá durante dois meses, entre janeiro e os primeiros dias de abril.

Não tive qualquer dificuldade de adaptação. Penso até que trabalhei mais em casa do que habitualmente na redação, porque os colegas que estão na redação sentem que temos mais disponibilidade estando em casa, e quem está em casa, falo obviamente por mim, sente também a obrigação de estar mais atento, ou seja, não há saída de turno, não há saída de equipa, não há quem trabalhe de manhã e quem trabalhe à tarde. Se está em casa, está em casa e, portanto, cheguei a fazer coisas às 7h da manhã e depois no mesmo dia fazer à meia-noite, porque tinha conhecimento de qualquer coisa que poderia



ser importante, ou um contacto com quem podia falar apenas àquela hora, devido à diferença de horas, por exemplo, para o Brasil, e eu fazia. Não tive qualquer dificuldade em termos de adaptação.

O que sentimos talvez foi: saímos muito menos da redação do que saíamos e a participação em conferências de imprensa também ficou muito mais condicionada, porque podíamos fazer perguntas a partir da redação, mas habitualmente era só uma pergunta, quando estávamos presentes.

Q: Em termos de adaptação do resto da equipa, sentiram-se ritmos diferentes, dificuldades diferentes ou conseguiram todos gerir isso?

Há aqui uma questão que tenho que puxar um bocadinho a brasa para a sardinha, que é o seguinte: no desporto, somos, possivelmente, o grupo da redação mais polivalente, talvez quem se aproxima muito de nós é a equipa da política. Isto porque estamos habituados a ir sozinhos para um estádio de futebol, não levamos técnico. Há 20 anos que isso acontece... Conduzimos o carro, levamos o material, montamos o material e, portanto, estamos habituados a adaptarmo-nos e a mudar a situação. Para nós, é uma coisa que já tem muitos anos.

Enquanto possivelmente o resto da redação trabalha ainda de uma forma clássica de rádio, nós não. Portanto, assim que na maior parte das vezes aparecem novidades, é o desporto que habitualmente as experimenta, precisamente porque estamos habituados a inventar. Ou seja, o engenho é uma arte ou a arte é um engenho e fazemos isso, à boa maneira portuguesa. Não tivemos, penso eu, qualquer tipo de dificuldade.

Q: A empresa lidou bem com as mudanças forçadas pela COVID-19?

Penso que sim, porque as regras foram explícitas. Aliás, foi criado um grupo de acompanhamento da pandemia, algo do género, e esse grupo foi criando as regras. Desde os testes COVID, até ao gel, as distâncias que deveríamos ter nas redações e no acompanhamento das coisas, portanto, as regras foram criadas. A partir do momento em que são criadas regras e talvez tenham sido as regras, penso eu, na redação e não só, até na sociedade portuguesa, em que as regras foram mais aceites e menos contestadas, especialmente na primeira fase, em que as pessoas pura e simplesmente cumpriram, porque tinham receio, tinham medo e cumpriram-se as regras. Houve um bom acompanhamento porque essas regras foram criadas.



Q: Em termos noticiosos, o que é que muda com a entrada em cena da pandemia?

Entra a pandemia. O que acontece é isto: para já, porque deixou de acontecer as outras coisas. Por exemplo, no caso do desporto, deixou de haver jogos de futebol, deixou de haver desporto, andebol, atletismo. É natural que o desporto tenha deixado de ocupar tanto espaço. Aliás, falava-se com as pessoas do desporto a falar da pandemia. Quando é que regressava, não regressava, quando é que havia, tudo isso. E os campeonatos foram parando, sejam eles de atletismo, de andebol, de hóquei em patins, de futebol, foram todos parando, a formação parou e, portanto, falava-se de pandemia. Ou seja, houve na realidade temas... mas isso é fácil de ver: ninguém fazia perguntas ao António Costa, sobre uma promessa que tinha sido anunciada há um ano, toda a gente fazia perguntas era sobre a pandemia. E mais, as pessoas, mesmo familiares, uma família, não discutiam se o Sporting fez uma boa contratação ao Benfica. Do que é que conversavam? Era da pandemia.

Ou seja, a sociedade portuguesa falava da pandemia, os noticiários passaram a falar da pandemia. Mas atenção, temos situações presentes e, não há muitos anos, por exemplo, Pedrógão Grande, em que também todos os noticiários abriram com Pedrógão. E se vamos mais atrás, muitas vezes aconteceu, a queda da ponte, em que todos os noticiários foram para ali. Aqui esta situação é, não digo mais grave, mas mais condicionante, porque o que se falava nos Estados Unidos, na Alemanha, na União Europeia, era da pandemia. Ou seja, a pandemia tomou conta dos noticiários. Mas foi uma situação em que não havia possibilidades, nem as pessoas estavam recetivas, do meu ponto de vista, a que lhes fossemos dar outros tipos de informação. Estavam todas recetivas era à história da pandemia.

Q: A pandemia e as notícias relacionadas com a pandemia obrigaram os jornalistas a adaptar-se, a encontrar novas formas de produzir conteúdo, de chegar às fontes, coisas deste género?

Sim, para já porque eram fontes novas. Ou seja, por exemplo, uma rádio como a Antena 1 tem especialistas que podem não ser colaboradores fixos, mas que nós sabemos que lhes telefonamos e eles falam com a Antena 1. Neste caso, foi todo um mundo novo com quem foi necessário falar. E se a pandemia dominava os noticiários, obviamente não podia ser sempre a mesma pessoa a falar e, portanto, as fontes, foram totalmente diferentes.



A DGS, que não me lembro de alguma vez ter sido uma fonte privilegiada, só em situações muito pontuais, tornou-se a grande fonte dos noticiários. A ministra da Saúde, que habitualmente vem porque existe um problema num hospital ou noutra, naquele momento era uma das fontes mais privilegiadas no país. Tudo se alterou em termos de fontes. As fontes que poderei ter no desporto passaram a ser praticamente inúteis. Tenho à volta de 7000 números de telefone e talvez três ou quatro é que eram úteis, talvez mais os médicos que eu tenha por ali, mas a maior parte deles são ortopedistas e, no caso da pandemia, não servem de grande coisa e, portanto, tive que ir à procura de outra coisa e teve que ser.

Q: E desses sete mil contactos, as fontes que já existiam, perdeu-se de alguma forma a ligação por haver menos recorrência a esses contactos?

Não, não porque o que aconteceu foi que o desporto parou e recomeçámos, não digo na mesma situação em que estávamos, porque houve uma fase de adaptação, o público regressou há dias aos estádios. Embora tenham existido dois ensaios com a seleção portuguesa, o público regressou há pouco tempo e as coisas recomeçaram, quando houve possibilidade. Embora hoje em dia continuemos a ir menos às conferências de imprensa, porque ainda há condicionantes.

A nós, hoje em dia, não passa pela cabeça de ninguém depois de uma conferência de imprensa ir falar com a pessoa que acabou de falar, por exemplo, para esclarecer uma situação porque na realidade não pode haver essa aproximação, portanto aí, as coisas alteraram-se. Tivemos que nos adaptar.

Q: Esteve em teletrabalho? Isso afetou-o pessoal e profissionalmente?

Não, nada. Tivemos que nos adaptar. Penso que o que aconteceu com o teletrabalho e com a pandemia foi que, aquilo que usávamos pontualmente, passámos a usar com muita frequência. Estou-me a lembrar do Whatsapp, do Skype, do Zoom, que 99% da população mundial não sabia que existia, e hoje toda a gente ouve falar dele, até por causa das escolas e tudo isso, do Microsoft Teams e não sei quê. E aconteceu-nos o mesmo, tivemos que nos adaptar, até no teletrabalho. Como é que gravamos entrevistas em casa? Aqui temos o estúdio, é só ligar, abrir a via e fazer a entrevista e, de repente, estamos em casa. Tivemos que nos adaptar, mas penso que as coisas correram bem e conseguiu-se fazer tudo o que fazemos aqui. Aliás, isto é, sobre a Antena 1, mas penso que um excelente exemplo é a Antena 3, em que toda a emissão, incluindo os noticiários



é feita de casa, ainda hoje. Adaptaram-se e fazem tudo em casa, não está ninguém em estúdio.

Q: E o trabalho produzido em casa acabou com a mesma qualidade que se produz aqui ou houve algum decréscimo?

Não, penso que não. Em termos de qualidade de som, penso que é igual. Porque uma resposta enviada por Whatsapp é sempre o Whatsapp, uma conversa realizada pelo Zoom, é sempre o Zoom. Poderá haver menos qualidade no *software* utilizado, mas em termos de perceção do ouvido humano, penso que não se nota.

Q: Que papel é que a Antena 1 desempenha numa pandemia?

A rádio continua a ter uma vantagem relativamente à televisão e ao jornal, embora, hoje em dia, também exista o online. Mas a rádio dá voz às pessoas e as pessoas querem ouvir a voz e, portanto, mais do que dizer que a Graça Freitas disse, a rádio põe o som. As televisões hoje fazem muito rádio, o que eles fazem é rádio com imagem. Ao contrário do que se pensava, foi a televisão que se aproximou da rádio e não a rádio que se aproximou da televisão até em termos de linguagem. E portanto, tivemos essa situação, a rádio foi importante porque, quem, por exemplo, tinha uma casa no Alentejo e pura e simplesmente fugiu do grande centro, se calhar é mais fácil ouvir a rádio do que ver televisão, embora esta exista em todo o lado. Mas quem anda no carro, ouvia rádio.

E a rádio foi importante, o problema que houve, não só da rádio, mas de quase todos, é que houve tanta informação sobre a pandemia que, por vezes, não houve tempo ou oportunidade para esclarecer, que é um problema que ainda existe hoje. Damos a informação, mas não vamos esclarecer devidamente. Ou não há tempo, ou não há oportunidade. Não posso dizer que não se quer, mas não há esse esclarecimento. Mas a rádio foi, na realidade, o veículo informativo que mais esteve presente, não só a Antena 1, mas também a TSF, a Renascença, a Comercial. Todos trabalharam no mesmo sentido. A Antena 1 é a melhor de todas, mas também sei que os outros trabalham bem.

Q: A rádio viu-se obrigada a alterar muito os seus conteúdos?

Sim. A programação mudou porque, por exemplo, na primeira fase da pandemia, a Antena 1 transmitia na íntegra as conferências de Marta Temido, a ministra da Saúde, ou do Lacerda, secretário de Estado da Saúde, com a diretora. E eram conferências de



imprensa que, às vezes, duravam duas horas. Os conteúdos alteraram-se pura e simplesmente. Porquê? Porque, inclusive, depois da conferência de imprensa, havia especialistas que se pronunciavam sobre aquilo que tinha sido dito. Alteraram-se completamente os conteúdos, aliás, os outros conteúdos desapareciam, no momento em que havia uma conferência de imprensa. E depois nos próprios noticiários a seguir, o que aparecia primeiro e ocupava a maior parte do espaço era precisamente a conferência de imprensa que tinha decorrido porque toda a gente estava à espera de novidades dessa conferência.

É óbvio, houve conteúdos que desapareceram, o desporto, por exemplo, só em situações pontuais é que entrava nos noticiários alguma coisa que existia e que valia a pena. Desapareceu, não existia, o desporto não estava a funcionar, desapareceu de antena, praticamente, embora nós tentássemos fazer uma peça ou outra sobre este tema ou outro, mas íamos dar sempre à pandemia.

Q: Com a atualidade a ser dominada pela COVID-19, houve tempo para dar destaque a temas que não envolvessem o vírus?

Houve tempo quando esses temas também eram importantes. Mas a pandemia ocupou o espaço quase todo da informação.

Q: Houve alguma altura em que a quantidade de informação com que tinham de lidar se tornou demasiada?

A informação nunca é demasiada. Ela pode-nos servir para a informação que queremos dar. O que aconteceu foi que não era só aquilo que se passava em Portugal que nos interessava, mas o que acontecia no Brasil, nos Estados Unidos, na Rússia, na China, de onde o vírus veio. Em todos os momentos, estávamos à espera e atentos ao que se passava nos outros países, porque estávamos todos a aprender uns com os outros. Ainda agora a opção, ontem, quando Graça Freitas anunciou que vão vacinar os jovens dos 12 aos 15 anos, ela baseou-se num estudo dos Estados Unidos. Ou seja, se ainda hoje estamos à espera de receber informação dos outros países, naquele momento, ainda era muito mais.

Q: A pandemia torna a veracidade da informação mais difícil de assegurar?

Não, por uma razão simples. Uma coisa é um tema que não dominamos, que era a pandemia, e aí é mais difícil de garantir a veracidade, até porque toda a gente fala da



pandemia e, portanto, agora temos que escolher quem é que deveremos ouvir e deveremos escolher para serem as nossas fontes e referências e isto teve uma situação que foi que no início, as fontes eram todas oficiais. Havia muito poucas fontes que não eram oficiais. Mesmo os especialistas que ouvíamos falar, era o presidente da Ordem dos Médicos, o presidente dos Médicos de Família, ou seja, era tudo instituições. Depois é que se começou a falar com os outros, mas isto também porque era o mais fácil, até para nós, e era os que estavam mais disponíveis e tudo isso. Ou os presidentes dos sindicatos dos médicos, dos enfermeiros, porque andávamos muito ali na saúde.

E, portanto, a veracidade é difícil a partir do momento, mas isto a veracidade deste tipo de informação, como de todos os outros. Se estou a falar com um advogado com credibilidade e se ele me diz que determinada lei é assim, assim e assim, quem sou eu para ir duvidar do que ele me está a dizer sobre esta lei. Ou seja, o jornalista refugia-se numa situação muito simples: cita o advogado ou, no caso da rádio, põe o advogado a falar. Mas dificilmente tenho competência ou conhecimentos para pôr o bastonário dos Advogados em causa, só numa situação que eu domine muito. E somos obrigados a dominar muitas áreas, mas não somos especialistas nessas áreas. Temos que aceitar que quando o especialista fala, é verdade o que ele está a dizer. Uma coisa é a verdade em termos de saúde, outra coisa é ele dizer se é verdade o relacionamento que tem com o ministro, ou que vai fazer greve por isto e por aquilo. Isso aí já é uma situação diferente que nós já podemos avaliar. Agora, se este vírus é muito mau ou não, tenho que aceitar que ele sabe mais do que eu. Quem sou eu para pôr em causa se o vírus desaparece aos 30°C ou não desaparece, como se falava que no verão ele desaparecia e demonstrou-se depois que isso não é verdade?

Q: Como é que o desporto sobrevive numa época em que não há qualquer evento desportivo?

A partir de determinada altura, o desporto vive com o regresso. Porque, por exemplo, há desportos individuais, até o próprio atletismo. Lembro-me de fazer um trabalho sobre o regresso do atletismo em Leiria, o lançamento do peso, do disco, do dardo, em que, quando ia a lançadora do dardo, estava ela e o treinador, e o treinador estava a seis metros dela ou dele e só ela é que mexia nos dardos, mais ninguém. Ela saía, ou ele, e o treinador também, e entrava alguém do lançamento do peso, e só essa pessoa é que estava no estádio, a lançar o peso em que só essa pessoa mexia e o



treinador novamente a seis metros de distância, a dar as suas indicações, correções e tudo isso.

E penso eu que foi o atletismo, pelo menos é aquilo que tenho conhecimento, que começou a mexer com o desporto, em Leiria, porque houve uma espécie de estágio dos lançadores, distantes um dos outros e trabalhavam nessas condições. É lógico, os ciclistas sempre andaram de bicicleta, mas o que acontece é que o facto de Tiago Machado, por exemplo, ir andar de bicicleta, não era notícia, porque era natural. Se o cidadão comum podia andar de bicicleta, ele também podia, não era notícia. O atletismo, na altura, foi notícia precisamente por isso, porque houve um estágio e trabalharam nessas condições, em que só um é que estava a lançar.

Q: Quando efetivamente os eventos desportivos voltaram, as restrições da pandemia significaram algum tipo de impeditivo ao trabalho normal?

É impeditivo. Vou dar um exemplo concreto. Fiz a cobertura de um campeonato de judo no Altice Arena. Cheguei ao hotel, fiz um teste à COVID-19, já tinha feito dois nos últimos quatro dias. Fiz o teste, fui para o quarto e só me autorizaram a sair de lá às 6 da manhã, levaram-me até lá o jantar. E durante os quatro dias que foi o europeu de judo, eu só podia andar nos autocarros da organização. Saía do hotel, entrava no autocarro, levavam-me ao pavilhão, entrava no pavilhão e fazia a cobertura. Não podia ir ter com atletas nem nada disso, não podia andar como habitualmente andamos quando podemos, porque há sempre restrições de espaço, para tentar falar com este ou com aquele. O trabalho fez-se e falei com Telma Monteiro quando foi campeã europeia e tudo isso, mas tínhamos muitas restrições. Não nos podíamos movimentar pelo pavilhão como habitualmente fazemos, existiam zonas reservadas.

Um exemplo em que eu não estive, mas o melhor exemplo, foram os Jogos Olímpicos que agora terminaram e que João Gomes Dias pode explicar melhor do que eu, que lá foi. Mas inclusive eles, para entrevistar um atleta, tinham que enviar um mail para pedir autorização, embora houvesse zonas mistas e tudo isso, mas havia restrições. Hoje em dia, posso ir a uma conferência de imprensa, estamos distanciados e falamos com as pessoas. Mas não há possibilidade, para dar um exemplo, da final da Taça de Portugal, quem é que se lembra de os jornalistas andarem atrás dos jogadores para falar com eles? Não houve, não podiam. Houve a flash, mas quem é que transmitiu, em termos de som, a festa, o levantar a Taça, em que nós, rádio, habitualmente estamos lá

com um microfone e captamos tudo aquilo. Desta vez, não captámos porque não podias lá ir. Houve restrições que se mantêm, ainda hoje, porque não temos acesso, ou seja, não podemos. E compreendo que não se possa porque o vírus se transmite facilmente e, portanto, não há possibilidades.

Apêndice 4 - Entrevista a Mário Galego, jornalista da Antena 1

Q: Que desafios é que a pandemia trouxe à rádio?

Primeiro, o desafio de sacar informação. Estando tudo fechado, confinado nas redações e os agentes da notícia confinados também, quer dizer, também não saem, como é que o jornalista chega a sacar a informação. Acho que este foi o grande desafio. E depois, trabalhar a informação, que é, com o pouco que se tem e com as restrições da própria informação que é muito virada para a pandemia. Não tínhamos mais, não tínhamos grande coisa.

Durante o período mais crítico, não havia grande coisa. Não havia futebol, não havia quase atividade política nenhuma, a economia estava de rastos, estava tudo fechado, quer dizer, onde é que íamos buscar? O mundo continuava a girar, mas nós é que girávamos muito em torno da COVID e então procurávamos só coisas sobre a COVID. No princípio, era muito perceber o que era a doença, era perceber, e apoiando-nos muito nos epidemiologistas e especialistas da área da virologia, como é que podemos tratar isto, como é que podemos sacar informação? Porque havia aqui, e na rádio, há sempre este paradigma: estamos todos fechados, confinados, mas as pessoas estão em casa a ouvir rádio à mesma.

Acho que não perdemos, pelo contrário, a rádio até ganhou audiência, porque em casa, ou quem ia para o trabalho continuava a ouvir rádio, no carro, e depois porque as pessoas procuravam. E havendo tão pouca informação, ou havendo menos informação, quer dizer, quem está em casa a ver televisão, ao fim de meia hora, já ouviu tudo e se calhar na rádio alguma coisa há sempre de novo. Na rádio até tínhamos mais espaço e mais ouvintes e tínhamos era menos por onde pegar. Esse foi o maior desafio de todos.

Q: Como é que considera ter sido a adaptação à pandemia, no seu caso pessoal?



Para já é um desafio pessoal. Em termos pessoais, tinha que me defender. Tinha que estar longe de grupos, longe de pessoas que não conhecia, longe daquilo que achasse que era mau e que me pudesse transmitir a doença. As idas ao supermercado eram restritas, cirúrgicas, quase, e as pessoas com quem eu estava também, que era para me resguardar para poder vir trabalhar.

A princípio, fizemos aquela divisão da redação, em 15 dias em casa e 15 dias aqui. Foi uma situação que até correu bem. Acho que nos resguardámos muito, mas, quer dizer, isto obrigou-nos a ter, para além dos dois olhos que temos, mais dois ou três, para tentar perceber para onde é que não podemos ir e estar, porque se tivéssemos outras doenças, podia ser fatal. Junta-se uma coisa com a outra, tinha que me resguardar a mim que era para poder estar na profissão.

Q: Isso prejudicava de alguma forma as coisas que um jornalista fazia? Ou seja, se esse sentimento de “tenho que me resguardar”, prejudicava de alguma forma as saídas ao terreno que havia?

As poucas saídas, ou quase nenhuma. Um jornalista quando vai para a rua, em reportagem... a reportagem é sobretudo ver, ver e contar. E para vermos, para estarmos lá perto, quer dizer, não podíamos.

Quando há reuniões, ou atividades dos agentes da notícia, às vezes, vamos até à sala onde eles estão, às vezes espreitamos, às vezes, entramos não sei onde e conhecemos pessoas que vêm cá fora. Quer dizer, há sempre qualquer ponto onde podemos arranjar uma informação ou ver alguma coisa para poder contar e durante a pandemia não. E habituámo-nos a isso e, ainda ontem, por exemplo, na conferência de imprensa, depois do *briefing* da Proteção Civil... para já, não houve imagem do *briefing*, porque foi à porta fechada, coisa que antes podia haver uma imagem ou outra. E a conferência de imprensa nem sequer foi dentro do edifício. Ocorreu na rua porque o tempo o permitia e com um distanciamento de cinco ou seis metros do primeiro-ministro. Antes, estávamos mais perto das pessoas da Proteção Civil, dos secretários de Estado, dos ministros e, se calhar, podíamos até conversar ou trocar umas ideias e sacar alguma informação. A pandemia veio restringir isto.

E mais, e esta relação dos agentes da notícia com os jornalistas se calhar já está com um hábito de chega para lá, que eu estou aqui e tu estás ali. E, possivelmente, criou



um hábito novo entre as nossas relações... não quer dizer que para o futuro seja diferente, mas...

Q: Em termos de adaptação do resto da equipa, sentiram-se ritmos diferentes, dificuldades distintas ou todos conseguiram todos gerir?

Acho que sim. Ao fim de algum pouco tempo do início do confinamento, as próprias equipas eram uma espécie de bolha. Na minha equipa, estava mais à vontade com os meus do que com os da outra equipa e acho que toda a gente devia ter sentido isto, porque percebíamos quem eram, o que faziam, onde estavam, qual era o circuito de amigos, de família e nós éramos uma própria bolha. Daí que as distâncias depois uma equipa estava num andar, outra estava no outro e era desencontrada a entrada na redação, para além depois de ser desinfetada e limpa.

Mas houve aqui um ritmo de... já não vejo toda a gente da redação há mais de um ano. Há pessoas que já não vejo há mais de um ano e que estão cá a trabalhar. Outras estão em teletrabalho e essas não vejo há muito mais tempo. Mas criou aqui uma dinâmica de quase isolamento, de separação da redação. Separámo-nos em bolha e cada um fazia a sua.

Q: A empresa lidou bem com as mudanças forçadas pela COVID-19?

Se calhar hoje sim, no princípio não tanto, porque admito que não conhecesse tanto, mas deveria ter conhecido como é que se tratavam casos de COVID, por exemplo. Houve tratamentos diferenciados para quando surgiram casos de COVID, houve tratamento diferenciado para as pessoas que estavam junto desse caso. Tratamento diferenciado no mesmo grupo: houve uns que ficaram em causa três dias, outros ficaram seis, quer dizer, mas estavam todos à mesma distância da pessoa que teve COVID.

E depois, quando a empresa decide que o lugar onde essa pessoa trabalha é desinfetado, não pode vir uma senhora da limpeza, por muito respeito que tenho por elas, trabalho com elas todos os dias, não pode vir uma senhora com um *spray*, desinfetante e esfregãozinho, limpar a cadeira e a secretária. Isto não é desinfeção. Há um caso de COVID num sítio, a sala é higienizada, ponto final. E só depois desse tratamento é que o resto da malta entra e isso não aconteceu e até hoje não acontece. Quando há um caso de COVID, não há uma higienização do local.



Outra das alterações minhas é: venho de carro, estaciono, venho para a redação, redação-carro, carro-casa. O meu ritmo não era este. Eu vinha, falava com este e com aquele, ler os jornais, mandar uns bitaites, disparar bolas a torto e a direito para todo o lado. Vinha aqui, fazia um trabalhinho e era isso. Hoje em dia, estamos mais à vontade, até porque as vacinas ajudam e tal. Quer dizer, ajudam mentalmente, sabe-se lá se estamos todos protegidos ou não.

Q: Em termos noticiosos, o que é que muda com a entrada em cena da pandemia?

É muito a preocupação em torno da doença e da progressão da doença e da evolução que as pesquisas têm, andamos sempre muito à volta da COVID ainda. E à medida que os agentes das notícias começam a sair para a rua e a ter outras atividades. A política tem mais atividade, agora vai haver eleições.

O futebol já retomou, com público, mas ainda vamos muito a medo, ainda estamos muito a medo, muito devagarinho, porque não se vá dar o caso de apanhar COVID agora no fim da festa. As pessoas ainda estão assim meio... Quer dizer, não é à toa que numa final da Supertaça, o Braga teve que devolver não sei quantos bilhetes. Há muita malta com receio. Anda toda a gente com falta de bola, mas depois devolvem-se mil e tal bilhetes.

Há aqui ainda muitos receios e as conferências de imprensa, como a de ontem, por exemplo, com um distanciamento físico bastante acentuado, não é tudo ao molhe... e não sei se isto não vai perdurar durante os próximos meses, anos, talvez. Isto é a minha observação genérica da sociedade: as empresas neste momento estão certamente a repensar o modo possível de teletrabalho. Para já, reduz o espaço físico. A empresa precisará de menos espaço para ter gente a trabalhar. As pessoas, muitas, não são todas, gostarão da ideia de ficar em casa a trabalhar. Ainda no fim de semana passado conheci um rapaz de 30 e poucos anos que decidiu com a empresa que a partir de agora trabalha em casa e está a 140km de distância e é definitivo e fica assim.

Isto acho que vai de facto alterar e, na comunicação social, podem-se alterar aqui ritmos de... em vez de irmos à redação, vamos diretamente para o local de trabalho, em vez de voltarmos à redação, vamos a casa e enviamos o trabalho... sendo que para a televisão não é tão fácil, não é, porque se não se tem uma ilha de montagem em casa, como podem ter um gravador e um editor de som em casa, para a rádio. Ou num jornal, também é fácil. Em casa ou noutra sítio qualquer, podemos ir para outro sítio qualquer e



escrever uma peça para um jornal... para a rádio e para a televisão deve ser mais complicado. Mesmo para a fotografia, hoje em dia, quer-se dizer, mandamos de qualquer sítio e quem está na redação publica. Há aqui ritmos que podem ser alterados, dependem é de empresa para empresa, dos contratos de trabalho, da aceitação do empregador e do empregado.

Q: A pandemia e as notícias relacionadas com a pandemia obrigaram os jornalistas a adaptar-se, a encontrar novas formas de produzir conteúdo, de chegar às fontes e outros procedimentos deste género?

Antes funcionávamos muito com o telefone e continuamos a usá-lo. O telefone, o e-mail, mas mais o telefone. Apesar de que, em investigação, há muita gente que não gosta de falar ao telefone e gostam de falar presencialmente, porque gostam de olhar na cara do jornalista e o jornalista gosta e deve conhecer as pessoas. E isso obriga a um encontro presencial. A investigação é provável que seja aquela que sofre mais, porque tem de haver uma proximidade. Temos que entrar na cabeça das pessoas, na casa das pessoas, temos que mergulhar dentro delas. E quando temos uma doença destas, que é transmissível, é complicado. Quando é para sacar informação com fontes e não temos que estar com elas, o telefone continua a ser, essa parte continua a ser igual. A outra não, a parte da investigação, aquela parte que requer um encontro presencial, sofre muito. Daí que talvez haja menos investigação agora.

Q: Esteve em teletrabalho?

Não. Estive foi nas equipas de espelho, mas ficávamos sossegadinhos em casa, para depois podermos vir trabalhar.

Q: Que papel é que a Antena 1 desempenha numa pandemia?

Continua a desempenhar o papel para o qual existe: o serviço público. E, numa pandemia, tem um serviço acrescido de informação e de formação, que é uma coisa que às vezes não nos apercebemos, mas tem o papel de formar, de dar informação para que em casa se faça. Ou seja, não são só as notícias que ajudam a viver em tempo de pandemia. Não é só dizer que hoje morreram não sei quantas pessoas e as vacinas ajudam e não sei quê. É dizer, em permanência, o que é que as autoridades recomendam. Isto não tem a ver com jornalismo a 100%, tem a ver com o papel da rádio, enquanto serviço público, de alertar e de dar o melhor caminho a quem a está a



ouvir: você está em casa, ponha a janela aberta, para o ar limpar, se sair à rua leve máscara. Quer dizer, isto não é propriamente notícia, não é informação, mas é o papel que a rádio deve ter, em dizer às pessoas que as autoridades recomendam fazer isto.

Os serviços públicos que estudam a doença dizem que se deve fazer isto e a rádio pública reproduz e alerta quem está a ouvir e esse papel é fundamental, como é fundamental numa catástrofe. Quer dizer, isto é uma catástrofe. O papel das rádios públicas é absolutamente essencial em qualquer tipo de catástrofe. Foi, por exemplo, nos incêndios na Serra da Estrela que me lembro, que os postos de comunicações móveis foram à vida. Não havia televisão, não havia telemóveis, não havia rede de telefone, não havia nada e havia populações isoladas. E lembro-me que o presidente da Câmara de Gouveia - acho que foi Gouveia - conseguiu fugir para uma zona, fora da zona de incêndio, onde tinha rede de telemóvel, conseguimos gravar e ele disse, na rádio, e nós reproduzimos, que as populações tinham de ficar em casa. Esta informação foi primordial para quem estava isolado e só ouvia rádio. Telefonia a pilhas ouve-se em todo o lado.

Não havendo energia, telemóveis, comunicações, a não ser rádio, no meio do fogo, a rádio chega. No meio do mar, a rádio chega. E as populações, poucas, felizmente, ouviram esse conselho. Isto não foi no século passado, foi há poucos anos. O presidente da câmara disse que é preciso que as pessoas fiquem em casa, das várias aldeias e populações perdidas no meio da serra e isso foi transmitido pela rádio. Portanto, elas receberam uma informação essencial no meio de uma desgraça que era o incêndio. Isto é o papel da rádio enquanto serviço público.

Q: A altura dos incêndios é efetivamente um bom termo de comparação. Mas numa pandemia, à rádio não acresce ainda mais uma função de companhia às pessoas?

Claro que sim. Há pouco dizia que a informação é essencial, a formação para quem está em casa isolado e a companhia, sim. Daí que uma rádio se faça de jornalistas, animadores, entrevistadores, programadores de cultura, de história, de isto e aquilo. Música, passatempos, seja o que for. O que pode entreter, na rádio, faz companhia às pessoas, sejam elas novas, velhas, não interessa. E isso é um papel, que tem que ser sempre ponderado, equilibrado, não vale tudo, não pode valer tudo, na minha opinião, tem que valer aquilo para o qual... temos que ir à procura da nossa população, e que



população é que temos, e quem é que nos ouve e, a partir daí, definir o que é que devemos dar às pessoas. Acho muito que devemos dar a rua. Um dos papéis do jornalista é o de ir à rua para poder contar na rádio. À rua no sentido de ir lá fora, ver o que é que se passa, para poder contar na rádio. Os animadores têm outra função, se calhar.

Q: A rádio viu-se obrigada a alterar muito os seus conteúdos?

Viu-se, sim, bastante. Porque deixámos de ter a programação gravada que tínhamos, porque havia, em permanência, informações do Governo, informações da Direção Geral de Saúde, informações do Parlamento, informações que eram dadas em direto na rádio. E isso obrigava a abrir a antena para estarmos ali, se fosse preciso uma hora, duas horas, com perguntas. Porque nessa altura, no princípio, havia pouca informação e tínhamos que saber orientar, que nos ajustar ao que estávamos a começar a viver e isso foi decidido na rádio e, a meu ver, bem, transmitir as conferências de imprensa, os *briefings* do Conselho de Ministros, as conferências da Direção Geral de Saúde, sobretudo, e também do Presidente da República, porque aí é que formávamos depois o nosso juízo em torno do que estava a acontecer. A programação gravada foi à vida, menos música, mais informação, lá está, é esse o papel da rádio pública, tem que ser.

Q: Com a atualidade a ser dominada pela COVID-19, houve tempo para dar destaque a outros assuntos?

Agora já há. No princípio, por força de nós próprios jornalistas querermos saber o que é que era a COVID, o que é que provocava, de onde vinha, eram muitas interrogações e estávamos quase com “palas de burro” para a COVID. Mas agora não, já começa a abrir desde há alguns meses, até começamos à procura das implicações que a COVID nos deixou para o futuro. Já tirámos as “palas” e já começámos a olhar para o lado e a ver como vão ser os próximos tempos. Há cada vez mais informação que não é COVID, apesar de que a grande maioria ainda é implicada pela COVID-19.

Q: Houve alguma altura em que a quantidade de informação com que tinham de lidar se tornou demasiada?

Não sei. A determinada altura, é tudo sempre demais. Como era uma coisa nova, não sabíamos era apurar o essencial dessa informação. Era tudo muita informação e era



tudo novo. Portanto, era tudo bom para dar, mas se calhar exagerámos. Depois, começámos a perceber que havia coisas que já não eram preocupantes, começámos a traçar o próprio caminho no tratamento da informação sobre a COVID. Ao princípio, era uma coisa nova e aí, se fosse COVID, interessa, e vinha de todo o lado. Mas depois, começámos a tratar melhor a informação e fizemos um funil. E isso acontece com a COVID, com outra pandemia, com uma desgraça ou com uma catástrofe.

Q: A pandemia torna a veracidade da informação mais difícil de assegurar?

Isso depende do jornalista tentar perceber de onde vem a informação e se de onde vem é fidedigno, se não é, se é credível, se não é. Se bem que, no princípio, não se pensa muito na credibilidade porque não temos muito onde te agarrar. Se recebemos informação de um instituto qualquer de virologia, pode ser o instituto a querer chegar-se à frente e a mostrar alguma coisa que não tem grande relevo, mas que na altura, para nós tem, qualquer coisa tinha. Ou de uma faculdade, ou de um laboratório, sobretudo nesta altura, neste tipo de coisas e, como em tudo na vida, quem anda cá para ganhar dinheiro, tenta furar o melhor caminho para chegar aos sítios credíveis e os sítios credíveis são os jornalistas.

E sim, de facto, há sempre muita informação que não é necessária, que é excesso, que é gordura e que passa. E acredito que haja muita informação que não seja relevante, interessante, é interessante do ponto de vista económico para quem a fornece, mas para o grande público não é. Mas lá está, depois o funil vai apertando e começamos a perceber o que é que é e o que é que não é interessante e principal, no meio desta crise toda.

Apêndice 5 - Entrevista a David Carvalho, jornalista da Antena 1

Q: Que desafios a pandemia trouxe à rádio?

Começamos então pelo trabalho que tivemos e foi um bocadinho diferenciado quando a pandemia surgiu na sua fase mais crítica e quando foi, digamos, algo desconhecido. Chegámos a ter equipas em espelho, o que não era de todo habitual no nosso esquema de trabalho, sendo que, por exemplo, as edições de desporto acabaram. Como não havia futebol, nem modalidades desportivas em curso, fomos trabalhar para as equipas de turno normal. Eu, por exemplo, fiquei na equipa da manhã 1 e pronto, os



desafios foram esses... foi lidar com uma realidade completamente diferente, um dia a dia diferente, com os cuidados que tivemos a partir do momento em que percebemos que estávamos numa pandemia.

Para além de todo o trabalho que tínhamos que realizar, era o cuidado a sair à rua, ao sair em reportagem, portanto todos os cuidados higiénicos, o uso de máscara que era completamente novo. Tudo isso foi um desafio, apresentou constrangimentos e, ao mesmo tempo, foi descobrir uma nova forma de trabalhar. Basicamente terá sido isso, embora já tenha sido... há mais de um ano, portanto, ano e meio a esta parte, nós começamos com a pandemia em março de 2020 e, portanto, a partir daí, tivemos esses constrangimentos todos.

Q: Como é que considera ter sido a adaptação à pandemia, no seu caso pessoal?

Acho que até me adaptei de uma forma relativamente fácil, embora seja sempre algo novo. O facto de ter de usar luvas, máscara para sair em reportagem, por exemplo, ter que desinfetar o microfone, ter que colocar o plástico à volta da bola do microfone, enfim... são aspetos mais específicos do dia a dia, mas que implicam preocupação, tempo, implicam termos que começar a pensar nas coisas mais cedo, a antecipares os cenários daquilo que vais fazer, enfim, teres mais cuidados.

Mas como sempre me habituei a adaptar-me às situações, tendo em conta as experiências que já tive, enfim, já fiz mundiais, jogos olímpicos, já trabalhei em situações de incerteza e, portanto, não foi totalmente novo adaptar-me a este cenário de incerteza e novidade e de muitas vezes lidar com algo que está fora do nosso controlo. Essas experiências anteriores ajudaram um bocadinho a encarar isto do ponto de vista psicológico.

Q: Sentiu alguma dificuldade no resto da equipa ou foi uma adaptação uniforme?

No período crítico da pandemia, ficávamos 15 dias em casa e depois íamos trabalhar mais 15 dias, portanto, logo aí, existe um período de adaptação a uma realidade completamente nova, uma realidade até laboral completamente nova. Nunca tínhamos vivido numa situação destas, eu pelo menos nunca tinha vivido numa situação destas e também acho que, mesmo tendo em conta outros cenários, não me recordo de uma situação assim. Desde aí, portanto, a partir daí, tudo é novo.

Depois a questão, falo por mim, de sermos integrados nas equipas normais, de turno normal, não me aquece nem me arrefece, eu faço tudo o que há para fazer, desde edição de noticiários até sair em reportagem, lidar com assuntos que não lido no dia a dia, mas o jornalista é um jornalista e, portanto, deve fazer o trabalho dele o mais aproximado possível daquilo que é um bom desempenho profissional. E um bom desempenho profissional é informar sobre o assunto que se vai tratar e depois fazer perguntas, reportar aquilo que há a reportar, sempre com as regras jornalísticas presentes. Portanto, nada disso acaba depois por ser novidade quando nos integramos numa equipa que não é, digamos, a equipa específica, da editoria específica onde sempre trabalhamos.

E até acho que existe uma grande adaptação dos jornalistas da área do desporto a outras áreas, quaisquer que sejam. E vi isso também em relação aos meus colegas, pela forma como eles se conseguiram adaptar e até pela própria forma como a redação entendeu essa adaptação e essa boa participação. Portanto, essa utilidade no dia a dia e a sabedoria que as pessoas conseguiam aplicar nos vários trabalhos que foram desenvolvendo.

Q: A empresa lidou bem com as mudanças forçadas pela COVID-19?

Se a empresa lida bem? Acho que a empresa se adaptou da melhor forma possível. Isto tem sido uma novidade para todos, ainda hoje é um desafio e, portanto, continuará a ser até que a coisa fique resolvida, mas já temos aqui um dado novo, que é: a nossa geração já lidou com uma pandemia, portanto, as coisas, em termos de conhecimento de um próximo vírus, não teremos esse conhecimento em relação àquilo que já conhecemos do corona, mas saberemos, se calhar, se uma pandemia surgir nos próximos cinco ou dez anos, já sabemos lidar melhor com ela, já estamos mais preparados. Agora, do ponto de vista da empresa, acho que a empresa... lidou bem.

Tendo em conta todas as vicissitudes que envolvem esta pandemia, acho que a empresa se adaptou bem a isto, resolveu bem várias questões e desafios que teve pela frente, desde criar condições sanitárias para que as pessoas pudessem trabalhar, colocar muita gente em teletrabalho, ter disponíveis meios, desde máscaras de proteção individual, gel, etc. Tudo isso para que as pessoas se sentissem minimamente em segurança e acho que isso... enfim, uns dias melhor outros dias pior, talvez, mas isso



tem que ver também com a adaptação das próprias pessoas. Se a empresa reagiu bem... acho que sim, acho que reagiu bem.

Q: Em termos noticiosos, o que é que entra com a entrada em cena de uma pandemia?

Em termos noticiosos... muda muita coisa. Tudo o que fazemos, fazemos em função da pandemia. Por exemplo, basta dar-te aqui um exemplo, passamos a fazer jogos de futebol sem público, o que é um cenário completamente diferente. Uma coisa é estarem 50 mil pessoas no Estádio do Dragão num clássico entre o Porto e o Benfica, ou 63 mil num dérbi entre o Benfica e Sporting, e outra coisa é existirem jogos dessa dimensão à porta fechada. Desde aí, o trabalho é completamente diferente porque o cenário é completamente diferente. Isto por um lado.

Por outro, acho que a questão de não haver por exemplo muitas modalidades, de pararem muitas modalidades por causa da pandemia, porque não havia condições para que essas modalidades conseguissem manter-se, por razões sanitárias, por razões operacionais, por diversas razões... só mesmo o futebol profissional é que, depois de uma paragem, conseguiu manter-se a funcionar e, mesmo assim, foi com muitas restrições, incluindo as restrições de público e até de número de pessoas por jogo presentes, as necessárias para que o jogo fosse transmitido, organizado, etc. Houve uma série de restrições que, de facto, condicionaram o trabalho de toda a gente - nós próprios a trabalharmos de máscara... Quer dizer, uma coisa é fazermos 90 minutos de um jogo com uma máscara. Outra coisa é sem máscara, estarmos completamente à vontade. Em vez de fazermos um percurso específico, temos que entrar num lado e sair no outro, coisas que a DGS impôs, que as autoridades de saúde impuseram. As zonas mistas, por exemplo, acabaram, enfim, uma série de constrangimentos. Muito menos gente nas conferências de imprensa, por exemplo.

Q: E nos noticiários?

Era tudo muito à volta da pandemia. Toda a atividade noticiosa era em torno da pandemia. Lembro-me de, algumas vezes, ter de fazer reportagem em bloqueios da polícia, em operações especiais para que as pessoas não pudessem sair da zona metropolitana de Lisboa ou, em dias específico, por exemplo, fizemos muitas reportagens sobre o problema da circulação, porque as pessoas não podiam circular à vontade de um concelho para o outro, enfim... só à volta desse tema, nós fizemos



imensos trabalhos, reportagens, imensas horas de direitos, só com isso. Depois, havia tudo o resto. Portanto, como é que as escolas funcionariam, enfim... todo o país, toda a nossa realidade do mundo estava condicionada, a realidade com que lidávamos estava condicionada pela pandemia. Daí também os conteúdos noticiosos.

Q: A pandemia e as notícias relacionadas com a pandemia obrigaram os jornalistas a adaptar-se, a encontrar novas formas de produzir conteúdo, de chegar às fontes, coisas deste género?

Sim, completamente. Tivemos de criar formas, sobretudo, formas à distância. Com os meios que temos hoje em dia, já é mais fácil. Se estivéssemos aqui há 50 anos a trabalhar no jornalismo, se calhar, não teríamos acesso tão facilitado às fontes. Nomeadamente, por exemplo, para quem faz televisão, hoje em dia já existe uma facilidade incrível a nível de chamadas de vídeo, de qualidade de chamadas de vídeo, qualidade a nível de som, chamadas, suportes digitais como o Whatsapp, essas plataformas que conhecemos, portanto, tudo isso ficou mais facilitado.

Tivemos que adaptar a nossa forma de trabalhar. Em vez de muitas vezes irmos ter com as fontes, ou fazermos entrevistas presenciais ou reportagens mais no local, tentámos numa fase mais crítica, lá está, numa fase de maiores condicionalismos, tentámos fazer à distância e fomos conseguindo fazer esse trabalho à distância. É claro que depois disso reduz o contacto com as fontes, mas isso depois já será um problema... o problema do contacto com as fontes agravou-se, obviamente na pandemia, mas já era um problema, nomeadamente no que diz respeito ao futebol, já é um problema que vem de trás, já é um problema que decorre de um certo fechamento dos clubes ao contacto com os jornalistas. E, portanto, essa atitude tem acabado por condicionar o contacto com as fontes numa base mais regular.

Q: Esteve em teletrabalho em alguma fase da pandemia?

Esporadicamente.

Q: Afetou-o de alguma forma a nível pessoal e profissional?

Não. É como digo, possuo uma capacidade de adaptação que decorre já da minha experiência e é uma coisa que não me afeta minimamente. Faço o trabalho que tenho a fazer sem muitos constrangimentos. A pandemia existe, temos que nos adaptar e trabalhar com aquilo que temos, e não foi difícil. Aliás, não tive muitos problemas,



confesso, a desempenhar o meu papel nesta pandemia, não tive assim... grandes problemas. Há sempre forma de conseguir contornar as limitações e chegar onde nós queremos. Claro que os contactos pessoais foram muito mais reduzidos e isso implica uma certa frieza no relacionamento com as fontes... mas isso aí, é como tudo.

Q: Que papel é que a Antena 1 desempenha numa pandemia?

É um papel importantíssimo, nomeadamente uma rádio de serviço público como é a Antena 1 e todas as antenas de serviço público. Estamos a falar aqui da RDP África, RDP Internacional, Antena 1 Açores, Antena 1 Madeira, enfim... todas as antenas do serviço público têm uma responsabilidade acrescida, além de que a rádio chega a públicos que muitas vezes não são atingidos pela televisão e pela internet. Quem, por exemplo? Estou a lembrar-me de pessoas com dificuldades em ver, as pessoas com essa dificuldade... a rádio desempenhou, creio eu, nesta pandemia e continua a desempenhar um papel importantíssimo de informação e os conteúdos obviamente precisam de ter uma componente de credibilidade acentuada. Temos que ter muito cuidado com as informações que divulgamos porque isso é absolutamente crucial de modo a que as pessoas consigam enfrentar isto de uma forma mais informada e, decisivamente, isso contribui de uma forma absolutamente, enfim, indesmentível.

Não vejo outra forma de encarar esta missão do serviço público, se não assim dessa forma, ou seja, transmitir credibilidade às pessoas, boas informações, informações em que as pessoas possam confiar, e esse foi o nosso esforço, acho eu, e acho que foi um esforço conseguido. Daquilo que fui ouvindo e do que percebo que foi o nosso trabalho, penso que conseguimos fugir de certas tentações, mantivemo a nossa credibilidade intacta e informamos bem as pessoas e conseguimos mantê-las, digamos, manter as pessoas com sentido crítico, a perceber o que é bom, distinguir o bom do mau, o que é bom para elas, em termos informativos, do mau, eu penso que nós conseguimos fazer isso bem.

Q: Com a atualidade a ser dominada pela COVID-19, houve tempo para dar destaque a temas que não envolvessem o vírus?

Houve, houve tempo... penso que isso dependeu muito das fases em que estávamos na pandemia. Nas fases mais críticas, mais agudas, a pandemia e tudo o que é relacionado com a pandemia dominou a atualidade. Nas fases mais críticas, o conteúdo informativo andava muito mais à volta da pandemia, de tal maneira que, como disse no



início, tivemos que desmontar o nosso esquema de antena habitual para passarmos a ter apenas noticiários e o resto da programação, e os noticiários específicos como a área do desporto, porque não existia conteúdo. Tivemos que desmontar as equipas para podermos trabalhar em espelho, para podermos ter pessoas suficientes para darmos, lá está, informação credível às pessoas, rigorosa, sem as tentações de transmitirmos alarmismos, etc.

Mas penso que, retomando um bocadinho o fio à meada, nas fases mais críticas sim, falou-se mais sobre a COVID-19, sobre o impacto da COVID-19 em todas as atividades. Isso é normal. Mas houve aqui uma fase no nosso caso do desporto, houve uma fase de retorno. Os campeonatos profissionais regressaram e com isso acabámos por manter o nosso espaço e, obviamente, ter os noticiários normais e os conteúdos normais. Há uma redução da atividade desportiva? Claro, há uma redução significativa. Os campeonatos, por exemplo, que eram equiparados a profissionais, voltaram também, de andebol, de basquetebol, etc, mas, lá está, sem público.

Depois, há uma série de coisas que gravitam em torno deste problema da pandemia, como as dificuldades dos clubes, por exemplo, da formação, todo esse tipo de notícias que acabam por ser topo de atualidade. Todos sabemos que os clubes têm dificuldade em qualquer fase da sua existência, os clubes mais pequenos. Mas os clubes mais pequenos, por causa da pandemia, tiveram dificuldades acrescidas e alguns acabaram. Ouvia notícias de alguns clubes que não conseguiram resistir ou fecharam temporariamente, tudo isso foi condicionado pela pandemia.

Q: Houve alguma altura em que a quantidade de informação com que tinham de lidar se tornou demasiada?

Sim, mas isso foi um desafio. Neste momento, não tanto porque já estamos numa fase em que temos 85% da nossa população vacinada, ou seja, encontramos-nos numa fase de desconfinamento quase total e, portanto, as coisas estão a andar. Agora, em relação às fases mais críticas, àquelas fases em que houve mais infetados, mais mortos, etc, isso obviamente condiciona. A filtragem foi muito mais necessária nessa altura, mas sobretudo no início de tudo isto, quando surgiram várias informações que eram informações falsas a que nós tínhamos de resistir.

Q: A pandemia torna a veracidade da informação mais difícil de assegurar?

Se estivermos no contexto atual, olhando para aquilo que são as redes sociais, o poder de amplificação das mensagens nas redes sociais e se estivermos no meio de uma pandemia, obviamente acontece aquilo a que assistimos.

Se já antes da pandemia havia informações que eram divulgadas e que eram informações falsas, com a amplificação das redes sociais, utilizando esse meio... então numa pandemia torna-se muito mais crítico olhar para as informações que temos e perceber se elas são ou não verdade e, portanto, é claro que sim, é notório... tanto que se criou, inclusive, aquele tipo de programa para distinguir aquilo que é verdadeiro do que é falso, o que é mais ou menos verdadeiro do que é mais ou menos falso, mas isso... o *fact checking* é uma vertente do jornalismo que desconhecíamos ou não tínhamos noção de que isso existia e cada vez mais é necessário hoje em dia, mas não só pela pandemia.

Tem que ver com as circunstâncias em que vivemos em que qualquer pessoa pode divulgar uma informação na sua página de Facebook e, portanto, só a mediação desses agentes é que pode garantir que isto tem aqui algum controlo, porque se não, se qualquer pessoa pode divulgar uma informação, do estilo... o vírus corona também é capaz de causar o cancro, qualquer pessoa pode escrever isto numa página e isto pode ser amplificado por todo o mundo, quer dizer, a uma escala global. É uma informação que não é cientificamente correta nem provada, mas as pessoas podem fazer isso e podem transmitir essa informação para muita gente em pouco tempo. Daí a importância de lidarmos com essa quantidade. De facto, existiu uma quantidade exacerbada de informações falsas e foi um grande desafio para nós, sim.

Q: A rádio viu-se obrigada a alterar muito os seus conteúdos?

Tivemos de concentrar a nossa atenção na pandemia em todas as áreas. Lembrome perfeitamente de quando a OMS declarou a pandemia, começaram a surgir preocupações, por exemplo na liga de futebol profissional, se os campeonatos iam parar ou não, o que é que se ia fazer, se acabariam com o público nos estádios ou não e isso depois veio a acontecer... A partir do momento em que a pandemia foi oficializada pela OMS, é claro que começamos a receber informações de vários quadrantes em reação a essa decisão.

Tendo em conta todas as matérias sanitárias que uma pandemia implica e o reflexo que é conhecido na vida de todos nós e nos diversos setores da sociedade e da



forma como nos organizamos em sociedade, desde o desporto até à política, tudo isso foi impactado pela COVID e, portanto, esse momento decisivo. A partir daí, nós próprios na rádio começámos a receber informações das direções sobre a nova forma de reorganização.

Apêndice 6 – Entrevista a Maria de São José, subdiretora de Informação da Rádio – Antena 1, 2, 3, RDP Internacional e RDP África.

Q: Que desafios a pandemia trouxe à rádio?

Desde logo, o desafio de reorganizar a redação que passou a funcionar com “equipas espelho”, que rodavam quinzenalmente. Os jornalistas da editoria de Desporto e alguns da editoria de Política integraram estas equipas, bem como os jornalistas do Portugal em Direto, ou da RDP Internacional que asseguram o Jornal das Comunidades nessa Antena. A redação pôde, com esta organização, funcionar mais segura, já que enquanto a “primeira ronda” de equipas estava a trabalhar presencialmente, a “segunda ronda” estava em casa como *backup*.

Além deste enorme desafio de garantir ao máximo a segurança e a saúde de todos, a pandemia trouxe o desafio editorial de manter os ouvintes informados com o máximo rigor, numa altura em que era brutal a quantidade de informação a circular, por vezes, contraditória, mesmo nos meios mais oficiais e credíveis. Estávamos todos a aprender a viver numa nova realidade. A ciência, os especialistas em saúde estavam todos a conhecer e a reagir ao novo coronavírus.

Q: Como considera ter sido a sua adaptação à pandemia, no seu caso pessoal?

Em termos profissionais, foi uma adaptação exigente, que procurei realizar de forma eficiente, mas serena, consciente de que era muito importante transmitir essa segurança e serenidade a cada um dos jornalistas e a todas as equipas da redação da Rádio Pública.

Q: Sentiu-se alguma dificuldade no resto da equipa ou foi uma adaptação uniforme?

Houve, desde logo, alguns jornalistas identificados pela Medicina do Trabalho como “Grupo de risco” que, por isso, foram de imediato para teletrabalho. Além destes



profissionais, outros jornalistas foram colocados pela direção a trabalhar a partir de casa, por motivos pessoais diversos. O teletrabalho foi um desafio, sem dúvida.

Mas, principalmente nos primeiros tempos da pandemia em que a incerteza e o receio eram muito intensos, o maior desafio e as maiores dificuldades foram, seguramente, para quem realizou trabalho presencial. As equipas da Rádio Pública estiveram 100% à altura destes desafios, mantendo o profissionalismo, a união e a máxima tranquilidade possível.

Q: A empresa lidou bem com as mudanças “forçadas” pela COVID-19?

Sim. Todas as medidas de higienização e de segurança foram sendo tomadas, à medida que as próprias autoridades de saúde as iam recomendando. Todas as medidas e procedimentos foram respeitados e, ainda hoje, já com o país em desconfinamento, a empresa mantém cautelas, a que todos aderem.

Q: Em termos noticiosos, o que é que se alterou com a entrada em cena da pandemia?

A antena foi conduzida e organizada, com base nos ritmos da informação sobre a pandemia, sendo transmitidos em direto todos os momentos importantes para manter a população informada – as conferências de imprensa da DGS, o Conselho de Ministros, as reuniões do Infarmed, as várias declarações que o Presidente da República, o primeiro-ministro e outros membros do Governo iam fazendo. Além da transmissão em direto, eram depois levados à antena especialistas nas várias áreas da saúde para ajudar a enquadrar, explicar melhor, esclarecer todas as informações que surgiam.

Q: A pandemia e as notícias relacionadas com a pandemia obrigaram os jornalistas a adaptar-se, a encontrar novas formas de produzir conteúdo, de chegar às fontes, coisas deste género?

A pandemia veio, no fundo, levar os jornalistas a aplicar com toda a responsabilidade, todos os princípios que devem pautar e guiar esta profissão, sempre. A realidade era nova, as informações corriam a um ritmo em que se impunha, muitas vezes, parar, refletir, procurar quem as verificasse antes de serem dadas em antena. Impôs-se não ter pressa. Mais vale sermos os últimos a dar, mas darmos rigorosamente, do que sermos dos primeiros a dar informações que não viessem a confirmar-se como inicialmente tinham circulado.



Q: Esteve em teletrabalho durante alguma fase da pandemia? Se sim, isso afetou-a pessoal e profissionalmente?

Na fase das equipas espelho, a direção de informação dividiu-se também nesta lógica, pelo mesmo motivo – a segurança de cada um e de todos. Profissionalmente, foi um desafio estar em casa, sem sentir o pulsar da redação, que só se sente de forma presencial.

Mas mesmo com alguns dos elementos em teletrabalho de forma rotativa, a direção sempre trabalhou em equipa, acompanhando a redação, organizando-a, orientando-a e apoiando-a editorialmente. Quando estavam em trabalho presencial, os elementos da direção foram à antena sempre que necessário conduzir emissões especiais.

Q: Que papel é que a Antena 1 desempenha numa pandemia?

Um papel essencial, quer pelas transmissões em direto, quer pelo enquadramento e esclarecimento pedido sempre a especialistas e técnicos. Foram feitas inúmeras reportagens que acrescentavam valor informativo e mostravam a realidade vivida quer nos serviços de saúde e nos lares, quer nas casas dos portugueses ou nos vários locais de trabalho ou nas escolas, quer no estrangeiro onde os correspondentes da Rádio foram fazendo reportagens e trazendo à antena as realidades da pandemia noutros países.

Q: Na fase inicial da pandemia, a rádio alterou muito os seus conteúdos?

Alterou devido à necessidade de acompanhar as informações dadas em conferências de imprensa diárias e declarações que traziam notícias e esclarecimentos essenciais para que as pessoas pudessem estar informadas, alertadas para a situação, mas de forma rigorosa, responsável e serena, sem alarmismo.

Q: Que efeito teve a COVID-19 nos noticiários?

A pandemia era o tema dominante em Portugal e no Mundo. Na fase inicial, principalmente, os noticiários começavam e terminavam com o tema nos seus mais variados ângulos. Foram, por isso, sempre que necessário, noticiários mais alargados, com intervenientes em direto para esclarecer, no imediato, informações novas.

Q: Com a atualidade a ser dominada pela COVID-19, houve facilidade e tempo para dar destaque a temas que não envolvessem o vírus?

No início, o tema era absolutamente dominante. Com o passar do tempo, foram surgindo naturalmente outros assuntos que, consoante a importância, foram ganhando natural espaço nos noticiários.

Q: Houve alguma altura em que a quantidade de informação com que tinham de lidar, dentro e fora da COVID, se tornou demasiada?

Quando começaram a surgir outros temas da atualidade que já não eram ângulos da pandemia, mas sim temas independentes da COVID, houve um momento de transição em que todos sentimos a necessidade de dar mais espaço a outros assuntos. Isso foi sendo feito, de forma gradual.

Q: A pandemia tornou a veracidade da informação algo mais difícil de assegurar?

De alguma forma sim, pelas razões que já referi. A realidade era nova, a própria ciência estava a evoluir, a investigar, a estudar, surgiam as vacinas e novos medicamentos. Foi necessário ouvir vários especialistas, que nem sempre concordavam uns com os outros. Era preciso dar voz aos técnicos, questioná-los e tentar tirar as dúvidas, sem criar alarme, sabendo que estávamos a viver todos um contexto de incerteza geradora de receios e inseguranças.

Q: Como é que uma direção lida com as mudanças súbitas e inesperadas impostas por uma pandemia?

Da forma que fui referindo nas respostas anteriores e que posso resumir assim:

Com muita responsabilidade, orientando sempre no sentido do rigor. Com consciência de que é imperioso o equilíbrio entre a máxima eficácia na organização da redação e a humanidade de entender e amparar cada um dos seus elementos. Com um enorme sentido de missão, exigindo mais a nós próprios do que aos outros.

Q: A pandemia obrigou-vos a alguma gestão diferente da habitual dos jornalistas? E do conteúdo noticioso?

Como referi, foram criadas equipas espelho e foram colocados alguns jornalistas em teletrabalho. As notícias da pandemia foram sendo geridas com transmissões em direto, debates, entrevistas e reportagens. Muitos dos ângulos da pandemia foram contados e esclarecidos através de “séries” de segunda a sexta, com uma reportagem/debate/entrevista por dia.



Q: Houve constrangimentos financeiros à realização de algum tipo de atividade jornalística?

Não, nenhum constrangimento.